

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
MESTRADO EM HISTÓRIA

MILTON JOSÉ GIACONETTI

**AS LUZES NO CÉU E A GUERRA FRIA
DO LIMIAR DO CONFLITO AO
IMAGINÁRIO SOBRE OS DISCOS VOADORES
1945-1953**

Porto Alegre

2009

MILTON JOSÉ GIACONETTI

AS LUZES NO CÉU E A GUERRA FRIA
DO LIMIAR DO CONFLITO AO IMAGINÁRIO SOBRE OS DISCOS VOADORES
1945-1953

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em História, área de concentração: História das Sociedades Ibéricas e Americanas.

Orientador: Prof. Dr. Moacyr Flores

Porto Alegre
2009

MILTON JOSÉ GIACONETTI

AS LUZES NO CÉU E A GUERRA FRIA
DO LIMIAR DO CONFLITO AO IMAGINÁRIO SOBRE OS DISCOS VOADORES
1945-1953

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em História, área de concentração: História das Sociedades Ibéricas e Americanas.

Aprovado em _____, pela Comissão Examinadora

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof. Dr. - PUCRS

Examinador: Prof. - PUCRS

Examinador: Prof. - PUCRS

AGRADECIMENTOS

Gostaria de expressar o meu reconhecimento e admiração àqueles que desde o bacharelado (1997-2001) me auxiliaram de um jeito ou de outro, contribuindo à produção desta dissertação. A Hamilton Bichinho e Grace Frigo pelo presente-coletânea de rock progressivo que embalou este trabalho; ao meu colega Guilherme Radim e suas opiniões sempre bem humoradas; ao companheiro de música, Primo Lord e as *indiadas* inesquecíveis; a amiga e colega Patrícia Martins, e a sua idéia (1998) de trabalhar o tema desta dissertação sob o imaginário; a Anastácio Silveira e seu relato da *garrafa iluminada* (onde tudo começou); a Marcos B. Rodrigues e sua interessantíssima e original entrevista; ao amigo Dr. Atilio dos Santos de Oliveira pela sua atenção e carinho; às direções escolares sob às quais atuei e atuo que, ao driblarem o descaso e a indiferença do governo atual acerca da Educação, me auxiliaram nos momentos mais complicados; ao pesquisador e escritor Carlos Roberto da Costa Leite pelas sugestões bibliográficas no Museu de Comunicação Hipólito José da Costa (MCHJC); e a minha preciosa mãe, Maria Alzira de Oliveira que sempre esteve do meu lado com boas críticas.

Aos professores René Gertz pelo respeito e dedicação aos seus alunos; a Harry Belomo e o inesquecível *VI Encontro de Pesquisadores em História de 1999*, ao qual me auxiliou em minha primeira publicação em relação ao tema desta; a Klaus Hilbert pelo respeito e solidariedade; a Marinês G. Krug pela assistência na pesquisa (*Mogul*); a Maria José Barreras pelo carinho, atenção e principalmente pela crítica à conclusão de minha monografia, a qual fez parte da Banca Examinadora, em 2001; a Hilda Flores por ter me recebido em sua casa sempre com muita atenção e carinho, e sua delicada intervenção sobre o *cujo mesmo*; a Janete Abrão pelas enriquecidas dicas bibliográficas sobre a Guerra Fria; a Secretaria e a Coordenadoria do Programa de Pós-Graduação em História (PPGH) da PUC-RS; a Ana Ibãnos que, além de ter participado da Banca Examinadora de minha monografia, tecendo críticas muito construtivas, mais uma vez terá a paciência de ler algo deste acadêmico, participando da Banca Examinadora desta dissertação no PPGH; a Margareth Bakos pela atenção e principalmente pela realização de um sonho: participar como escritor numa *Feira do Livro de Porto Alegre*; e a não só

professora, mas amiga, Elisabeth Rochadel Torresini, cujas contribuições para este trabalho foram e sempre serão inestimáveis.

Gostaria também de agradecer aos funcionários do MCHJC; da Central de Pesquisas e Jornais Correio do Povo; da Biblioteca da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul; da Biblioteca Pública do Paraná; e especialmente às funcionárias, Nerci Silva da Silva e Cláudia Moreira, cujas recepções além de humanizarem os prédios e seções aos quais trabalham, trouxeram-me paz nos momentos mais angustiantes.

Duas pessoas foram importantes demais para esta dissertação: o meu orientador Moacyr Flores, cuja honestidade, dedicação e eficiência fizeram com que sempre me sentisse confiante em escrever esta. Suas idéias e indagações foram um raro e verdadeiro norte não só para este trabalho, mas para minha vida como professor e homem; e a minha esposa, Aline Rocha de Andrade (ela ainda não fez a nova identidade!): sem sua paciência em decifrar os meus glifos; suas sugestões em algumas questões espinhosas, sua dedicação em me ouvir e me acalmar, enfim, sem seu calor ... eu, com certeza, seria vencido pelo tempo e por mim mesmo. Este trabalho é dedicado a ela.

*Todos estes mundos são seus...
Exceto o Europa.
Não tentem aterrissar lá.*

Arthur Clarke

RESUMO

O fenômeno sobre as Luzes no Céu é pertencente às fontes documentais, e a humanidade sempre preocupou-se em relatá-lo, desde a antiguidade aos dias atuais. A presente dissertação, cujo tema central é o imaginário sobre o fenômeno, teve como sua inspiração o relato de um pescador da Praia do Rosa, Santa Catarina, ao qual, no início dos anos 1950, teria presenciado e sofrido, no canto norte daquela praia, a ação de uma luz em forma de garrafa vinda do céu. Aquele relato logo transformou-se num catalisador para esta pesquisa, a qual observou, que, ao menos no mundo capitalista, principalmente nos grandes centros urbanos, o fenômeno era uma das principais preocupações sociais daquele período. Mas como analisar aquela realidade social e demonstrá-la na óptica historiográfica? Através da História do Imaginário e da análise e compreensão da época – a mesma pertenceu à primeira fase da Guerra Fria (1947-1953) –, desenvolveu-se então para este estudo os seguintes objetivos e capítulos. Como o tema desta dissertação inseriu-se na realidade da Guerra Fria, foi destacado, no primeiro capítulo, a construção do conflito (1945-1949) e sua conseqüente ameaça Nuclear, a qual produziu no imaginário ocidental a apreensão sobre o que o governo soviético estaria ou não planejando para os países capitalistas. Diante daquele imaginário, destacou-se no segundo capítulo (1947-1951) o surgimento de uma nova forma de luz no céu, a imagem do disco voador, cujos relatos e boatos constituíram-se num fenômeno da Guerra Fria, pois aquelas sociedades passaram a imaginá-la como uma máquina invasora soviética; e também, extraterrestre. O módulo demonstrou ainda um dos principais objetivos deste trabalho: o impacto social que os relatos sobre o fenômeno causaram no Ocidente. No último capítulo, além do mesmo ter constatado através dos meios de comunicação, o interesse social, em especial do público brasileiro, pelo fenômeno das Luzes no Céu dos discos voadores, foi demonstrado como os governos, principalmente o dos Estados Unidos, utilizaram o imaginário sobre o fenômeno em suas políticas. Uma prática que os governos atuais parecem ainda fazer.

Palavras-chave: Luzes no Céu, Guerra Fria, Imaginário, Discos Voadores, Fenômeno, Nuclear.

ABSTRACT

The phenomenon of Lights in the Sky refers to documentary sources, and humanity has always been concerned about reporting it from antiquity through modern times. This dissertation, whose central theme is about the imaginary of this phenomenon, was inspired by a fisherman's account in Praia do Rosa, Santa Catarina. Early in the 1950's he reported having experienced and felt the effects of light shaped like a *bottle* coming from the sky at the north end of the beach. That account soon became a trigger for this research. It was observed that, at least in the capitalist world and especially in big urban areas, the phenomenon was one of the main social concerns of that time. But how could that social reality be analyzed and be demonstrated from a historiographic viewpoint? Through the History of the Imaginary and analysis and understanding of that period of time –the same as the first phase of the Cold War (1947-1953) – the following objectives and chapters have been developed. As the theme of this dissertation is inserted in the Cold War reality, the construction of the conflict was highlighted in the first chapter (1945-1949), as well as the subsequent Nuclear threat, which generated in the imaginary of the West fierce apprehension about what the Soviet government would or not be planning for the capitalist countries. Considering that imaginary, the appearance of a new form of light in the sky – the image of a flying saucer – was pointed out in the second chapter (1947-1951). The reports and rumors of that image constituted a phenomenon of the Cold War because those societies came to believe it was a Soviet invasion machine as well as an extraterrestrial one. This chapter still demonstrated one of the main objectives of this paper: the social impact the accounts of the phenomenon had on the West. In the last chapter, aside from social interest - especially Brazilian - having been evidenced through the media on the phenomenon of the Lights in the Sky of flying saucers, it was demonstrated how governments, especially the United States, used the imaginary about the phenomenon in their policies. Something governments still seem to do today.

Key words: Lights in the Sky, Cold War, Imaginary, Flying saucers, Phenomenon, Nuclear.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - A Europa do Leste em 1948.....	37
Figura 2 - Zonas de Ocupação de Berlim e as pontes aéreas	40
Figura 3 - O aceno das crianças de Berlim Ocidental ao socorro aéreo de 1948.....	42
Figura 4 - Ramey e o Balão	61
Figura 5 - Cenas do filme: o pouso em Washington e o adeus	90
Figura 6 - “Arma secreta ou aeronave interplanetária?”	94
Figura 7 - “Os discos voadores existem”.....	98

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 A CONSTRUÇÃO DA GUERRA FRIA (1945-1949)	20
1.1 YALTA E POTSDAM, O PRELÚDIO DA GUERRA FRIA	21
1.2 O MEDO	26
1.3 AS AÇÕES E REAÇÕES: GUERRA FRIA	32
1.4 O CERCO DE BERLIM: UMA FRONTEIRA NO CÉU	38
1.5 A BIPOLARIDADE NUCLEAR	43
2 A GUERRA FRIA E O FENÔMENO DOS DISCOS VOADORES (1946-1951)	48
2.1 AS LUZES, SUAS ÉPOCAS, SUAS FORMAS	48
2.2 UMA NOVA PREOCUPAÇÃO, UM ANTIGO MISTÉRIO	53
2.2.1 As Luzes de Cascade e o nascimento do disco voador	55
2.3 O INCIDENTE DE ROSWELL	57
2.3.1 O Encobrimento do governo: o Projeto Mogul	62
2.4 O IMAGINÁRIO E AS LUZES NO CÉU	67
2.4.1 O caso Mantell e o imaginário	73
2.5 AS LUZES NO CÉU NO BRASIL: ESTUDOS DE CASO	75
2.6 UMA TRAGÉDIA SOCIAL E UMA PAUSA NO FENÔMENO	78
3 1952, O ANO DOS DISCOS VOADORES	80
3.1 DA GUERRA ÀS LUZES NO ESPAÇO AÉREO DA CORÉIA	81
3.2 1952, O ANO DOS DISCOS VOADORES	84
3.2.1 O Cinema e os discos voadores	85
3.2.2 A Imprensa de <i>O Cruzeiro</i>	90
3.3 A TRADUÇÃO DOS DISCOS VOADORES EM VERDADE	96
3.4 O <i>PROJECT BLUE BOOK</i> E AS TORRES DE RADAR	100
3.5 OS DISCOS VOADORES EM ESCREVE O LEITOR	108
3.6 O FINAL DE UMA FASE	111
CONCLUSÃO	113
REFERÊNCIAS	119

INTRODUÇÃO

O imaginário acerca das Luzes no Céu, tema desta dissertação, fêz-se presente nas fontes documentais, e desde a antiguidade a História tem guardado relatos sobre o assunto. O fenômeno das Luzes no Céu, do imperador Constantino a algum piloto anônimo da Segunda Guerra Mundial, teve as mais diversas denominações e descrições: de *prodígios* no céu a *cruzes cor de sangue*; de *charutos* voadores a *bolas luminosas*, os *foofighters*. Enfim, a humanidade, ao lado de seus sistemas de valores, crenças e comportamentos, preocupava-se com o fenômeno, mantendo-se disposta em descrevê-lo. Mas ao representá-lo, o imaginou de acordo com o próprio contexto sócio-político e cultural, e com as novas Luzes no Céu da Guerra Fria, os *discos voadores*, não pareceu ser diferente.

A presente dissertação não tem preocupação ou objetivo algum em provar ou não a existência das Luzes no Céu ou dos discos voadores, mas sim perceber e compreender o interesse e o impacto sociais que seus relatos provocaram na sociedade ocidental, durante o período inicial da Guerra Fria. Ou seja, de 1947 ao final da Guerra da Coréia, em 1953. No entanto, para se ter uma idéia mais clara sobre o que significou aquele conflito, a pesquisa recuou ao ano de 1945, em que os Aliados planejavam o futuro do planeta para depois da guerra.

Com o objetivo de se entender o impacto social e o interesse das sociedades em relação ao tema apresentado – tema este que incentivou comportamentos, crenças e valores na humanidade que o relatou ao longo da História – foram desenvolvidos alguns objetivos específicos. Tais como: demonstrar os fenômenos das Luzes no céu, como um fenômeno da Guerra Fria. Ou seja, a História sempre analisou o confronto sob a óptica ideológica, política ou econômica, esquecendo-se de que o fenômeno fez parte daquele contexto, no imaginário das sociedades capitalistas. Porque já havia o medo de uma invasão soviética e a imagem construída do disco voador corroborou àquele sentimento: o receio de que os discos voadores pudessem ser armas russas, ou pior, engenhos pilotados por comunistas prontos e sedentos em tomar os Estados Unidos e os demais países Aliados.

Mas de que maneira se desenvolveu aquele temor? Em relação à pergunta, entendeu-se que seria necessário analisar, no primeiro capítulo, a forma como a

Guerra Fria foi construída, e o modo como os governos utilizaram-se dela para seus propósitos. Para se compreender aquele confronto que a princípio manteve-se sem guerra e sem paz, coexistindo num clima beligerantemente diplomático, ao menos até a Guerra da Coreia (1950-53), foi necessário destacar os acordos anteriores ao final da Segunda Guerra Mundial, como os de Yalta e Potsdam (ambos de 1945), não esquecendo também de comentar sobre o de Teerã (1943) apesar do mesmo fugir ao recorte de tempo deste trabalho. Neles, será analisado como os Três Grandes (Estados Unidos, Inglaterra e União Soviética), na busca por entendimentos quanto às retaliações ao Eixo, começaram a se comportar, bipolarizando o planeta num duelo de poderes entre os que defendiam o capitalismo ou o comunismo, como forma mais justa de se viver.

Neste capítulo será necessário descrever as ações políticas dos principais personagens que construíram a Guerra Fria e conseqüentemente o medo nas sociedades de um novo, decisivo e aniquilador confronto. De um lado, Harry Truman, recém empossado presidente estadunidense – Franklin D. Roosevelt havia morrido antes de terminar a Segunda Guerra – e seu aliado e ainda primeiro ministro Winston Churchill; e do outro, Joseph Stalin, cujos objetivos contrariavam radicalmente os dois chefes anteriores. Truman e Stalin sabiam o quanto eram poderosos. Os Estados Unidos da América (EUA) além de possuírem reservas de ouro invejáveis por qualquer país no início do pós-guerra, tinham também o domínio Nuclear, embora a União Soviética (URSS) tivesse o exército mais numérico e poderoso.

Cientes de suas realidades, os EUA e a URSS passaram, então, a se desafiar e a trilhar caminhos opostos no sentido de salvar os seus sistemas. Truman assumia-se através da velha Doutrina Monroe, como o defensor e porta-voz das *democracias livres*: a criação do Plano Marshall de ajuda econômica aos países europeus saídos da guerra, era um puro reflexo daquilo; e Stalin, por sua vez, criava o Kominform, ou seja, a antiga Internacional Comunista. O chefe russo sabia da frágil situação de seu país, pois em 1946 – como se verá logo a seguir – a miséria castigava os soviéticos. Por causa daquilo, precisava assegurar a sua hegemonia, e alguns aliados na Europa Ocidental não seria má idéia para a prosperidade do comunismo. Mas o socorro financeiro do capitalismo abalou aquelas esperanças.

Esperanças que ficaram ainda mais soterradas quando o Kremlin soube que os EUA, Inglaterra e França pretendiam criar uma nova moeda para circular em suas zonas de ocupação na Alemanha.

A saída que Stalin encontrou não poderia ser menos beligerante, bloqueando o acesso terrestre a Berlim, na tentativa aparentemente desesperada de fazer com que os chefes capitalistas mudassem de idéia: no imaginário político de Moscou não se poderia, em hipótese alguma, aceitar uma moeda capitalista tão próxima de sua zona de ocupação.

O cerco de Berlim (1948-49) foi o primeiro momento realmente caótico da Guerra Fria. O que não faria Stalin se o mesmo tivesse em mãos o controle da tecnologia Nuclear naquele momento? Contudo, alguns meses depois do final do bloqueio, os EUA detectaram precipitações radioativas no espaço aéreo da União Soviética. O monopólio atômico estadunidense encontrava o seu fim. Bastou que Truman informasse ao público que os soviéticos detinham a tecnologia da bomba atômica, para que a insegurança e as incertezas tomassem conta do imaginário social do Ocidente, e aquelas sociedades passaram a se questionar: além do domínio Nuclear, que novas armas tecnológicas os comunistas não estariam preparando para sondar, explorar e invadir o *mondo livre*, já que há algum tempo relatos sobre estranhos objetos voadores e luminosos tumultuavam o seu cotidiano?

O segundo capítulo terá como objetivo principal, além de contextualizar a questão anterior, perceber e compreender o interesse e o impacto social referentes ao fenômeno das Luzes no Céu. A partir de uma síntese de relatos – desde a antiguidade à Segunda Guerra Mundial –, cujas descrições sobre o fenômeno estiveram estreitamente ligadas ao imaginário daqueles que as produziram, será destacado e analisado o nascimento da imagem e do mito do disco voador; um mito que incorporou-se como um fenômeno da Guerra Fria para o imaginário do final dos anos 1940 e início dos anos 1950.

Com base nas documentações encontradas – algumas somente no idioma original, o inglês, – a pesquisa, após observar a criação da imagem do disco voador, enfocará um incidente com a queda de um suposto disco voador ocorrido na região de Roswell, Novo México, relacionando-o com um dos principais produtos da Guerra Fria, desenvolvido pela Universidade de Nova York em parceria com o governo

Truman, o Projeto *Mogul*. A princípio, só para se ter uma idéia, devido ao caráter ultra-secreto daquele projeto, nem mesmo os próprios cientistas sabiam exatamente o que construíam: conheciam os objetivos do *Mogul* – detectar através de balões de sondagem, explosões nucleares na URSS – mas os detalhes do mesmo, não. E foi durante a construção daqueles balões, em 1947, que os boatos, cada vez mais crescentes sobre a queda de um suposto disco voador em Roswell, passaram a desviar as atenções do mundo para aquele lugar, e o governo dos EUA, ao menos naquele momento, não precisava daquilo.

Neste capítulo será também conceituado o termo imaginário, ao qual será contextualizado, ao longo desta dissertação aos acontecimentos sócio-culturais junto às crises políticas do pós-guerra. Em relação ao modelo econômico, sabe-se que há um encobertamento sobre as crises e as guerras, mas que este trabalho reserva isso para uma outra pesquisa. Embora, como se verá a partir deste módulo, que a economia de Roswell usufruiu e atualmente prospera com aquele imaginário, ao qual auxiliou na construção do mito – conceito que também será tratado neste capítulo – do disco voador.

Em relação às crises políticas, o ano de 1947 foi marcado pela necessidade do governo Truman em manter uma unidade capitalista, não só na Europa Central, mas nas Américas, e o governo brasileiro de Eurico Gaspar Dutra trabalhava para aquele objetivo. Aliás, foi naquele ano que realizou-se a Conferência Interamericana, em Quitandinha, Rio de Janeiro, a qual tinha como objetivo a integração de um bloco anticomunista no continente, tudo de acordo com as vontades e objetivos de Washington. 1947 também foi o ano em que o fenômeno do disco voador politicamente, conforme o imaginário, tornava-se um fenômeno da Guerra Fria: com exceção daqueles que acreditavam em visitas interplanetárias, muitos creram nas Luzes no Céu, na imagem do disco voador, como uma nova arma russa.

Além do Incidente em Roswell e do ultra-secreto Projeto *Mogul* aos quais corroboravam à idéia de que no espaço aéreo americano havia mais do que estrelas e máquinas construídas pela inteligência humana ou estadunidense, o capítulo enfocará um acidente sofrido por um capitão da Força Aérea dos EUA, ao qual o mesmo teria morrido, perseguindo o fenômeno. Também através de entrevistas realizadas no litoral de Santa Catarina buscar-se-á conhecer o imaginário daqueles

que viviam longe das capitais, suas concepções sobre as Luzes no Céu; e por fim, fechará com uma tragédia social, ocorrida em Quito, em 1949, produzida por uma rádio local, a qual resolveu, a partir de uma obra escrita no século XIX, transmitir, como notícia, que a Terra estava sendo invadida por aniquiladoras espaçonaves de Marte.

Já o terceiro e último capítulo terá o principal objetivo de constatar como os governos, principalmente o dos Estados Unidos, utilizaram o imaginário sobre as Luzes no Céu em suas políticas; não deixará também de focar o interesse do público, quase exclusivamente o brasileiro, sobre o fenômeno dos discos voadores, no início dos anos 1950. Anos em que comunistas e capitalistas resolveram, oficialmente, declarar guerra.

No ano de 1950, os EUA e várias nações aliadas entraram em combate armado contra a Coreia do Norte e a China. A Guerra da Coreia (1950-53) foi um dos momentos mais delicados e perigosos da Guerra Fria; um momento em que, ao menos, na península coreana o conflito deixava de ser meramente diplomático. Mas em 1951, depois de várias batalhas sangrentas que tangenciavam o Paralelo 38, ao qual era o divisor geopolítico entre a Coreia do Norte e do Sul, ocorria o armistício. Ou seja, alguns momentos de trégua entre os beligerantes; momentos também em que soldados estadunidenses passaram a relatar às suas bases aéreas visões sobre objetos luminosos voadores, enquanto voavam em seus bombardeiros sobre as Coreias. E a partir de então, as notícias referentes aos combates na Coreia tiveram que dividir espaço com relatos sobre discos voadores nos periódicos ocidentais, principalmente dos EUA e do Brasil. Era o ano de 1952.

Os meios de comunicação aproveitaram o momento, devido a um público sedento pelo fenômeno. O cinema em 1951, produzia *O Monstro do Ártico*, *O Homem do Planeta X* e *O Dia em que a Terra Parou*, protagonizando extraterrestres, adaptando textos relativos à Guerra Fria e por fim corroborando com imagens visuais e verbais ao imaginário da época. Já a imprensa, embalada por aquele imaginário, vendia milhares de jornais e revistas, cujo periódico brasileiro, *O Cruzeiro*, ficava mundialmente conhecido depois de uma reportagem produzida por dois de seus jornalistas, João Martins e Ed. Keffel. Segundo aqueles repórteres, que estavam na praia da Barra da Tijuca, Rio de Janeiro, para realizar uma matéria sobre os *amores*,

defrontaram-se com um disco voador, ao qual o fotógrafo, Ed. Keffel, esquecendo das limitações de sua Rolleiflex, o fotografava em cinco poses *maravilhosas*.

As fotografias e o texto de João Martins viraram sensação no Brasil e no exterior, em pleno momento de crise política mundial, em que o Brasil era seduzido pelos Estados Unidos para que entrasse na Guerra da Coréia. E à medida em que temas e notícias pró-comunistas eram proibidas no Brasil e principalmente nos EUA, relatos e reportagens sobre discos voadores eram sempre bem-vindos, e às vezes corroborados pelos próprios governos.

O governo Truman, através do Pentágono e da Força Aérea, transparecia para o público as suas investigações sobre o que seriam os fenômenos luminosos, com a criação de um projeto especialmente desenvolvido para aquilo, o *Project Blue Book*. Por que aquele governo agiria daquela maneira, já que, a princípio, tinha assuntos mais, aparentemente, relevantes a serem tratados, como seus soldados que morriam entre a linha do Paralelo 38 na península coreana?

De qualquer forma, devido a um processo histórico, iniciado em 1945 com a construção da Guerra Fria, 1952 tornava-se o ano dos discos voadores; ano em que as sociedades olhavam intimamente para o céu, perscrutando-o, às vezes com receio ou medo, às vezes com esperanças. Isso foi o que este mestrando encontrou nas documentações e que a partir do capítulo inicial terá o objetivo de revelar.

Sobre as documentações bibliográficas, este trabalho seguirá a orientação de alguns livros. Por exemplo, *Da Guerra Fria à Détente*, cujo autor, Demétrio Magnoli, sintetizou de forma objetiva e clara a política internacional do período da Guerra Fria. Apesar do autor afirmar que a obra não é um livro de História, mas um *ensaio* fundamentado em noções de Geopolítica e também de Sociologia, a forma, como o mesmo apresentou o Estado, produziu muita admiração neste mestrando: um Estado como protagonista nas relações internacionais, um ordenador de práticas internas e externas. Em suma, a obra de Magnoli foi uma importante fonte, não só para os mapas apresentados nesta dissertação, mas para um maior entendimento sobre os governos, aos quais a mesma tomou a liberdade de fazer algumas reflexões, apresentadas principalmente no 3º capítulo. Como, por exemplo, por que o governo Truman mudou a sua estratégia, em 1952, em abrir para o público, as suas investigações sobre o fenômeno?

Acerca desta última pergunta, a obra de Edward J. Ruppelt, não acadêmica, mas nem por isso menos importante, – *Discos Voadores: relatório sobre os objetos aéreos não identificados* – foi bastante relevante para se entender um dos principais objetivos deste estudo. Ou seja, constatar como ou de que maneira os governos, em especial dos EUA, utilizaram o imaginário acerca das Luzes no Céu em suas políticas. Ruppelt escreveu uma síntese de sua atuação em projetos, como *Grundge* e o *Project Blue Book*, desenvolvidos pelo governo e a Aeronáutica dos EUA para averiguação e estudo sobre os boatos relativos aos discos voadores. Como chefe daqueles projetos, o autor trouxe as análises dos mesmos, principalmente do *Blue Book*, ao qual trabalhou até 1953. Com índices, percentagens e discriminações sobre avistamentos – Ruppelt comentou que qualquer Luz no Céu relatada era considerada como um disco voador na época – o livro foi um importante referencial para também se constatar o impacto e o interesse sociais sobre o fenômeno; o mesmo também foi esclarecedor porque demonstrou alguns conceitos sobre as Luzes no Céu, aos quais serão destacados logo mais.

A obra de Dmitri Volkogonov, *Stalin, triunfo e tragédia*, dividida em dois volumes, cujo primeiro escolheu-se não usá-lo, por causa de seu recorte de tempo anterior aos anos de 1940, foi de especial contribuição para este estudo, aproximando-o à real estrutura soviética do pós-guerra. O autor, falecido, em 1995, era coronel-general do exército da União Soviética e diretor do Instituto de História Militar daquele país, fatos que contribuíram muito para o seu livro, pois Volkogonov tinha acesso a vários arquivos, como o do Partido Comunista daquele Estado nacional. O 2º volume (1939-1953) analisou as estratégias de poder de Stalin, durante a Segunda Guerra Mundial até a sua morte, em março de 1953. Foi uma obra reveladora para este mestrando, porque expôs a URSS, com a visão de um soviético a denunciando antes que aquele sistema ruísse. Se fosse um autor de um outro país, descrevendo a fome, a miséria do povo no pós-guerra, o genocídio dos gulags e a indiferença de Stalin sobre as mesmas, o livro talvez perdesse parte do crédito. Contudo, o mesmo ajudou a revelar um pouco mais sobre a Guerra Fria e daquele ditador que parecia saber de tudo acerca das ações de seu principal inimigo antes mesmo daquele o avisar.

O 4º e último livro que se deseja comentar é *O Campo da História*, cujo autor, José D'Assunção Barros, o escreveu com objetividade, uma simplicidade de poucos e muita clareza as diversas correntes historiográficas, das quais a parte relativa à *História do Imaginário* serviu de principal veículo a esta pesquisa. Apesar disso, houve momentos em que a mesma desviou-se para outros caminhos, embora sem teorizá-los: a História Social (a industrialização e a tecnologia Nuclear, acerca dos processos de transformação da sociedade); à História Política (o *Poder* dos Estados e da imagem do disco voador); e timidamente para a História Econômica (os hábitos de consumo). Em relação a isso, a obra do professor Barros trouxe um alívio para este mestrando, pois o autor explica que os trabalhos acadêmicos necessitam, quando necessário, de comunicação com outros veículos historiográficos para serem melhor contextualizados. E esta dissertação sentiu a necessidade disso, para melhor transmitir o seu tema de trabalho, ao qual alguns conceitos básicos necessitam de destaque.

Em relação ao conceito da Guerra Fria, o estudo poderia citar alguns autores, como Henry Kissinger, Eric Hobsbawn, Charles Zorgbibe, entre outros enfocados neste estudo. No entanto, o mesmo acabou identificando-se mais com as palavras de Demétrio Magnoli, que claramente sintetizaram o conceito: “Nem paz, nem guerra: Guerra Fria”. A Guerra Fria foi ao menos até o início dos anos 1950 o paradoxo existente *contido* nas relações diplomáticas entre os EUA e a URSS, em que nas “(...) duas superpotências, dissemina-se um espírito de cruzada tendente a abolir as dissensões internas, reais ou potenciais, substituídas pelo temor e o ódio ao inimigo planetário (...) com a exclusão apenas da declaração de guerra direta”. Acerca daquele ódio, foi “este o sentido assumido pela ditadura de Stalin nos últimos anos”, ao qual o senador Joseph R. McCarthy correspondia “(...) ao conduzir uma verdadeira ‘caça aos comunistas’(...)”, congelando “(...) provisoriamente a democracia” estadunidense (Magnoli, 1988: 44-45). Foi também o momento de *equilíbrio do terror*, em que aqueles Estados concorriam aos avanços da tecnologia Nuclear e de novas máquinas de guerra. E uma daquelas seria o disco voador, uma máquina cuja luz avisaria uma invasão soviética.

Era sobre esta imagem que grande parte do imaginário social atuava. Assim como o conceito de Guerra Fria, o do imaginário será trabalhado e contextualizado nos capítulos a seguir. Contudo, como introdução, de acordo com o professor José

D'Assunção Barros, o imaginário é "(...) um sistema (...) complexo e interativo que abrange a produção e circulação de imagens visuais, mentais e verbais (...)” produzidas pelas sociedades. A História do imaginário por possuir como objeto “um determinado padrão de representações (...) de símbolos e imagens”, como as verbais e mentais acerca dos discos voadores relatados nos anos de 1940 e 1950 e que serão discutidas a partir do 2º capítulo, acabou auxiliando este estudo à compreensão daquela época. Em relação a isso, pergunta-se: teriam as circunstâncias políticas do pós-guerra inspirado a criação da imagem do disco voador? Este pesquisador, como um *historiador do imaginário*, procurará responder a esta questão, relacionando “as imagens, os símbolos, os mitos, as visões de mundo a questões sociais e políticas (...)” (Barros, 2004: 93-99), cujos elementos servirão de base para a compreensão social, política e cultural daquelas sociedades que absorveram o fenômeno das Luzes no Céu à imagem do disco voador.

O que seriam as Luzes no Céu? Apenas o que todos, do senso comum a cientistas, costumam denominar, como, estrelas, cometas, meteoros, *estrelas-cadentes*, explosões solares, quasares...? Ou visões sobre as mesmas, as quais viajando a uma velocidade de 300 mil Km/s, acabam perfilando com suas raras aparições sobre a Terra, inspirando naqueles poucos que as presenciaram as mais diversas representações? Enfim, desde a antiguidade, que fenômenos, raridades luminosas aparecem para o planeta; e seus habitantes de acordo com os conhecimentos adquiridos, rituais e símbolos de suas épocas optam em descrevê-las e relatá-las à posteridade. As Luzes no Céu podem ser como os astrônomos atualmente afirmam, *trens de ondas que carregam energia*, mas para as sociedades, que as presenciaram e ainda presenciaram da Terra, podem ter outras conotações. Conotações que, conseqüentemente transformadas em explicações, passaram a fazer parte integral das documentações investigadas para esta dissertação, a qual teve algumas dificuldades em pesquisá-las.

Acerca das dificuldades de pesquisa, este mestrando gostaria de comentá-las logo depois de um detalhe bastante constrangedor, ao qual produziu algumas complicações durante a sua pesquisa como mestrando. Antes de seu ingresso no Programa de Pós-Graduação em História (PPGH) desta instituição, o mesmo já era um professor do Estado do Rio Grande do Sul e orgulhava-se disso, até o momento

em que conquistou uma bolsa integral para a realização deste trabalho. Surpreso, feliz, mas um tanto agoniado, correu para a sua sede regional de Educação e desesperou-se. É de conhecimento que um acadêmico, agraciado com uma bolsa integral, não lhe é permitida qualquer outra renda, e isso foi paulatinamente exposto à funcionária responsável daquele Núcleo, cuja réplica foi indiferente e inquestionável: mostrando uma pilha de processos sobre uma mesa, com pedidos de licença não-remunerada e prazo determinado, disse a este que seria impossível julgar o seu caso em menos de três meses e que desistisse do Estado ou do mestrado. Ponto final! Mas isso não ocorreu, pois o mesmo, de acordo com o coordenador do PPGH, Helder G. da Silveira, ainda podia conseguir uma bolsa parcial para concluir os estudos. A agonia de um dia chuvoso de março do ano passado (2007) terminava.

Agora, em relação às dificuldades de pesquisa, este acadêmico não tem muito a dizer, a não ser pelas tardes escaldantes em que passou no Museu de Comunicação Hipólito José da Costa (MCHJC) desde 1999, quando iniciou a investigação nos periódicos, para a sua monografia de conclusão do curso de História, *As Luzes no Céu: das bolas de fogo aos discos voadores*, pela Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da PUC-RS em julho de 2001. Como também o pouco tempo de pesquisa: a atividade de professor é honrosa, porém desgastante. Contudo, em 2007, quando o mesmo retornou às investigações, notou o sumiço de algumas documentações no MCHJC, como por exemplo, os exemplares da revista *O Cruzeiro* das duas primeiras semanas de maio de 1952: aqueles, a princípio, eram bastante importantes à dissertação, embora a mesma soube contornar o problema com outros periódicos. Uma outra dificuldade foi em adquirir os filmes que contextualizariam melhor o período e o tema deste trabalho, e a internet foi uma importante ferramenta para isso. Para analisar e compreender o tema e o objeto de estudo desta dissertação, foi necessário fazer uma conexão entre o fenômeno das Luzes no Céu e a Guerra Fria, a qual além de exigir uma carga bibliográfica considerável – este conhecia pouco aquele confronto – teve-se que construir uma relação entre discos voadores e Guerra Fria, algo complicado de se fazer, pois escolher os melhores livros para isso foi paradoxalmente instigador e difícil. E espera-se que este mestrando tenha alcançado o êxito.

1 A CONSTRUÇÃO DA GUERRA FRIA (1945-1949)

Em agosto de 1945, logo após o fim da Segunda Guerra Mundial, era chegada a hora dos Aliados – Estados Unidos da América (EUA), União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) e Inglaterra – garantirem a paz mundial. Conforme as resoluções de Yalta, em fevereiro de 1945, assinadas por Theodore Franklin Roosevelt, Joseph Stalin e Winston Churchill, estabeleceu-se a necessidade de elaborar um tratado para garantir a vida, a dignidade e a liberdade.

Em 26 de junho do mesmo ano, quando Roosevelt não vivia mais, e com a rendição da Alemanha, foi assinada a Carta de criação da Organização das Nações Unidas (ONU). A guerra no Pacífico, contra o Japão, ainda não havia acabado, mas agora a humanidade e as cinquenta nações que assinaram a Carta – o Brasil era uma delas – poderiam respirar tranquilamente, era só uma questão de aguardar pela rendição japonesa; de paciência, de esperar a oficialização do último disparo, e foram os EUA que o fizeram. Primeiramente, em 6 de agosto com um ataque atômico de urânio em Hiroshima; e três dias depois com outra bomba atômica de plutônio, em Nagasaki. Ambas jogadas por bombardeiros americanos nos céus do antigo Império do Sol. E no dia seguinte o Japão rendia-se.

Ironicamente, o primeiro dos 111 artigos da Carta da ONU recém escrito e que definia as finalidades da nova organização à defesa da paz mundial, dos direitos do homem, assim como a igualdade de direitos para todos os povos, de nada serviram para salvar as mais de 75 mil almas sob o ataque Nuclear dos EUA. A Segunda Guerra terminava, mas com um aviso para a URSS: de que a “(...) posse da nova arma colocava os americanos em melhores condições de negociação, pois representava uma contrapartida do domínio militar soviético no cenário europeu” (Magnoli, 1996: 50).

De qualquer forma, ao menos com a criação da ONU, abria-se uma nova era de esperanças para um mundo sem guerras, livre e com possibilidades dos indivíduos viverem felizes e poderem planejar pacificamente os próprios destinos. Assim fixavam-se os propósitos das Nações Unidas. No entanto, os mesmos passaram a ser geradores das primeiras desconfianças.

1.1 YALTA E POTSDAM, O PRELÚDIO DA GUERRA FRIA

Dos vários encontros entre os EUA, Inglaterra e URSS em tempos de guerra, três foram fundamentais para selar o destino da humanidade no pós-guerra, e que consequentemente criaram o ambiente para a Guerra Fria: os encontros de Teerã (1943), de Yalta (1945) e o de Potsdam (1945).

Na época do encontro de Teerã – 28 de novembro a 12 de dezembro –, a amizade parecia inabalável entre os Três Grandes (EUA, Inglaterra e URSS). Conforme Henry Kissinger, numa sala “coalhada de aparelhos de escuta clandestina adequados à ocasião”, Stalin e Roosevelt decidiam o contorno geopolítico para o final da guerra, e os dois com exceção de Churchill estavam à vontade para aquilo. Roosevelt esboçava importância para a criação “dos Quatro Guardas” – Inglaterra, EUA, URSS e China –, uma ideia original sua para a manutenção da “ordem no mundo pós-guerra” (Kissinger, 1999: 426-27), enquanto ouvia Stalin avisar sobre suas preferências em “mover as fronteiras da Polônia para o oeste” (Kissinger: 443-44). O chefe soviético parecia estar realmente disposto ao diálogo. A sua última ação, em maio de 1943, ao extinguir o Comintern – Organização do Partido Comunista para uma revolução mundial – provava aquilo. O chefe americano não agia diferente, chegando “a garantir a Stalin (...), que as tropas americanas voltariam para casa, depois de dois anos do final da guerra” (Gaddis, 2006: 9).

No encontro de Yalta (Criméia), dentro do território da União Soviética, a amizade não era tão visível quanto no de Teerã, em que Stalin foi visto como o “tio Joe, modelo de moderação (...)”, um homem completamente diferente daquele ditador totalitário que o Ocidente conhecia (Kissinger: 445). Mas, conforme Charles Zorngibe, ainda havia um clima apaziguador, de diálogo entre os líderes: dois dias após o início das seções, Stalin surpreendia os demais Aliados ordenando a seus generais que evitassem, por momento, a tomada de Berlim e partissem para libertar a Tchecoslováquia e a Hungria. “Desta forma se evitou qualquer tensão política com os Aliados Ocidentais” (Zorngibe, 1997: 25).

No momento em que ocorria a reunião, o exército nazista já estava praticamente vencido. O Exército Vermelho já havia cruzado a Polônia, a

Tchecoslováquia e a antiga Prússia ocidental e seguia em direção a Berlim. Todos sabiam que era uma questão de dias para a derrota da Alemanha; e entusiasmados com a idéia passaram a se preocupar como desmembrá-la, criando um projeto de ocupação. O artigo 12 do mesmo concedia aos Três Grandes total autonomia sobre o território alemão, cujo exército passaria a desaparecer. Juntamente com as questões à criação da ONU, restava ainda decidir uma solução para as reparações de guerra e geopolíticas.

Antes das reparações havia um plano soviético de dismantelar “o potencial industrial alemão”. Os planos americanos não eram diferentes. Henry Morgenthau, então secretário do Tesouro, havia projetado o futuro da Alemanha, desindustrializando-a e tornando-a uma nação agrária, reeducando o “povo alemão para a agricultura”. Na verdade, uma vez eliminada a industrialização alemã “a economia britânica (...) conheceria uma nova expansão” (Zorgbibe: 26). No entanto, nem todos estavam convencidos daquilo. A reação partiu do próprio secretário de Estado de Roosevelt: Stettinius afirmava que para haver prosperidade entre as nações, o liberalismo deveria ser garantido. Ou seja, “a paz é o resultado do livre câmbio e da cooperação econômica. Um dismantelamento da indústria alemã paralisaria a expansão econômica européia” (Zorgbibe: 26).

Em relação às reparações de guerra, a URSS desejava que 80% da indústria pesada alemã passasse para as suas mãos, como também uma indenização que representaria 20 bilhões de dólares. A proposta soviética causou discussões acaloradas entre Stalin e Churchill que desviaram a direção dos diálogos a metáforas beligerantes, próprias de suas personalidades. O primeiro-ministro inglês foi o primeiro a reagir, objetivando: “Se querem tirar o cavalo da carreta, ao menos devem dar-lhe feno”. E Stalin, tão brutal quanto Churchill, respondia: “Cuide-se para que o cavalo não se revolte e lhe dê um coice” (Zorgbibe: 27).

De qualquer forma, Vyacheslav Molotov, ministro do Exterior soviético, desistia dos 80% da indústria alemã; e dos 20 bilhões de dólares como indenizações de guerra, exigia a metade para a União Soviética, o que Stalin já bastante enfurecido, gritava na seção de 10 de fevereiro, corroborando com Molotov: “Devem pagar indenizações aos países que mais sofreram!” (Zorgbibe: 27). E assim foi. Era evidente que o *tio Joe* não se referia ao Brasil, cujos soldados na Itália sofreram,

como todos os outros combatentes europeus, os horrores da guerra e que depois dela continuaram sofrendo¹.

Mas os ânimos acalmaram-se, provavelmente porque o tema mais complicado, que estava sendo discutido desde o dia 6 de fevereiro, deveria ser concluído, a questão geopolítica. A URSS “conseguiu recuperar praticamente todos os territórios perdidos durante a Primeira Guerra, pela anexação dos Estados bálticos (Letônia, Lituânia e Estônia) e do leste polonês” (Magnoli, 1996: 45). Em relação ao Estado polonês, o mesmo seria administrado “por um governo de unidade nacional, (...), pró-soviético, alargado a alguns membros” de um comitê formado por políticos ingleses, ou seja, “pró-ocidental” (Vaisse, 1995: 14).

Se houve um vencedor em Yalta, este foi a União Soviética. Segundo o professor de Yale, John Gaddis, o chefe do Kremlin acordou em várias sugestões fornecidas por Churchill e Roosevelt, como por exemplo, eleições livres nos Estados bálticos, “na Polônia e noutras áreas da Europa oriental (...), mas sem a menor intenção” de cumpri-las. “A insistência de Stalin em se apossar de um terço do território polonês depois da guerra exacerbou ainda mais a nação; (...). Já que os poloneses jamais elegeriam um governo pró-soviético, [ele] lhes impôs um” (Gaddis: 19-21). Logo após o final da guerra, o mundo, com exceção de Roosevelt, veria as promessas de eleições livres de Stalin, uma a uma, sendo quebradas. O *supercalculista*, conhecido assim por seus Aliados, “obviamente julgava estar prometendo a versão soviética de eleições livres, especialmente em vista do fato de que o Exército Vermelho já teria ocupado os países em questão” (Kissinger: 447).

Contudo a Conferência de Yalta foi considerada um grande sucesso. Além dos acordos para a criação das Nações Unidas, Stalin prometeu invadir o Japão, logo depois de Roosevelt concordar em ceder a Manchúria, perdida na guerra russo-japonesa, em 1904-05 (Kissinger: 448).

Com a Itália e a Alemanha, já há algum tempo vencidas e os avanços políticos acordados em Yalta, era o momento dos governos celebrarem a paz futura.

¹ Em relação ao assunto, em 2003, Francisco C. Alves Ferraz defendeu, pela Universidade de São Paulo, sua tese – *A guerra que não acabou: a reintegração social dos veteranos da Força Expedicionária Brasileira (1945-2000)*. Nela, o autor enfocou as dificuldades que os soldados brasileiros enfrentaram com o regresso ao Brasil, como por exemplo, o descaso e a indiferença do governo.

Mas logo a mesma viria a falir. Segundo Henry Kissinger, em junho de 1945, o governo de Moscou “já havia fixado, unilateralmente, as fronteiras leste e oeste da Polônia, promovido brutalmente títeres [testas-de-ferro] soviéticos ao governo e violado, claramente, sua promessa de Yalta, de organizar eleições livres” (Kissinger: 467). Meses antes, em 25 de março, Churchill havia escrito a Roosevelt sobre suas desconfianças acerca da questão polonesa (Zorgbibe: 38-39). No entanto, a sede por paz e também o esgotamento pela guerra fez com que os dois líderes acreditassem em Stalin.

A Conferência de Potsdam, realizada entre 17 de julho a 2 de agosto de 1945 não foi tão amistosa quanto à última – a confiança diminuía à medida dos novos encontros –. Um novo personagem, Harry S. Truman, tão desconfiado quanto Churchill acerca dos objetivos soviéticos entrava em cena, substituindo Roosevelt que havia falecido em 12 de abril. Reunidos num antigo castelo na cidade imperial de Potsdam, arredores de Berlim, os Três Grandes passaram a redesenhar o mapa da Alemanha em zonas provisórias de ocupação – logo depois da Conferência, a França também teve a sua zona alemã (Magnoli, 1996: 50).

As primeiras discussões de Potsdam tiveram como tema a questão geopolítica européia: “Stalin insistia em consolidar a sua esfera”, exigindo também participações militares nas colônias italianas, e em todo instante, ele “obstruiu, firmemente, a exigência das democracias de eleições livres na Europa Oriental”. O resultado, ao menos desse tema do encontro, foi bastante pesado para os cofres soviéticos: os 20 bilhões de dólares – a metade para a URSS – que Stalin tão agudamente exigiu arrancar da Alemanha, foram vetados por Churchill e o novo presidente americano Harry Truman (Kissinger: 469-70). Para piorar ainda mais o apaziguamento entre os três, Truman, há alguns dias do início da Conferência, dia 24, avisava Stalin de que os EUA haviam testado com sucesso a sua primeira bomba atômica. O incidente causado pelo chefe americano só não produziu maior desconforto a Stalin porque o mesmo já havia sido alertado por seus espiões sobre a bomba. Conforme John Gaddis, ocorreu “pelo menos *três* [grifo do autor] tentativas soviéticas bem sucedidas para penetrar a segurança de Los Alamos [deserto do Novo México], onde a bomba estava sendo fabricada”. Por essa razão, Stalin, para o espanto do presidente americano, não demonstrou grande surpresa sobre a notícia:

“ele sabia da bomba havia muito mais tempo que o (...) presidente americano” (Gaddis: 24). O que nenhum dos Aliados poderia realmente imaginar era que a URSS, através de seus cientistas, já antes da guerra, planejava construir seu primeiro reator de urânio, cujo trabalho foi interrompido e somente reiniciado a partir de 1942 (Volkogonov, 2004: 550-51). Contudo, Stalin não perdeu tempo e naquela mesma noite do dia 24 telegrafava para seus subordinados, instalados nos gulags² para que acelerassem os trabalhos (Volkogonov: 515-16).

Os acordos de Yalta e Potsdam para a criação da ONU indicaram cinco países com direito ao veto nas reuniões: EUA, URSS, Inglaterra, China e França. Mas americanos e soviéticos, que geralmente dominavam as seções, nem sempre estavam de acordo, para não dizer quase nunca (as exceções foram durante as guerras mundiais), porque ambos além de possuírem economias totalmente diferentes, ideologicamente seguiam em sentidos opostos. Ou seja, o que poderia ser uma vantagem geográfica e política para um, para o outro dificilmente seria. Depois do término da Segunda Guerra Mundial até pelo menos a morte de Stalin, em 1953, os Estados Unidos e a União Soviética, que respectivamente representavam o capitalismo e o comunismo, nunca mais se entenderam, passando a se suportar mutuamente. Demétrio Magnoli sintetizou o momento afirmando: “Nem paz, nem Guerra: Guerra Fria” (Magnoli, 1996: 48)³.

² Os Gulags eram campos de trabalho forçado que aprisionavam tanto criminosos comuns quanto condenados por atividade contra-revolucionária, ou seja, prisioneiros políticos. Conforme Dmitri Volkogonov, entre 1929 a 1953, os campos de correção vitimaram “de 19,52 a 22 de milhões, e esta quantidade, é evidente, não inclui as baixas de guerra. Deste total, não menos que um terço foi sentenciado à morte ou pereceu nos campos de concentração” (Volkogonov: 541-42).

³ De acordo com o raciocínio de Demétrio Magnoli, a Guerra Fria foi o paradoxo entre as relações dos Estados Unidos e União Soviética: desentendimentos constantes e o não uso da força. As duas superpotências tinham a necessidade de exercer “(...), cada uma sobre a outra, uma pressão permanente para a qual se mobilizavam todos os meios com a exclusão apenas da declaração de guerra direta. Guerra Fria é, nesse sentido uma confrontação múltipla (econômica, política, diplomática, cultural, propagandística)”, cujas duas grandes potências questionavam incessantemente, “a distribuição mundial dos fluxos de influência e poder” (Magnoli, 1988: 44-45).

1.2 O MEDO

A Guerra Fria separou ideologicamente o mundo; criou um clima de verdadeira *dissuasão* Nuclear, de que a qualquer momento alguém, ao comando de algum botão, poderia incendiar o planeta com as novas bombas atômicas ou de hidrogênio. E isso quase ocorreu nos primeiros anos do novo conflito: primeiramente com o sítio soviético em Berlim; depois, na Guerra da Coreia.

Além do medo de uma eventual guerra Nuclear, havia – em relação a visão ideológica de cada lado – o medo de uma invasão comunista ou capitalista. Diante dessa realidade surgia ainda um novo medo, um fenômeno que poderia vir do espaço ou, mais provavelmente para a época, atrás das linhas imaginárias do inimigo, as *Luzes no Céu*⁴, os denominados *discos voadores*.

Mas o que as Luzes no Céu e os discos voadores teriam a ver com a Guerra Fria? Como se averiguou na investigação para este trabalho e o que será analisado nos próximos módulos, por que os periódicos ocidentais e os governos preocuparam-se em se dedicar ao fenômeno do disco voador e aos boatos acerca dele, destacando suas seções e profissionais para cobri-lo? Isso ocorreu desde o início das aparições de 1947, como será visto no segundo capítulo, quando um piloto comercial, Kenneth Arnold, relatou ter presenciado *nove discos cintilantes* passarem por sua aeronave a uma *velocidade incrível*; e também em relação aos boatos sobre uma suposta queda de um disco voador em Roswell, Novo México. E atualmente os periódicos ainda reportam fenômenos parecidos.

A presente dissertação não pretende como já se comentou em sua introdução, provar a existência ou não dos discos voadores, mas sim compreender o impacto que suas notícias provocaram no imaginário entre os anos de 1947 e 1953; como também perceber de que forma os governos, especialmente o dos EUA, utilizaram aquele imaginário em suas políticas. Nesse sentido é fundamental analisar

⁴ O governo dos EUA desenvolveu alguns projetos – o *Project Sign* e o *Project Blue Book* (este será analisado no último capítulo) entre outros – para entender e explicar os boatos acerca dos discos voadores, pois os mesmos estavam produzindo histeria na população americana. Infelizmente a investigação desse estudo não alcançou os documentos soviéticos, pois os arquivos da ex-URSS, do período Stalin, não foram totalmente abertos. Contudo, sabe-se através de pilotos da antiga força aérea soviética, que as Luzes no Céu também fizeram com que o governo russo designasse órgãos e cientistas para estudá-las e explicá-las.

o período da Guerra Fria, que conseqüentemente alimentou o medo ocidental de uma invasão soviética: a mesma, de acordo com o imaginário da época, poderia estar chegando dentro de uma tecnologia desconhecida, de algum disco voador, um cavalo de Tróia, arditamente criado pelo comunismo stalinista que se escondia no lado leste e oriental da Terra.

Para compreender-se o imaginário dos anos logo após a Segunda Guerra até 1953 – de acordo com alguns especialistas a época mais terrível da Guerra Fria – é necessário destacar e analisar as ações e reações das principais nações envolvidas no conflito; considerando que a política internacional do pós-guerra não só bipolarizou o planeta, mas trouxe o medo de que o mesmo poderia desaparecer.

Na medida em que o tempo avançava, as relações anglo-americanas e soviéticas desapareciam, embora nunca tenham sido muito sinceras⁵. Com exceção dos Estados Unidos, o pós-guerra produziu uma grande aflição nos países beligerantes e capitalistas: o socialismo poderia bater-lhes a porta a qualquer instante. Conforme Eric Hobsbawn, essas nações

(...) haviam se tornado um campo de ruínas habitado pelo que pareciam aos americanos povos famintos, desesperados e provavelmente propensos à radicalização, mais que dispostos a ouvir o apelo da revolução social e de políticas econômicas incompatíveis com o sistema internacional de livre empresa, livre comércio e investimento pelo qual os EUA e o mundo iriam ser salvos. Além disso, o sistema internacional pré-guerra desmoronara [o autor refere-se aqui à Crise de 1929 e seus efeitos], deixando os EUA diante de uma URSS enormemente fortalecida em amplos trechos da Europa e em outros espaços ainda maiores do mundo não europeu, cujo futuro político parecia bastante incerto – a não ser pelo fato de que qualquer coisa que acontecesse nesse mundo explosivo e instável tinha maior probabilidade de enfraquecer o capitalismo (...) e de fortalecer o poder que passava a existir pela e para a revolução. (Hobsbawn: 228).

⁵ Desde outubro de 1917, quando ocorreu a Revolução Socialista na Rússia, uma outra forma de economia tornou-se viável no planeta. Os capitalistas, por outro lado, passaram a enxergar a Revolução de Outubro como um rio de larvas escaldantes sob seus pés. A metáfora pode parecer forçada, mas faz sentido. Porque até então só poderia haver um único sistema econômico, alimentado pela propriedade privada e a competição empresarial por capitais. O socialismo russo, ao menos no seu início, mostrou ao mundo que era possível pensar diferente: quando, em 1929, os países liberais, um a um, tiveram suas economias arrasadas pelo *Crash* da Bolsa de Nova York, nada aconteceu na URSS, pelo contrário. “Enquanto o resto do mundo, ou pelo menos o capitalismo liberal ocidental estagnava, a URSS entrava numa industrialização ultra-rápida (...) sob seus novos Planos Quinquenais. De 1929 a 1940, a produção industrial soviética triplicou (...). E mais, não havia desemprego” (Hobsbawn, 1995: 100). Dessa forma, as relações anglo-americanas e soviéticas dificilmente seriam sinceras.

Era o que estava acontecendo na Turquia, na Grécia e no Irã. Em 1946, a situação política e econômica daqueles países dependia tanto dos Estados Unidos quanto da União soviética. A Turquia recebia freqüentemente pressões da URSS acerca do controle do Estreito de Dardanelos, enquanto a Grécia entrava numa guerra civil comunista, auxiliada pela Iugoslávia (Tarr, 1968: 22). Já a questão do Irã, assim como hoje, associava-se aos interesses dos EUA e da URSS sobre o petróleo, um fenômeno de vital importância, principalmente para o Estado soviético que saía completamente arrasado da guerra.

De acordo com Dmitri Volkogonov, em 1945 o país beirava o caos, com suas indústrias praticamente destruídas. Os relatórios emitidos por funcionários do Ministério do Interior não eram nada animadores: “O povo vivia numa situação desesperadora. (...) as pessoas estavam comendo animais mortos e cascas de árvores caídas, e correu a história de uma pobre camponesa e seus filhos que mataram a irmã menor para se alimentarem com seu cadáver”. No entanto, o governo estava festejando a vitória sobre os nazistas, enquanto Stalin era glorificado pelo povo como um “verdadeiro Deus”, o “arquiteto da grande vitória”. Os burocratas do alto escalão do Estado aproveitaram o momento e como resposta aos relatórios que chegavam das províncias noticiando as calamidades que os russos passavam, responderam: “Eles terão que ser pacientes” (Volkogonov: 519-22). A paciência da população durou ainda mais meio século, quando a URSS, em 1991, desaparecia.

Além das indústrias arrasadas e a fome que varria a nação, os relatórios relativos à infra-estrutura do país que chegavam a Moscou também eram bastante desanimadores. Os danos do confronto contra a Alemanha “enumeraram 1710 cidades e municípios destruídos, 70 mil vilas e aldeias queimadas totalmente (...), 65 mil quilômetros de trilhos ferroviários (...)” arruinados e mais ou menos “100 mil fazendas coletivas e estatais devastadas, juntamente com máquinas agrícolas e estações de tratores” (Volkogonov: 522). A União Soviética, mais do que todos os outros países, precisava do dinheiro para se recompor, ou seja, do petróleo iraniano. Dadas as estimativas, justificava-se assim as pressões de Stalin e Molotov, em Yalta, pelos 10 bilhões de dólares como reparação aos danos causados pelo Eixo. Pois somente algo cruel, como foi a Segunda Guerra, para acabar com o desenvolvimento de um país que só crescia antes dela.

Mas as rivalidades entre Harry Truman e Joseph Stalin estavam apenas iniciando e a instabilidade do Irã de forma alguma iria reduzi-las. Segundo Paulo F. Vizentini, o governo do Kremlin, para recuperar-se da crise, apoiou “o estabelecimento de governos autônomos em parte da zona que ocupavam ao norte do Irã (República Curda de Malabad e República do Azerbaijão)”. A idéia de Stalin era uma só: pressionar os iranianos para que fizessem um acordo e liberassem o petróleo à União Soviética. A resposta do Ocidente capitalista foi rápida. Depois dos EUA exigirem a saída do Exército Vermelho do território do Irã, ao qual o fez paulatinamente, o próprio exército americano instalava-se na região. Ou seja, a 11 mil quilômetros da fronteira soviética. Isso provou à URSS “que qualquer recuo em sua área de influência representaria a presença de um inimigo potencial em suas fronteiras (...)” (Vizentini, 2004: 71-72).

Em 9 de fevereiro de 1946, Stalin esquecia a realidade amarga pela qual passava a URSS e num discurso para o povo sobre a guerra, disse: “A vitória significa que nosso sistema social e soviético se impôs, que o sistema social soviético passou com êxito pelo teste das dificuldades da guerra (...)”. Diante dessa declaração, publicada quatro dias depois no *New York Times*, os leitores ocidentais bem que poderiam imaginar uma União Soviética estável com um líder exaltando o seu orgulho à nação, mas não tinham em mente que o mesmo ignorava os relatórios anteriormente comentados e que afirmavam exatamente o contrário do que ele alegava: “O sistema soviético provou ser mais apto à vida, e mais estável (...). O sistema social soviético é uma forma melhor de organização social que qualquer outro sistema social não-soviético” (*New York Times* in Kissinger: 476).

No mesmo discurso, Stalin apontava o culpado pela guerra. Não Hitler e seu seletivo e aniquilador avanço nazista, mas o próprio sistema social capitalista, cujo sucesso dependia de crises e catástrofes alheias. “O desenvolvimento desigual dos países capitalistas conduz (...) a grandes distúrbios em suas relações”, cujas nações que se encontram desprovidas de matérias-primas e de um mercado consumidor no exterior optam em “alterar essa situação e mudar a posição em seu favor por meio da força armada” (*New York Times* in Kissinger: 476-77).

Os discursos de Stalin mostraram ao Ocidente, principalmente para o governo dos Estados Unidos, alguém realmente determinado a levar o sistema soviético

adiante. Alguns dias depois das declarações do chefe russo, dia 22, chegava a Washington um longo telegrama de 8 mil palavras redigido por um dos diplomatas da embaixada americana em Moscou, George F. Kennan, O documento causou grande impacto, tornando-se o pilar central da estratégia dos EUA em relação a URSS (Gaddis: 27-28).

Kennan escreveu em seu telegrama sobre uma Rússia instintivamente ligada a ditadura e que sem ela seus governantes não saberiam como administrar. Os russos – conforme o raciocínio do diplomata –, em “(...) nome do marxismo, eliminaram todo o valor ético em seus métodos e táticas. Não vivem mais sem ele (...). Sem ele, na melhor das hipóteses, ver-se-iam diante da história como os últimos da longa sucessão de governantes (...)”, ou seja, os czares. Estes que levaram a nação até o século XX praticamente no sistema feudal, obrigando o povo a níveis de sofrimento e “(...) de poderio militar cada vez mais elevado para garantir a segurança externa de regimes internamente (...)” frágeis (Kennan in Kissinger: 484-85).

O telegrama, que carregava a visão determinista de seu autor, descrevia a personalidade russa como, neurótica, insegura e capaz de tudo para sobreviver e se expandir:

De início, foi a insegurança de um povo pacífico e rural, tentando viver em vastas planícies abertas, na vizinhança de ferozes povos nômades. Somouse, à medida que a Rússia entrou em contato com o ocidente economicamente avançado, o medo de sociedades mais competentes, mais poderosas e mais organizadas (...). Daí o medo da penetração estrangeira, (...) do contato direto entre seu mundo e o ocidental, o medo do que aconteceria, se os russos soubessem a verdade sobre o mundo interno. Aprenderam a só buscar segurança na luta paciente e mortal pela destruição completa da potência rival, nunca por acordos com ela (Kennan in Kissinger: 484-86).

Em 1946, George Kennan ainda era inexperiente no ramo da diplomacia, apenas um erudito em Rússia Imperial. No entanto, ele agiu exatamente como o governo americano esperava, fornecendo o subsídio, a prova, a pedra filosofal, pela qual os EUA souberam muito bem como utilizar. Desenvolvia-se assim uma política de *contenção* contra a URSS. O que nem Truman ou Kennan esperavam, foi que Stalin era um atento leitor do diplomata. O telegrama, interceptado pelo serviço de

inteligência do Comissariado do Povo para a segurança do Estado (NKGB)⁶, dava as bases para uma resposta do Kremlin. Sob as ordens de Stalin, o embaixador soviético em Washington, Nikolai Novikov, em setembro, enviava um telegrama a Moscou, ao qual continha uma avaliação política externa dos EUA:

A política exterior dos Estados Unidos (...) reflete a tendência imperialista do capitalismo monopolista americano, e se caracteriza (...) por um esforço pela supremacia mundial". Como consequência, os Estados Unidos estavam aumentando em escala 'colossal' suas despesas militares, abrindo bases bem além de suas fronteiras (...) para a divisão do mundo em esferas de influência (Jensen in Gaddis: 28-29).

Se nem as últimas declarações de Stalin, amplamente divulgadas no continente americano, nem o telegrama de Kennan levaram o Ocidente a temer uma invasão soviética, as declarações do ex-primeiro-ministro britânico, Winston Churchill, no mínimo abria a questão.

Em 5 de março de 1946, Churchill visitava os Estados Unidos. Já não era mais o representante oficial do povo inglês, havia perdido as últimas eleições. Mas por onde passava era admirado e homenageado: suas ações na Segunda Guerra garantiram-lhe regozijar daquilo. Acompanhado de Truman, num discurso na Universidade de Westminster, Missouri, Churchill não reservou-se ao falar, segundo ele, das reais intenções da União Soviética: “Desde Stettin, no Báltico, até Trieste, no Adriático, desceu uma cortina de ferro sobre o continente. Pelo que vi dos nossos amigos e aliados russos durante a guerra, estou convencido de que não há nada que eles admirem tanto quanto a força”, como também nada que desrespeitem mais “do que a fraqueza militar” (Steinberg, 1965: 139).

O discurso sobre a “Cortina de Ferro” não deixou mais dúvidas à maioria dos norte-americanos. Apesar de uma pequena minoria, como Henry Wallace, secretário do Comércio, culpar as últimas ações do governo soviético à beligerância do presidente Truman, a política externa dos EUA, a partir daquele momento, tomou outros rumos⁷.

⁶ No mesmo ano, a NKGB era transformada em Ministério de Segurança (MGB). Somente em 1954, após a morte de Stalin, surgiria o igualmente poderoso Comitê de Segurança do Estado, a KGB.

⁷ Henry Wallace foi demitido por Truman, em 20 de setembro, após as críticas que fez ao governo. O secretário afirmava que os EUA estavam ficando arrogantes demais, ao acharem-se responsáveis pelas questões políticas internacionais; também defendia a idéia de que os britânicos eram os culpados pelos desentendimentos da política externa americana: de que era a política inglesa que provocava as

1.3 AS AÇÕES E REAÇÕES: GUERRA FRIA

A Grécia vivia uma profunda crise nos últimos meses de 1946. Ocupada por guerrilheiros comunistas contrários ao governo real de Atenas, profundamente apoiado pela Grã-Bretanha, o antigo país da democracia parecia deixar a influência capitalista para trás: Três Estados comunistas – Iugoslávia, Bulgária e Albânia – auxiliavam as revoltas.

Conforme Maurice Vaisse, a Inglaterra já havia libertado a Grécia do cerco nazi-facista, e no final de 1946 ela estava em ruínas economicamente, não tinha mais condições de manter os 40 mil soldados britânicos ou qualquer ajuda ao Estado grego. O novo primeiro-ministro inglês, Clement Attle, preocupado em como reconstruir o poder econômico, perdido na guerra, ordenou a retirada dos soldados do Mediterrâneo oriental: “A única maneira de diminuir os encargos é moderar as pretensões em nível mundial, proceder à descolonização e aceitar um brilhante segundo lugar – depois dos Estados Unidos (...)”⁸. No entanto, o Egito, o Iraque, a Palestina, o Chipre e a Transjordânia fugiam da regra, continuando ocupados (Vaisse: 22).

Assim como a Grécia, a Turquia apresentava problemas semelhantes, e a Grã-Bretanha não tinha mais como auxiliá-la. Conforme as memórias de Harry Truman, a “Turquia era, é claro, um velho objetivo das ambições russas”. Desde a época dos czares, que a Rússia desejava o controle da região, pois diretamente ligava o país a uma saída para o Mediterrâneo. Isso produziria muitas preocupações ao Ocidente. Se as tropas soviéticas ocupassem a Turquia poderiam navegar pelo Mediterrâneo até o Oriente Médio, invadindo os países que fizessem margem a ele. Truman assim revelava a preocupação e o medo acerca do exausto, porém, numericamente poderoso Exército Vermelho. No entanto ele não sabia ou fingia não saber – seus espões, na URSS talvez esqueceram de avisá-lo – que o Estado

desconfianças “entre os Estados Unidos e a Rússia, preparando a Terceira Guerra Mundial” (Walker in Kissinger: 507).

⁸ Depois de 1945, os EUA estavam muito poderosos economicamente. Uma das maiores provas de sua riqueza veio em 1947, quando “então possuidores de 80% do ouro mundial” tiveram o dólar convertido àquele metal. Na época, os Estados Unidos eram os únicos, entre outros Estados nacionais, “com capacidade para assegurar a conversão da sua moeda em” ouro (Vaisse, 1995: 23).

soviético, além de destruído estruturalmente, agonizava à existência⁹. Em relação à questão turca, o governante americano dizia: “Nós tínhamos aprendido com a experiência de dois anos atrás que uma intervenção soviética (...) significaria a ocupação e controle soviéticos” (Truman, 1965: 118-19).

Nas palavras de Demétrio Magnoli, após Churchill ter fornecido “a senha” para a Guerra Fria, “Fevereiro de 1947 pode ser considerada a data do início” do confronto, depois de um incidente causado pela Grã-Bretanha. Sem mais condições de manter a Grécia e a Turquia, o governo inglês comunicou Washington que não tinha mais como ajudar aqueles países com armas e dinheiro (Magnoli, 1996: 52). Caso a Grécia caísse sob o domínio dos comunistas, o flanco oriental da Europa estaria ameaçado. “O Irã e a Turquia estariam imediatamente comprometidos” (Tarr: 25). Tudo porque ao norte e a oeste das altas montanhas gregas “(...) estendiam-se as terras comunistas da Bulgária e Albânia. Estes países estavam embarcando armas para a Grécia. Uma nova guerra estava para começar” (Wolfson, 1996: 80).

O governo americano deveria agir rapidamente e foi exatamente isso o que ele fez. Em 12 de março de 1947, três semanas após a notificação inglesa, Truman dirigiu-se ao Congresso e, anunciando os novos rumos da política externa estadunidense, retomou a antiga Doutrina Monroe – “que atribuía aos Estados Unidos um papel de liderança internacional e uma missão geopolítica de defesa de áreas de influência”. Diante dos congressistas que enchiam o Capitólio, ele proclamou:

No presente momento, praticamente todas as nações devem escolher entre formas de vida alternativas. Muito frequentemente essa escolha não é livre. Uma forma de vida é baseada na vontade da maioria e distingui-se por instituições livres, governo representativo, eleições livres, garantias à liberdade individual, liberdade de expressão e eleição, e ausência de opressão política. Uma segunda forma de vida é baseada na vontade de uma minoria, imposta pela força à maioria. Recorre ao terror e a opressão, a um rádio e a uma imprensa controlados, a eleições decididas de antemão e à supressão das liberdades pessoais. Creio que os Estados Unidos devem

⁹ Era praticamente impossível Truman não saber sobre a real fragilidade da URSS: além de ter espiões naquele país, seus secretários visitavam o Kremlin constantemente. Segundo Volkogonov, “uma severa seca” atingiu a URSS em 1946; “a fome voltava a se propagar e as pessoas andavam pobremente vestidas”. Os problemas internos das Repúblicas soviéticas eram tantos que a “delinqüência imperava” no país, pois as escolas estavam estruturalmente falidas. Para piorar, o governo soviético enfrentava as rebeliões armadas da Ucrânia ocidental e dos Estados bálticos que lutavam contra a ditadura stalinista e que somente foram resolvidas em 1951 (Volkogonov: 526 e 535-36).

apoiar os povos livres que resistem à tentativa de servidão por minorias armadas ou a pressões externas. Creio que devemos ajudar os povos livres a forjar seus destinos com suas próprias mãos. (...) Os povos livres do mundo olham para nós, esperando apoio na manutenção da liberdade. Se fracassarmos na nossa missão de liderança, talvez ponhamos em perigo a paz e o mundo – e certamente poremos em perigo a segurança da nossa própria nação (Magnoli, 1996: 52-53).

O comunicado que ficou conhecido como a Doutrina Truman mostrou ao governo soviético um verdadeiro e perigoso inimigo. Mesmo que não fossem as intenções de Stalin naquele momento, os Estados Unidos eram os únicos capazes de conter, ou seja, confinar o comunismo à localidade do mundo onde geograficamente existia, o Leste europeu. Em relação ao Mediterrâneo oriental, Truman afirmava em suas memórias: “Eu expliquei a proposta requerendo ao Congresso a quantia de 250 milhões de dólares à Grécia e 150 milhões à Turquia, mas foi então que eu percebi que isso seria apenas o começo” (Truman: 127).

Se havia alguma verdade sólida para a *contenção*, ela viria da própria Europa Central; onde os partidos comunistas progressivamente ganhavam popularidade e representatividade. Segundo Hobsbawn: “O primeiro-ministro (socialista) da França foi a Washington advertir que, sem o apoio econômico, era provável que se inclinasse para os comunistas”. A seca que não havia atingido só a URSS em 1946, arrasou também as colheitas de toda a Europa cujo “inverno terrível (...) deixou ainda mais nervosos os políticos europeus e os assessores presidenciais americanos” (Hobsbawn: 228).

O que fazer para conter a expansão comunista? Como acabar com a recessão econômica que assolava a Europa, pois ela nada mais era o reflexo da falta de investimento decorrentes da Segunda Guerra? Em 1947, o inverno cobria de gelo a Europa: “o racionamento chegou a atingir a iluminação doméstica e o aquecimento, em função da carência absoluta de carvão”. E as fábricas fechavam as portas por causa da falta do combustível: a falta do carvão que ao mesmo tempo, paradoxalmente, desintoxicava os trabalhadores que em suas minas trabalhavam, originava o desemprego, a queda das exportações e o desespero social (Magnoli, 1988: 28).

Em junho do mesmo ano, após o discurso de Truman que recuperava a Doutrina Monroe como estratégia política americana para o mundo, George Marshall, secretário de Estado dos EUA, preferia seguir na mesma direção que seu presidente. No dia 5, numa cerimônia de formatura da Universidade de Harvard, Marshall lançava um plano de idéias para a salvação da economia européia, que consequentemente era cliente da economia americana. “A crise econômica européia, que é uma crise de carência de dólares, ameaça destruir os grandes fluxos comerciais internacionais, arrastando os Estados Unidos numa recessão de dimensões planetárias” (Magnoli, 1988: 28).

Por outro lado, o plano Marshall não seria apenas para salvar a economia da Europa, mas sim salvá-la dos partidos comunistas europeus que estavam prestes a vencer nas próximas eleições pela via democrática. Porque “(...) a ameaça mais séria aos interesses ocidentais na Europa (...) era (...) o perigo de fome, pobreza e desespero levarem os europeus a porem no governo seus próprios comunistas, que então atenderiam obedientemente os desejos de Moscou” (Gaddis: 30).

O discurso de Marshall, realizado em Harvard, ecoou no planeta, pois segundo o secretário a ajuda seria para todos os países da Europa, inclusive à União Soviética e os demais países comunistas do Leste. No entanto, na opinião de Stalin ficava difícil atender a um Plano, cujo reflexo era a própria Doutrina Truman, uma doutrina ampla e radicalmente anticomunista. “Se bem que a URSS se desesperasse por ajuda econômica, e pudesse se beneficiar do Plano Marshall (...)”. Contudo o Estado soviético somente “poderia fazê-lo ao custo de aceitar o controle virtual dos EUA sobre a economia soviética”. E Stalin acabou dizendo não ao Plano, através de Molotov, na conferência de Paris que se realizou de 27 de junho a 2 de julho de 1947 (Volkogonov: 550).

Diante do ataque capitalista produzido pela Doutrina Truman e o Plano Marshall, a União Soviética e os países satélites, através das ordens de Stalin resolveram criar o Departamento de Informação Comunista, o Kominform. Ou seja, a recriação da antiga Internacional Comunista, o Comintern, abandonado por Stalin, em 1943. A nova organização, Kominform, tinha como missão reunir os partidos comunistas da Europa oriental, da Itália e da França sob o comando do Partido Comunista da União Soviética (PCUS).

Na passagem de 1947 a 48, os comunistas, no Ocidente, “desapareceram dos governos e foram sistematicamente marginalizados na política”. Os Estados Unidos estavam realmente atentos, pois “planejavam intervir militarmente se os comunistas vencessem as eleições de 1948 na Itália”. E a União Soviética não agiu diferente, “eliminando os não-comunistas de suas ‘democracias populares’ multipartidárias, daí em diante reclassificadas como ‘ditaduras do proletariado’, isto é, dos ‘partidos comunistas’” (Hobsbawn: 235).

À medida que a pluralidade partidária desaparecia nos países do Leste europeu, como na Polônia, Hungria, Romênia e Bulgária – e isso corrompia os acordos realizados em Yalta –, Stalin duelava contra o Plano Marshall, promovendo um alinhamento às estruturas daqueles países à própria estrutura soviética: suas economias passavam para o controle do Kremlin. Tudo deveria estar estreitamente ligado a Moscou. E o Estado soviético reconstruía-se através de uma arquitetada operação de transferência de riquezas. Segundo Magnoli, dos países do Leste chegavam as matérias-primas, como “carvão e alimentos (...) enviados a baixos preços ou mesmo gratuitamente, a título de reparações de guerra”: era uma inversão da Doutrina Truman e do Plano Marshall. A URSS sangrava “economias destroçadas pela guerra, acentuava a necessidade de controles policiais e repressivos na manutenção da estabilidade política”. Winston Churchill nunca esteve tão certo como naquele momento: em relação a reconstrução da União Soviética uma “cortina de ferro (...) tornava-se, a posteriori, realidade” (Magnoli, 1988: 31).

Ao passo que a Europa se dividia e governos provisórios de coligação do Leste europeu eram substituídos, alternadamente, por governos stalinistas, um novo mapa configurava-se num bloco de países pró-soviéticos. E a partir de então, as suas fronteiras passaram a criar um enorme fosso, um abismo cultural que os separou do Ocidente por várias dezenas de anos.

A EUROPA DO LESTE EM 1948

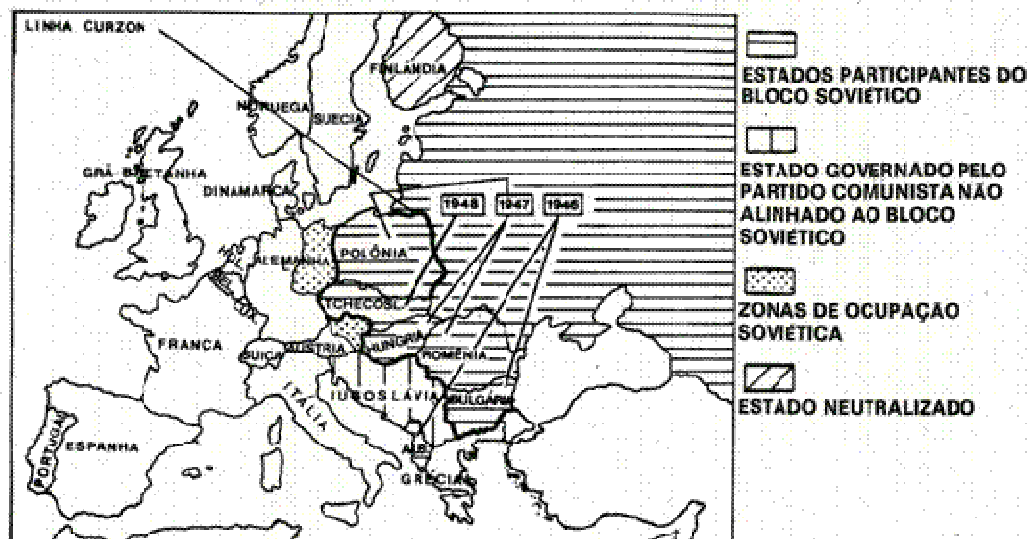


Figura 1 - A Europa do Leste em 1948

Fonte: Magnoli, 1988: 32.

O Plano Marshall, que provocou Stalin a ponto de levá-lo a ignorar as promessas feitas em Yalta, tinha e buscava um outro objetivo além de salvar a Europa da expansão comunista e soviética: beneficiar-se através dos empréstimos, tornando os países que os necessitavam em credores.

Segundo Maurice Vaisse, o Plano favorecia os Estados Unidos, porque “permite que a economia americana se mantenha próspera”. Depois do pronunciamento em Harvard, em 5 de junho, George Marshall recebeu o pedido por ajuda de dezesseis países, e era só uma questão de tempo para que o Congresso dos EUA a aprovasse: afinal, eram 17 bilhões de dólares. Uma soma que só os EUA tinham no momento, pois como já mencionou-se antes, era o único país com reservas de ouro para aquilo. Contudo os empréstimos não poderiam demorar muito. Greves sacudiam a França e a Itália, lugares onde o Partido Comunista era forte. “Por toda a Europa os comunistas fazem campanha contra o Plano Marshall”. As paralisações ameaçavam o capitalismo, promovendo o clima para possíveis insurreições (Vaisse: 24). Com o receio de que ocorresse na França e na Itália o que aconteceu na Tchecoslováquia – um golpe de Estado comunista –, em novembro de

1947, os parlamentares reuniram-se em Washington numa seção especial, aprovando 500 milhões de dólares àqueles países (Tarr: 28-29)¹⁰.

Contudo, em abril de 1948 finalmente foi votado e aprovado o Plano Marshall, ou seja, o *European Recovery Program*. Conforme Vaisse, a nova lei, que permitia o auxílio dos Estados Unidos aos países em dificuldades, concedia “10% (...) sob a forma de empréstimos e 90% em ofertas em espécie, produtos americanos, portanto entregues aos governos (...)” que os repassaram, vendendo aos industriais. Por exemplo, a França. “O valor destas mercadorias, traduzido em francos e pago ao governo francês (...) intitula-se ‘contra-valor’”. Devido a isso, o *contra-valor*, a França assim como todos os outros países puderam conceder empréstimos públicos aos industriais e agricultores. Foi “um sistema muito eficaz e (...) coerente (...)”, porque acabou permitindo ao longo de quatro anos de empréstimos – de 1948 a 1952 – a recuperação econômica da Europa Ocidental (Vaisse: 24-25)¹¹.

1.4 O CERCO DE BERLIM: UMA FRONTEIRA NO CÉU

Em 1948, Berlim ainda era uma cidade em ruínas, como também o palco das atenções para o mundo. Ocupada pelos EUA, URSS, Grã-Bretanha e França a cidade carregava o peso de ter que conviver, paradoxalmente, com dois sistemas de governos muito opostos: de um lado o capitalismo do Ocidente, agora amparado pelo milionário Plano Marshall; e de outro, por um comunismo empobrecido financeiramente.

¹⁰ No momento, a URSS estava consolidada nos países do leste. “Grupos de oposição na Polônia, na Hungria, na Bulgária e na Romênia” já haviam sido expulsos (Tarr: 28). Logo depois que Marshall anunciou o seu Plano, Stalin aumentou o controle do Kremlin sobre a Europa Oriental, perseguindo os líderes comunistas que não fossem da URSS: ele suspeitava de que estivessem sustentando sentimentos nacionalistas. “Na Tchecoslováquia, os comunistas haviam saído de eleições livres como partido mais forte e controlavam o governo”. Mas isso não foi suficiente para o ditador soviético. Enquanto o novo governo da Tchecoslováquia era deposto e seu ministro do exterior – que não era comunista – misteriosamente suicidava-se, saltando da janela de seu gabinete, estabelecia-se de vez uma ditadura comunista no país (Kissinger: 494-95).

¹¹ Dos 17 bilhões de dólares que o governo dos EUA intencionava emprestar, quase 13 bilhões foram financiados. A Grã-Bretanha foi a que mais se utilizou dos recursos, 3.2 bilhões; já a França, 2.7 bilhões (Vaisse: 25).

Mas os berlinenses assim mesmo seguiam a existência, sobreviviam. O que ninguém ainda poderia prever é que as coisas ficariam ainda mais difíceis nos próximos meses. Os capitalistas, responsáveis pelo lado ocidental da Alemanha já haviam concordado que a mesma deveria se fortalecer econômica e industrialmente, e uma reforma monetária seria imprescindível para aquilo. Em junho, criava-se, então, a nova moeda alemã, o *Deutsche Mark*, que circularia nas zonas americana, inglesa e francesa, incluindo a parte ocidental de Berlim. E isso acabou incomodando demais Stalin, pois a nova moeda poderia atravessar a fronteira, atrapalhando os seus planos para o futuro de sua zona soviética.

Em 24 de junho os comboios de caminhões e trens que seguiam a rotina de suprir a cidade com carvão e alimentos tiveram uma nova ordem, recuar. A ordem que veio de Moscou confirmava a reação soviética ao ultimato declarado por Truman e sua Doutrina às *democracias livres*. Segundo David Tarr, naquele “(...) momento, os Estados Unidos e a União Soviética estiveram muito perto de uma guerra”. Os exércitos ocidentais ficaram nervosos e um comandante americano chegou a recomendar “que os Estados Unidos enviassem um comboio armado à cidade sitiada”. Ninguém no momento sabia exatamente quais eram as razões de Stalin em apropriar-se das zonas ocidentais da antiga capital alemã. De Washington, o governo americano resolveu agir com cautela e, com precisão, resolveu criar algumas fronteiras no céu de Berlim, ultrapassando assim o cerco terrestre soviético que a sitiava.

Conforme as informações que chegavam da Alemanha através dos periódicos da época, de um aeroporto construído por americanos e ingleses, o *Rhein-Main*, a 480 quilômetros da cidade sitiada, grandes aviões quadrimotores, como também bimotores e alguns bombardeiros levantavam vôo. Daquele aeródromo e de outros, os cargueiros decolavam para aterrissar em Tempelhof e Gatow – Berlim Oeste – suprimindo os berlinenses com carvão e alimentos variados como a farinha, passas e conservas (Detzer, 1949: 51-54). Somente depois, em dezembro, foi concretizada uma Terceira ponte aérea com o aeroporto de Tegel¹².

¹² “Diariamente mais de mil aterrissagens traziam cerca de quatro mil toneladas de carvão e uma quantidade imensa de suprimentos” (Magnoli, 1988: 35).

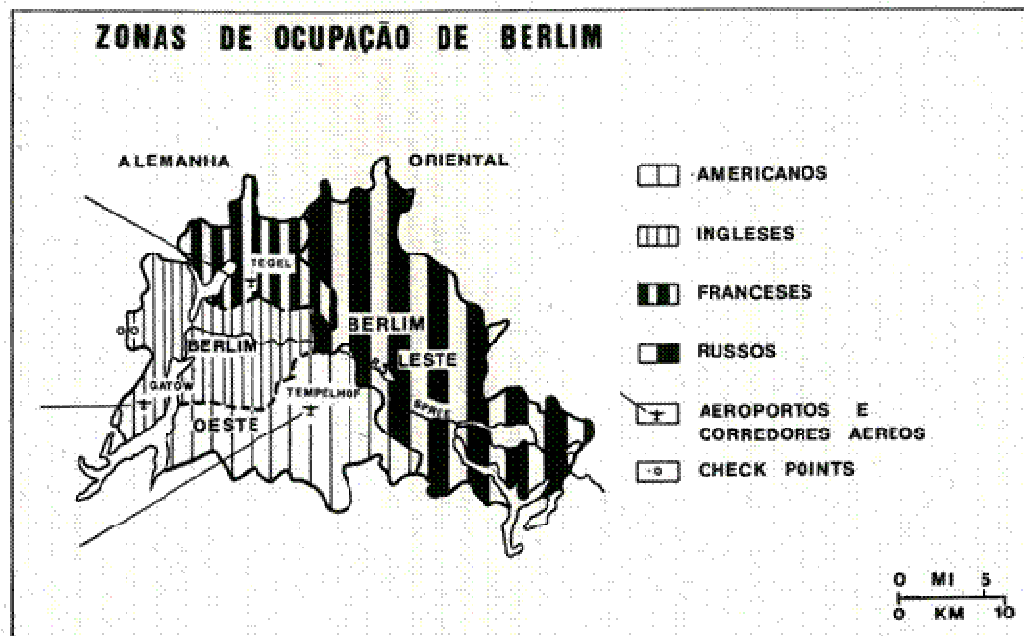


Figura 2 - Zonas de Ocupação de Berlim e as pontes aéreas

Fonte: Magnoli, 1988: 24.

Conforme o artigo de Karl Detzer, ingleses e franceses também estavam empenhados em levantar o bloqueio soviético. Aviões York, do Reino Unido, descarregavam em Gatow, "(...) no setor inglês de Berlim, à razão de um aparelho de 4 em 4 minutos". No solo, centenas de pessoas ficavam aguardando os mantimentos chegarem do céu, através de manhãs nevoentas e noites chuvosas. Nada poderia dar errado e tudo deveria ser feito o mais rápido e preciso possível: a população da cidade, em busca de aquecimento e de energia para cozinhar os alimentos, já estava derrubando as velhas árvores dos parques que resistiram à guerra. Por exemplo: quando um poderoso quadrimotor aproximava-se de Tempelhof, quase que automaticamente um caminhão de oito eixos já o aguardava na pista de aterrissagem. Abria-se a porta lateral do cargueiro aéreo, enquanto o caminhão recuava em posição favorável a fim de que o mesmo fosse abastecido e não se perdesse um segundo sequer. Nesse tempo, a tripulação – piloto, co-piloto e um mecânico (geralmente um sargento de bordo) – descia do avião por uma escada de mão ou por corda para ter uns raros momentos de descanso. Com os rostos cobertos e escurecidos pelo pó de carvão que transportavam, eram recebidos por um *pequeno caminhão-cozinha* que lhes concedia alguns cachorros quentes,

sanduíches, xícaras de chocolate quente e sonhos, como prêmio pela travessia da ponte aérea. Tudo isso durava mais ou menos dez minutos. Então o grande caminhão se afastava, e os aviadores ainda mastigando os alimentos tinham que regressar às suas bases aéreas para novamente completar mais uma rota.

Em dezembro era a vez da zona francesa de Berlim contribuir com uma nova ponte aérea, o aeroporto de Tegel. Sobre a idéia de sua construção “os russos acharam graça. Sabiam que em toda a cidade não existia cimento nem asfalto suficiente para pavimentar nem uma pista”: ao abandonarem Berlim Oeste, após o final da guerra, levaram junto “todos os *bulldozers*, misturadores de concreto e máquinas de pavimentar”. Mesmo assim deveria ser feito. Trabalharam na construção 30 mil alemães. Mulheres e homens cavando com picaretas e pás e com o auxílio dos carrinhos de mão, aos poucos foram tapando os vestígios deixados pelas bombas que devastaram o terreno. Depois de um quilômetro e meio de pistas escavadas e aplainadas restavam o cimento e o asfalto para cobri-las, e estes chegavam do céu através dos cargueiros, para cobri-las. Tarefa pronta. Agora era vez das pistas funcionarem. O novo aeroporto abriu uma nova fronteira no céu. Abaixo dela os russos até poderiam estar rindo, mas não foram eles que ganharam a simpatia e os agradecimentos de Berlim. Passados 200 dias do socorro aéreo, os berlinenses vestiram “o melhor dos seus farrapos”; e enquanto esperavam os aviões chegarem com o carvão e alimentos, prestaram uma homenagem aos pilotos concedendo-lhes presentes, como “pequenos brinquedos talhados a mão, pratos de porcelanas velhas que haviam escapado entre as ruínas da cidade” (Detzer: 52-56).



Figura 3 - O aceno das crianças de Berlim Ocidental ao socorro aéreo de 1948

Fonte: Gaddis, 2006: s/p.

Mas a agonia durou apenas mais alguns meses. Em maio de 1949, Stalin recuava em suas ambições¹³. O bloqueio era aberto, ou seja, derrubado.

A cidade de Berlim era, nas palavras de Detzer, “como uma ilha em um mar de tropas soviéticas”. Caso os 100 mil russos resolvessem se confrontar com os 2.500 soldados americanos, não haveria a mínima chance para o capitalismo naquele lugar. Mas isso não ocorreu.

Por quê? Por que os soldados russos ficaram de braços cruzados, observando os aviões do Ocidente passarem sobre as suas cabeças e aterrissarem diante dos seus olhos, abastecendo Berlim Ocidental? Por que não os abateram? Por que Stalin acomodou-se em sua *dacha*, assistindo quieto a glória dos capitalistas em suprirem por três pontes aéreas, quase dois milhões de berlinenses?

Um das respostas a essas questões, senão a única, é simples de encontrar. Alguns meses antes do rompimento do bloqueio, o presidente Truman e seu co-associado, o primeiro-ministro inglês, Clement Attlee, agiram conjuntamente contra um dos mais poderosos ex-Aliados da última guerra. Estacionaram na velha ilha britânica alguns bombardeiros carregados com artefatos nucleares, deixando

¹³ O líder soviético pensava que ordenando o bloqueio poderia “impor um recuo drástico das potências ocidentais, com o abandono de Berlim ou, no mínimo, a abertura de negociações sobre a reforma monetária” (Magnoli, 1988: 35).

escapar a notícia, que logo se transformou numa mensagem, num ultimato ao premier soviético e a todo o seu governo (Magnoli, 1988: 47).

Os Estados Unidos venciam a primeira batalha da Guerra Fria através de seu monopólio atômico. No entanto, notícias vindas do Leste, meses depois, em agosto, mudariam esse panorama.

1.5 A BIPOLARIDADE NUCLEAR

O cerco de Berlim decididamente separava os mundos comunista e capitalista, enquanto transformava o frágil e prematuro território alemão. E a Alemanha mal completava 80 anos e já estava dividida: em maio era anunciada a criação da República Federal da Alemanha (RFA); sob tutela americana, inglesa e francesa; em outubro, a República Democrática Alemã (RDA), sob tutela soviética.

As atitudes de Stalin além de ganharem a antipatia do mundo ocidental, pois metaforizaram a resistência da liberdade contra a tirania, também construíram a idéia de que os Três Grandes capitalistas deveriam criar um órgão político e militar que os defendesse de qualquer agressão comunista, a Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN). Apesar dos Estados Unidos possuírem bombas atômicas em seus armazéns nucleares, uma simples idéia de uma invasão militar russa constituída pelo poderoso Exército Vermelho causava terror em qualquer chefe de Estado europeu, ainda mais se esse fosse capitalista: Stalin poderia arrancar-lhe tudo, inclusive suas propriedades; mandá-lo, assim como a todo seu povo, para os gulags. Seria um horror. Mas os EUA estavam lá para protegê-lo, pois era o único país que possuía um arsenal de bombas atômicas para aquilo¹⁴.

Mas não havia mais espaço para a ilusão. Em 29 de agosto de 1949, a União Soviética testava com sucesso a explosão de sua primeira bomba atômica no deserto do Casaquistão. Conforme o historiador Zhores Medvedev, desde 1939 que a URSS preocupava-se com o assunto, por causa das pesquisas feitas com o urânio por cientistas alemães. No início de 1942 sabia-se que a Alemanha, os Estados

¹⁴ Eram quase 200 bombas na época (Gaddis: 34).

Unidos e o Reino Unido desenvolviam projetos baseados no raro mineral para a construção de uma arma que fulminasse de uma só vez com a guerra: ao contrário do que ainda alguns afirmavam o confronto demorava em se resolver. No decorrer desse ano vários documentos relativos à obtenção do enriquecimento de urânio chegavam a Moscou através de informantes internacionais apaixonados pelo comunismo, como o cientista e imigrante italiano nos Estados Unidos, Bruno Pontecorvo, colaborador direto do físico Enrico Fermi, o primeiro a construir um reator atômico, em 1942. Outros cientistas agiam da mesma forma: recolhiam os documentos, repletos de “cálculos matemáticos e cópias de relatórios de pesquisa distribuídos em caráter sigiloso entre os participantes do projeto urânio nos” Estados Unidos e Inglaterra. Os agentes secretos soviéticos quase não faziam nada: seus papéis consistiam somente em transmitir as informações.

Com as informações em mãos, Stalin acenou positivamente ao início de um projeto que viabilizasse a construção da bomba atômica soviética. Vários cientistas russos foram chamados para colaborar, entre eles, Georgy Flevov e Igor Kurchatov. A supervisão geral era de Molotov: o *projeto urânio* era a principal prioridade da Stalin, e ao escolher o ministro, seu braço direito, ele queria estar sempre a par das notícias para dar a última palavra. Finalmente, em 10 de março de 1943 era criado o *Laboratório nº 2* na Academia Soviética de Ciências (ASC). Este, na verdade, era um código que, por razões de sigilo, escondia as reais intenções de pesquisa atômica do novo instituto. Tudo o que se referia à pesquisa de urânio na URSS passou a ser encarado como ultra-secreto, até mesmo o periódico oficial soviético, *Pravda*, estava proibido de se referir ao tema. Kurchatov e os demais cientistas sentiram os efeitos da censura, pois ficava-lhes proibido qualquer revelação dos conhecimentos. Ou seja, como os conhecimentos sobre a bomba atômica eram importados, Stalin temia que seus simpatizantes fossem revelados no exterior¹⁵.

De qualquer forma as pesquisas progrediam, o único problema era encontrar urânio na União Soviética¹⁶. Depois da capitulação alemã, os agentes do governo

¹⁵ E isso aconteceu mais tarde. Alguns foram condenados à prisão, mas Bruno Pontecorvo antecipou-se, fugindo com sua família através de um país neutro, a Finlândia, para integrar-se a ASC, em 1950 (Medvedev, Medvedev, 2006: 186).

¹⁶ O urânio é um mineral raro de se encontrar. Isso sem levar em conta o seu componente de fissão nuclear, o urânio – 235, que representa apenas 0,72% de sua massa total (Medvedev, Medvedev: 162-63).

juntamente com os cientistas do Laboratório nº2 rumaram para a Alemanha. Detalhe: todos estavam vestidos com o uniforme de coronel do exército (Molotov queria encobrir ao máximo a expedição científica). Depois que chegaram, foram ao encontro do principal especialista nazista em produção de urânio puro, Nikolaus Riehl. Este, “voluntariamente”, mostrou-lhes a cidade de Oranienburgo e sua indústria de produção de urânio para fissão Nuclear¹⁷. A fábrica e a cidade estavam destruídas. Mesmo assim, desmontaram os destroços, levando-os a Moscou. Com base em indagações, Riehl e o Laboratório nº2 “conseguiram descobrir um estoque de óxidos de urânio em outra cidade, quase 100 toneladas. Mais 12 toneladas foram encontradas em outro lugar”. Após dois meses, em julho, Nikolaus Riehl, acompanhado de sua família, de vários engenheiros e físicos nucleares – que perderam o emprego, com a derrota nazista – foram viver na URSS a convite do Kremlin; e numa cidade próxima a Moscou, Noginsk, passaram então “à conversão da fábrica ‘Elektrostal’ (...) numa usina de urânio. Pelo fim de 1945, a transformação dos óxidos de urânio em urânio puro tinha sido iniciada” (Medvedev, Medvedev: 162-173). Stalin ficou quase satisfeito.

A bomba deveria ser feita a qualquer preço. Milhares de russos participaram do projeto atômico; segundo Zhores Medvedev, mais ou menos 250 mil. “E até 1950 o número (...) havia chegado a mais de 700 mil. Mais da metade eram prisioneiros e cerca de um terço provinha dos batalhões de construção do exército (...)”. Os *trabalhadores livres* representavam mais ou menos 70 mil pessoas, “cuja liberdade de movimentos na realidade era muito restrita”. Foram construídas mais de uma dezena de instalações industriais para o beneficiamento de urânio natural em urânio para fissão Nuclear. Gulags corretivos de trabalhos forçados transformaram-se em *gulags atômicos* (Medvedev, Medvedev: 178). Por causa das pressões do governo soviético para a obtenção de uma bomba, o mais rápido possível – naquele momento, o bloqueio de Berlim estava sendo rompido pelo governo americano

¹⁷ Fissão é o processo pelo qual “o núcleo do urânio-235 é atingido por um único nêutron”, tornando-se assim instável e fragmentado. “A fissão de um núcleo de urânio-235 não só gera vários isótopos, ou elementos mais leves, alguns deles radioativos, como libera três ou quatro novos nêutrons. Quando esses nêutrons secundários atingem outros núcleos de urânio-235, a fissão se repete. Quando (...) a massa de urânio-235 irradiado pelos nêutrons é maior (...), a divisão de [seu] núcleo (...) pode desencadear a divisão de mais (...) um núcleo adicional de urânio-235, com isto provocando uma auto – sustentada reação em cadeia”. E conseqüentemente uma explosão Nuclear (Medvedev, Medvedev: 162).

através das pontes aéreas – muitos acidentes aconteceram, sendo alguns irreversíveis.

No final de 1948, depois da construção da primeira usina radioquímica (Maiak) e do primeiro reator industrial, o mesmo simplesmente parou de funcionar, e isso provavelmente deixou os construtores e trabalhadores desesperados: o prazo ditado por Stalin já havia esgotado (início de 48). No processo de desmontagem e remontagem do reator “(...) milhares de pessoas foram expostas à radiação (...)”. O complexo de Maiak ficou contaminado e mais de uma centena de casos de *pneumo esclerose de plutônio* foram registrados. Para piorar a situação, o lixo radiotivo de Maiak era despejado num rio próximo, poluindo as águas e contaminando os camponeses que viviam ao longo de suas margens. Contudo, ao menos para Stalin e seu governo, com exceção do prazo, tudo deu certo: conseguiram acumular as 150 toneladas de minério de urânio, necessárias para o funcionamento do reator e fizeram Maiak funcionar normalmente. “Em junho de 1949, já havia (...) dez quilos de plutônio¹⁸, a quantidade usada na bomba americana lançada em Nagasaki (...)” (Medvedev, Medvedev: 181-84). Bastou pouco mais de um mês para os russos testarem com êxito a experiência.

No Ocidente, em setembro, logo após Truman liberar as informações sobre a bomba de plutônio soviética, os povos americanos ficaram um pouco mais que surpresos: perplexos. O presidente só liberou a informação bem depois dos “vãos americanos de vigilância” detectarem precipitações radiotivas no espaço aéreo da União Soviética¹⁹; porque temia que a população civil soubesse por outras fontes: Stalin só confirmou o teste Nuclear depois que Truman o revelou ao público americano (Gaddis: 34). Este era o clima da Guerra Fria: intimidador, instável e às vezes misterioso.

¹⁸ Segundo Zhores Medvedev, os cientistas descobriram que com a fissão do urânio – 235, “os nêutrons produzidos [pelo processo] também podiam atingir o urânio – 238 e fundir-se com seu núcleo, formando um novo elemento com massa de 239”, o plutônio. E havia uma grande vantagem com o uso desse material, cuja massa é “cerca de dez vezes menor que a do urânio; desse modo, seria necessária uma quantidade menor desse elemento para produzir uma bomba” (Medvedev, Medvedev: 182).

¹⁹ Uma das formas usadas pelo governo americano para detectar as precipitações radioativas na URSS, provavelmente, foi através de balões espões. Curiosamente, em 1947, quando começaram a ser fabricados no deserto do Novo México, alguns testes fugiram ao controle dos cientistas, indo parar próximos à cidade de Roswell. No mesmo lugar onde até hoje dizem ter caído um disco voador: um dos temas que será analisado no próximo capítulo.

Intimidador porque o monopólio atômico do governo dos Estados Unidos havia acabado e o mesmo não poderia mais usá-lo como arma psicológica contra a superpotência comunista; também porque naquele momento a União Soviética tinha tudo a seu favor: as indústrias funcionavam normalmente, sustentava o exército mais poderoso do planeta e possuía o domínio tecnológico das armas nucleares. Instável porque ninguém sabia ao certo quais seriam as próximas ações do Kremlin, dado ao enorme fosso político e cultural com o Ocidente, produzido já antes da Segunda Guerra Mundial – a partir da Revolução de Outubro de 1917 – e que se aprofundou ainda mais depois dela; também porque o cotidiano e o imaginário pertencentes à época estavam contaminados pelo medo: o crescimento do bloco comunista no Oriente asiático, com a vitória de Mão Tse-Tung na China e as tensões provocadas no paralelo 38 da Coreia corrompiam as certezas de paz²⁰. Ou seja, uma Terceira Guerra Mundial e Nuclear poderia estar mais próxima do que nunca. Mas a Guerra Fria também produzia o mistério, pois se Stalin escondeu do Ocidente o seu sucesso Nuclear no Casaquistão, o que mais ele não estaria aprontando? Que novas armas tecnológicas os russos não estariam preparando para sondar, explorar, invadir os EUA e o restante do mundo capitalista? Uma nova tecnologia aérea capaz de ser detectável pelos radares mais sensíveis? Ou, às vezes, quando esta, já em território americano, aparecesse toda iluminada com várias cores no céu, inquietando os observadores, que depois de 1947, jamais pararam de relatá-las?

Assim, desde 1947, os relatos sobre as Luzes no Céu passaram a fazer parte do contexto, do cotidiano e do imaginário pertencentes à época da Guerra Fria. O medo de um provável confronto Nuclear, a falta de informações sobre o que poderia estar acontecendo do outro lado do mundo e as freqüentes observações de misteriosas Luzes no Céu – relatadas através da imprensa – levaram os ocidentais a imaginar e a construir formas para o fenômeno da Luzes no Céu, tudo de acordo com o horizonte cultural do final dos anos 1940 e início dos 1950. Mas o fenômeno não era novo e sempre esteve presente nos relatos mais antigos.

²⁰ As tensões no paralelo 38 transformaram-se em confronto aberto e armado entre capitalistas e comunistas, na Guerra da Coreia, cujo tema será aprofundado na última parte desse trabalho.

2 A GUERRA FRIA E O FENÔMENO DOS DISCOS VOADORES (1946-1951)

As Luzes no Céu foram e são tema nas fontes documentais. Muito antes da Guerra Fria e das duas guerras mundiais, a humanidade já se preocupava com os fenômenos luminosos, pois à medida que apareciam, viajando pelo céu, mais indagações surgiam sobre eles. Ao observar a História como um processo de longa duração fica mais simples de compreender as Luzes através dos cronistas que as relatavam, como também as formas que eram representadas. Um escritor antigo apesar de possuir toda uma subjetividade particular não era diferente de um homem moderno: pertencia ao tempo que vivia e absorvido por ele imaginava e descrevia o fenômeno de acordo com a própria época.

2.1 AS LUZES, SUAS ÉPOCAS, SUAS FORMAS

Em 312 da era cristã, durante o Império Romano registrou-se um importante aparecimento de Luzes no Céu, no período em que os sucessores de Diocleciano travavam uma intensa luta pelo poder. Segundo o historiador Ivar Lissner, o exército de Maxêmio defrontava-se com o de Constantino. Os soldados de Constantino e ele próprio estavam exaustos e quase vencidos. Foi quando Constantino, sem mais para quem pedir socorro, chamou a proteção dos céus, cuja resposta apareceu na imagem da Santa *Cruz* iluminada e com as palavras gravadas: “com este sinal vencerás”: e a batalha reiniciou-se, próxima a ponte Mélvio. Após uma carga de cavalaria, Constantino, revigorado pela visão, ordenou aos infantess que destruíssem o inimigo. Ao verem o corpo de Maxêmio boiando na água declararam-se então vencedores (Lissner, 1985: 480-83)²¹.

²¹ Quem registrou a passagem em que Constantino viu a luz no céu em forma de *crux* foi seu biógrafo, Eusébio. Através da visão do imperador, dois acontecimentos marcaram profundamente a história da humanidade. Um, talvez o menos significativo, foi a coroação de Constantino pelo senado como imperador dos imperadores; outro, a sua progressiva transformação no primeiro monarca cristão, como também para o povo romano que, vivendo lado a lado com o cristianismo – o novo imperador tornava livre a crença – passou a absorver e aceitar os valores e a idéia de uma única religião, de um único Deus.

Quase um século depois da consagração de Constantino, um *astro* de cauda luminosa tornava-se visível no céu da Itália. O Império estava política e socialmente em ruínas; e a população romana, já insegura, encarou a visão como um presságio do firmamento. De qualquer forma ela acertou: uma semana após do sumiço da luz, os godos saquearam e devastaram Roma. Depois das cidades praticamente desaparecerem nas brumas da Idade Média, no ano 1000 registrava-se um novo aparecimento do fenômeno: eram “sinais de prodígios nos céus”, declarando o retorno do *Messias* e o dia do *Juízo Final*. Quando um *bólido luminoso* atravessou o céu no ano fatídico, os habitantes da Europa impressionaram-se, porque acreditaram que com ele viria Deus para punir os ímpios e presentear os bons (Moon, 1997: 78-81).

O mundo medieval era marcado pelo medo da morte, da violência, da fome, da peste, do desconhecido. Mas o que se poderia esperar de uma sociedade cercada na estrutura feudal, sem comunicação com outros mundos ou culturas, cujo horizonte de conhecimento era estreitamente ligado aos valores da Igreja Católica? Conforme o historiador Jacques Le Goff, a mentalidade do homem medieval era composta por sonhos, imaginação, medo e muita esperança. Para o medievo, oceano e céu demarcavam o limite, a fronteira de seu horizonte mental. Até mesmo os mais eruditos não fugiam à regra: Santo Agostinho perturbou-se com os relatos sobre a existência de um mundo como a Índia, de seres monstruosos contrários à criação divina. Entretanto, ao mesmo tempo que o desconhecido aterrorizava o homem medieval, também o excitava, pois diante da moral eclesiástica, a imaginação era uma das poucas manifestações de liberdade que aquele encontrava para poder respirar e representar suas interpretações sobre qualquer contexto ou realidade incompreendida (Le Goff, 1979: 267-68).

No despertar de 14 de abril de 1561, um ano após o padre jesuíta, José de Anchieta, registrar *fachos cintilantes* “correndo” pelas florestas do Brasil (Cascudo, 1976:119), surgiram *bolas* avermelhadas, azuladas e pretas cobrindo o céu de Nuremberg. Em pleno movimento renascentista, os homens acreditaram na visão como um aviso divino. O anônimo folheto de Nuremberg relatou ainda que “(...) entre essas bolas, foram vistas também, várias cruzes cor de sangue (...) tubos pequenos e grandes, (...) quatro ou mais bolas. Tudo isso começou a brigar entre si”. Mas

quase uma hora depois, os objetos acabaram desabando do céu e ofuscados pelo sol, queimaram e desapareceram lentamente numa “grande nuvem de vapor (...) sobre a terra” (Jung, 1988: 85).

Em 1716, na Inglaterra, os homens, preocupados em compreender a ciência, expressavam mais livremente suas idéias; aliás, essa era uma época em que os valores do Antigo Regime diariamente eram sufocados, mesmo que não oficialmente, pelos novos pensamentos iluministas. Edmond Halley, conhecido pelo cometa que levou o seu nome e que o tornou famoso, certa noite observou “uma série de objetos luminosos” vagarem no céu por mais de duas horas. Ao tomar nota, Halley registrou que um “(...) deles iluminou o céu durante mais de duas horas e era tão brilhante que (...) pôde ler um texto impresso a sua luz”. Conforme a sua descrição “a luz começou a empalidecer para de repente voltar a brilhar *‘como um fogo alimentado por mais combustível’*” (Coleção Mistérios do Desconhecido, 1992:15). Contudo, no final do século XVIII, o iluminismo já havia exercido profunda influência nas mentes européias e americanas. Então, duas revoluções, dois continentes e duas nações – Estados Unidos e França – emanciparam-se do poder absoluto dos reis e sob os ideais de igualdade e liberdade passaram a projetar seus destinos com base na racionalidade. E diante daquela realidade em que a razão ganhava destaque, em que nenhum homem mais seria queimado numa fogueira por heresia, as descrições das Luzes no Céu ganharam novas versões.

Ao longo do século XIX, a imprensa, um produto da era tecnológica e industrial daquele momento, cedia as suas páginas aos relatos sobre as Luzes no Céu. Em 1809, o periódico britânico, *Journal of Natural History and Philosophy and Chemistry*, publicou a história de um morador de Hatton Garden, Londres. Conforme os relatos daquele habitante, *muitos meteoros* passaram velozmente em torno de uma nuvem escura, enquanto ocorria uma forte tempestade: eram “como partículas fulgurantes de luz, dançando e movimentando-se em meio às nuvens. Uma delas aumentou de tamanho até atingir o brilho e a magnitude de Vênus numa noite limpa. Mas não pude ver corpo algum”, afirmou ele. Também durante uma tempestade, em 17 de novembro de 1896, Charles Lusk, um condutor de bondes da cidade de Sacramento, EUA, observava de sua residência a formação tempestuosa do céu, quando de súbito, uma luz muito vibrante passou pouco acima de sua casa

surpreendendo-o. Lusk ainda tentou descrever a sua forma a um jornal local, mas foi outra testemunha que o fez. Subindo o domo de um prédio – seguia a testemunha – percebeu além de uma luz em forma de *charuto*, duas pessoas a bordo do objeto voador. De 1896 a 1897, surgiram outros relatos semelhantes, e a imprensa não deixou de pronunciar-se a respeito deles. Da cidade de São Francisco, O *Examiner* afirmou em manchete: “Deve ser excesso de álcool”; e o *Chronicle* ironizou: “o que as pessoas estavam vendo, na verdade, era o fantasma de Diógenes, personagem da Grécia antiga que percorria o mundo com uma lâmpada na mão em busca de um homem honesto” (Coleção Mistérios do Desconhecido: 15-16)²².

O fenômeno das Luzes no Céu aparecia, tornava-se notícia e subitamente desaparecia²³. No entanto, a literatura da época – como as obras de Júlio Verne e Herbert George Wells – e as declarações de espaçonaves tripuladas fizeram com que um renomado astrônomo americano, Percival Lowell, levantasse a hipótese da Terra estar sendo vigiada pelos vizinhos marcianos. A tese de Lowell que corroborou à ficção científica do final do século XIX, em 1938 teve uma assustadora repercussão. Em 30 de outubro daquele ano, Orson Welles que não havia completado os 22 anos e ainda não era famoso, num ímpeto resolveu comunicar através de uma emissora de rádio de Nova Jersey que a Terra estava sendo invadida por naves cilíndricas vindas de Marte²⁴: uma encenação da obra de H.G Wells, *A Guerra dos Mundos*, escrita em 1898. Mal Welles terminava a locução – durante a comunicação da peça, ele não fez menção alguma ao aspecto de ficção do texto – e cerca de dois milhões de estadunidenses já haviam abandonado suas casas e também automóveis em pleno movimento, saindo desesperados gritando por socorro pelas ruas. A confusão, o susto que Nova Jersey, durou até o início da

²² A Coleção Mistérios do Desconhecido foi uma obra condensada em vários volumes, todos organizados pela editora Time-Life e depois traduzidos pela *Abril* no Brasil.

²³ Talvez porque a imprensa encontrou uma outra forma de vender seus periódicos, talvez não. Contudo, essa questão, sob o ponto de vista teórico, não é objeto de estudo desta dissertação. O objeto de seu estudo, como já se mencionou antes, é perceber, assim como compreender o interesse e o impacto sócio-cultural que as notícias e os boatos sobre as Luzes no Céu causaram no público; e não analisar como e o porquê as notícias desapareciam e reapareciam nos periódicos, apesar de ser uma questão que com certeza merece ser analisada no futuro.

²⁴ A década de 30 foi a era do rádio. Dramas, romances, anúncios publicitários, telegramas urgentes, notícias, enfim, tudo passava por suas ondas. E como Orson Welles atuava no teatro e no rádio, apesar de já estar ligado ao cinema não deixou de aproveitar aquele momento. Segundo Hobsbawn, as “grandes concentrações de aparelhos de rádio se encontravam, na véspera da Segunda Guerra Mundial, nos EUA, Escandinávia, Nova Zelândia e Grã-Bretanha. (...) nesses países ele [o rádio] avançou em ritmo espetacular, e mesmo os pobres podiam comprá-lo. (...) o rádio transformava a vida dos pobres (...). Trazia o mundo à sua sala” (Hobsbawn: 194).

noite daquele dia, quando a agência de notícias *Associated Press* (AP) informou aos seus redatores sobre os apelos dirigidos a ela e às várias emissoras do país. Naquela noite as emissoras não pararam de assegurar aos ouvintes que a locução de Welles ou a invasão de Marte era uma peça teatral e não uma informação verídica (James, 1951: 51-55)²⁵.

Depois do *susto de Nova Jersey* e da deflagração da Segunda Guerra Mundial, os relatos das Luzes no Céu cederam lugar a outras visões, como as luzes destruidoras das bombas V-2 alemãs. Contudo, na fase final da guerra, pilotos ingleses e americanos apresentaram surpreendentes relatos de visões de estranhas *bolas luminosas* localizadas no céu.

As bolas de luz, afirmavam os pilotos, algumas vermelhas, outras laranjas, pareciam brincar com seus aviões. Repentinamente, elas apareciam e desapareciam, rasgando o céu com manobras muito velozes. Segundo os relatos apresentados aos comandantes das bases aéreas, o fenômeno, às vezes, surgia em grupos de dez movendo-se entre as asas dos bimotores. Por causa daquilo, os aviadores assustaram-se, pois pensaram que as luzes, os *foofighters* ou *caças fú* – batizaram-nas assim por causa de uma história em quadrinhos da época: “onde há fú, há fogo” –, só poderiam ser uma nova tecnologia nazista de guerra. Mas como os *foofighters* jamais danificaram qualquer aeronave, abandonaram essa hipótese. Mais tarde, no final da guerra soube-se “que os pilotos alemães também relatavam ocorrências idênticas”, e os mesmos imaginavam “que fossem armas secretas” dos Aliados (Coleção Mistérios do Desconhecido: 26).

Ao longo da história, desde Roma, os documentos fizeram referências ao fenômeno das Luzes no Céu. Se eram verdadeiras ou falsas, qual a diferença? O importante foram as descrições que, de Constantino aos pilotos anônimos da Segunda Guerra Mundial, disseram respeito às sociedades e ao imaginário cujos relatos produziram. É função do historiador compreender suas representações. E as Luzes no Céu dos *discos voadores* não fogem a sua tarefa.

²⁵ Além deste mestrando que analisou em sua monografia (2001), a transmissão da radionovela de Welles, o historiador, naquele momento doutorando (2005), Alexandre B. Valim, fez uma análise não só da peça, como também do filme, *A Guerra dos Mundos*, exibido no Brasil e no mundo ocidental, em 1954.

2.2 UMA NOVA PREOCUPAÇÃO, UM ANTIGO MISTÉRIO

Os acontecimentos a partir de 1946 polemizaram o Ocidente. As informações oficiais e as notícias veiculadas pela imprensa, no mínimo, alarmaram as autoridades internacionais, como também o público: o telegrama de 8 mil palavras de Kennan que provocou nos Estados Unidos a necessidade de uma política de *contenção* contra a União Soviética; o discurso de Churchill, de uma *cortina de ferro* descendo sobre a Europa e ingressando a “incipiente guerra fria na maturidade” (Tuchman, 1985: 251)²⁶; a crise civil na Grécia, com a possibilidade real de uma revolta comunista grega transformar-se numa revolução pró-soviética; os problemas financeiros da Europa capitalista, como por exemplo a Inglaterra que não conseguia mais manter suas atividades imperialistas na Grécia e Turquia; enfim, as notícias não poderiam ser mais alarmantes. Um engano.

A partir de maio, notícias vindas do Norte europeu inquietaram os Estados Unidos, acirrando ainda mais suas relações já precárias com a União Soviética. Os habitantes da Suécia passaram a relatar as observações de estranhos foguetes iluminados que começaram a cruzar o céu daquele país. E ao passo que as Luzes acumulavam-se entre as notícias fornecidas pela imprensa, novas caracterizações e formas a elas eram dadas: *foguetes-fantasmas*, *bombas assombradas* ou *gaivotas sem cabeças* lançavam suas faíscas assustando os moradores; alguns deles afirmavam que as aparições lembravam *charutos* ou *bolas de futebol*. “Voavam em linha reta, (...) subiam, mergulhavam, e chegavam a rolar e inverter a direção”, cruzando velozmente “o céu, como meteoros”. As notícias sobre os *foguetes-fantasmas* acentuaram-se e outros países distantes da Escandinávia, como a Itália e Portugal, também os relatavam (Coleção Mistérios do Desconhecido:27).

As suspeitas automaticamente caíram sobre a URSS. Havia um ano que o exército soviético e provavelmente o laboratório nº2 ocuparam a Alemanha e sua principal base aérea de propulsores V-2, em Peenemüde, no Báltico. Apesar do Kremlin ter respondido negativamente às suspeitas – Stalin jamais faria diferente –

²⁶ Muitos historiadores discordam quanto ao início da Guerra Fria. A historiadora Barbara Tuchman, cujos temas históricos, em sua grande maioria, foram os confrontos mundiais do século passado, como a Primeira Guerra Mundial, é um dos exemplos a se lembrar.

as mesmas provocaram o silêncio da imprensa sobre o assunto: a censura da Guerra Fria fazia-se presente. Em estado de alerta, o ministério de Defesa sueco entrou em contato com os EUA, que rapidamente ordenou à Força Aérea que enviasse alguém para assessorar nas investigações. As declarações oficiais suecas, então, afirmaram após as análises, que pelo menos 80% dos mais de mil avistamentos de *foguetes-fantasmas* seriam naves conhecidas ou fenômenos da natureza, como nuvens e meteoros. Mas o imaginário escandinavo já estava formado, isso porque os 20% de casos restantes ficaram sem explicações, o que acabou alimentando a crença que aquelas Luzes só poderiam ser do outro mundo e não produtos da imaginação ou tampouco da natureza (Coleção Mistérios do Desconhecido: 27 e *Aftonbladet Tisdagen*, 27/08/1946)²⁷. Seria como Le Goff havia afirmado num de seus estudos sobre a Idade Média e que se aplica naquele contexto: as pessoas “(...) não sabem olhar, mas estão sempre prontas (...) a acreditar” (Le Goff, 1979: 266).

Já em território norte-americano, os estadunidenses pareciam não se importar com os últimos acontecimentos na Escandinávia. Porque as atenções estavam todas voltadas para a Casa Branca e Washington: os últimos comunicados de Truman a favor dos *povos livres* e literalmente contra o regime soviético (ver páginas 33-34) e de Marshall em criar um Plano de auxílio financeiro à Europa, para que a mesma abafasse as manifestações comunistas em seu território, embalavam a Guerra Fria. Ou seja, ninguém se importava com fenômenos ou mistérios de outros mundos – o *susto de Nova Jersey*, de Welles, dava bases para que não houvesse qualquer preocupação àquele respeito –.

Na verdade o medo de uma invasão comunista era paulatina e acentuadamente alimentada pelo governo dos Estados Unidos e também pela imprensa americana: os discursos de Stalin emitidos pela Rádio Moscou, e que abertamente falavam contra o sistema capitalista eram textualmente adaptados pelo *The New York Times* (ver página 29). E naquele clima o mundo aguardava os fatos.

²⁷ Uma parte deste periódico, cujo título, *Spökbomberna väcker Stortengelskt* (Bombas fantasmas causam grande interesse britânico) está disponível em: <www.ceticismo.com/ufologia/kottmeyer.1947.htm>. Acesso: 20 ago. 2008.

2.2.1 As Luzes de Cascade e o nascimento do disco voador

Mas era junho de 1947. Passados praticamente dois anos do final da Segunda Guerra Mundial; dos acordos dissonantes de Yalta e Potsdam, das experiências atômicas nos desertos americanos à insana destruição de duas cidades japonesas, o Ocidente experimentava uma fase de tensões, de jogos de difícil compreensão entre os governos capitalistas e comunistas. E enquanto uma nova realidade começava a ganhar forma no imaginário das sociedades, como uma possível e devastadora Terceira Guerra Mundial, um piloto comercial estadunidense, vivendo a sua rotina assim como a humanidade tentava fazê-lo, trazia à tona uma nova preocupação e um antigo mistério.

Numa brilhante e vespertina terça-feira de 24 de junho, Kenneth Arnold pilotava seu pequeno avião sobre as áridas montanhas Cascade de Washington. Arnold, “um comerciante de sucesso” com a experiência de quatro mil horas de vôo, vislumbrava a beleza do lugar e fazia anotações sobre sua rota para a entrega de produtos de combate ao fogo. Segundo a imprensa da época, enquanto voava na direção da cidade de Yakima, algo extraordinário ocorreu a mais de três mil metros acima daquelas montanhas. Seu monomotor, inesperadamente, foi banhado por clarões brancos e azulados. Arnold acreditou ser uma “explosão (...) e perto daqui”. Vigiou atentamente o céu, mas não notou mais nada; recordou seus compromissos e quando olhava para o relógio do painel que mostrava quase 15 horas, novamente seu avião era atingido por um outro clarão resplandecente: vários “objetos cintilantes (...) passavam” a grande “distância (...) raspando sobre o topo das montanhas a uma velocidade incrível”.

De sua pequena e espremida cabine, o piloto ainda pensou que estava enxergando um dos esquadrões dos novos caças desenvolvidos pela Força Aérea dos EUA, mas não era isso. E sim, conforme o seu relato, *nove objetos reluzentes* em que “três deles mergulhavam (...) se inclinavam” com uma agilidade tão espantosa que pareciam estar costurando o céu azul. Arnold que já havia passado aquele lugar inúmeras vezes não sabia mais o que pensar. Ao passo que um dos objetos passou “zunindo sobre o monte Rainer”, notou que “seu relógio assinalava

exatamente um minuto e quarenta e dois segundos”; não perdendo um segundo sequer, apanhou um mapa, verificou a distância entre os montes, setenta e cinco quilômetros, e finalmente calculou suas velocidades: “cerca de 2700 quilômetros por hora, quase três vezes mais depressa que qualquer jato conhecido” na época.

Quase uma hora depois do evento, por volta das 16 horas, Kenneth Arnold aterrissou em Yakima e, saltando da cabine de seu monomotor, correu na direção de Al Baxter, seu amigo e gerente daquela estação de vôos. Baxter, estonteado pela narrativa do piloto, chamou vários aeronautas para escutá-la. Mas era tarde. Kenneth, um respeitado e responsável homem de negócios, precisava completar a sua rota. Ao chegar na cidade de Pendleton, Oregon, percebeu que as notícias sobre sua experiência haviam viajado mais rápido que ele e seu aeroplano. Logo que pousou no aeroporto, foi cercado por repórteres e, “crivado por perguntas”, contou a sua história. Quando alguém lhe pediu para que descrevesse os objetos, ele ficou em silêncio e após respirar por alguns instantes, disse:

– *Voavam como um disco que deslizesse sobre a água* (Coleção Mistérios do Desconhecido: 36-37).

Se os relatos de Arnold foram ou não verídicos, não importa, pois não é o objetivo dessa dissertação prová-los. Considerável, é que eles ficaram conhecidos e consagrados a partir daquele dia, como *discos voadores*, Luzes no Céu que marcaram a história da humanidade nas décadas pertencentes à Guerra Fria e depois da mesma.

Entretanto, acerca da veracidade documental, ainda que Kenneth Arnold tenha inventado as Luzes de Cascade, mesmo assim o seu relato não deixa de ser valioso para a História. De acordo com Jacques Le Goff, “um documento ‘falso’ também pode ser um testemunho precioso da época em que foi forjado e do período durante o qual foi considerado autêntico e, como tal, utilizado” (Le Goff, 1996: 101). Forjado ou não, o testemunho do piloto comercial transportou do passado mais uma ação humana a ser compreendida, pois após a sua experiência grande parte da população ocidental passou a enfrentar a Guerra Fria de uma outra forma: às vezes com mais medo e desconfiança em relação a uma invasão soviética; às vezes com questões simplesmente íntimas ou antigas, relativas à própria existência. Como por

exemplo, estaria ela só no Universo? Seriam os discos voadores obras de vizinhos interplanetários?

A única verdade foi que os relatos de Arnold viajaram pelo mundo ocidental, corroborando à crença de que havia algo diferente no ar além de nuvens, balões ou jatos americanos²⁸.

Alguns dias depois do encontro de Arnold com as luzes de Cascade, em 5 de julho, um guarda florestal do Estado de Washington, Frank Reeman, havia conseguido fotografar um dos “misteriosos objetos” que começaram a surgir nos céus daquele Estado. Por vários dias, Reeman ficou de prontidão para “apanhar um dos ‘discos voadores’ na chapa” de sua máquina. Depois de atingir tal êxito – o periódico pesquisado não mostrou fotografia alguma – o guarda florestal fez uma ampliação que mostrava “não tratar-se de uma nuvem nem de um balão” ou sequer “a verdadeira natureza do disco”. No mesmo período, ao lado de notícias referentes às comutações à pena de morte de ex-oficiais nazistas, registrou-se uma nova ocorrência relacionada ao *disco voador*. Próximo de Boise, Estado de Idaho, pilotos das United Airlines informaram que “um objeto ou grupo de objetos estranhos, que não eram outra aeronave nem também uma nuvem (...) defrontaram-se no ar (...)” com seu avião. Os aeronautas, então, resolveram mudar de rota para seguir “a estranha aparição numa distância de 25 quilômetros” até o momento que “a mesma desapareceu”. Contudo os aviadores, conforme a *UP*, não souberam “dizer se o *disco voador* afastou-se a grande velocidade (...) ou se desintegrou-se nos ares” (Diário de Notícias, 6/07/1947).

2.3 O INCIDENTE DE ROSWELL

À medida que os dias avançavam mais relatos sobre discos voadores eram destacados pelos periódicos, manifestando o interesse do público pelo assunto. Da cidade norte-americana de Santa Maria, Idaho, oito “discos voadores (...)”,

²⁸ No Brasil, as informações sobre a Guerra Fria e os *discos voadores* chegavam principalmente através das agências internacionais como a United Press (UP), cujos *Diários Associados* as traduziam, passando-as ao público brasileiro.

incandescentes (...) e do tamanho mais ou menos de uma casa” foram vistos pelos moradores daquela localidade. Os mesmos afirmaram que os objetos atravessaram “o céu com velocidade espantosa, como verdadeiras estrelas cadentes” e que “teriam caído ou aterrissado no flanco de uma montanha a menos de 10 quilômetros” da cidade. Ninguém sabia do que se tratava, só tinha-se a idéia de que os novos acontecimentos eram muito impressionantes – seguia a reportagem. Tão perturbadores que o próprio exército americano pela primeira vez, em 6 de julho, foi colocado em prontidão. Jatos da Força Aérea começaram a vasculhar o espaço aéreo dos EUA, “na esperança de descobrir o mistério dos ‘discos voadores’, mistério esse que há cerca de 12 dias vem desafiando a argúcia de todo o país”. Mas nada foi encontrado, e as autoridades tiveram que se pronunciar a respeito. Do departamento das Relações Públicas da Força Aérea da cidade de São Francisco, o capitão Tom Brown declarou: “A propósito dos ‘discos voadores, nós ainda não temos a menor idéia do que eles possam ser” (Diário de Notícias, 08/07/1947).

Essa foi apenas uma das muitas vezes que as autoridades oficiais americanas tiveram que se dirigir ao público para dar explicações sobre o fenômeno. No entanto, foi em 8 de julho, momento em que cresciam os temores sobre os discos voadores serem armas secretas soviéticas, que a aeronáutica sentiu-se forçada a fornecer mais do que simples informações a respeito: porque o novo caso, noticiado pelo *Roswell Daily Records* tumultuou o país: “Força Aérea do Exército de Roswell [RAAF, em inglês] captura um disco voador num rancho na região de Roswell”.

A reportagem do *Daily Records* provocou uma histeria sem precedentes na população americana naquele instante, pois baseava a sua manchete na nota oficial do encarregado de relações públicas da Base aérea de Roswell, tenente Walter Haut²⁹. Em nota à imprensa, Haut escreveu:

Os diversos boatos relativos ao disco voador tornaram-se ontem uma realidade quando o setor de informação do 509º Grupo de Bombardeiros da VIII Força Aérea (...) de Roswell [cujo oficial investigador chamava-se Jesse Marcel] teve a sorte de tomar posse de um disco, graças a cooperação de

²⁹ Em algumas documentações, o mesmo tenente é chamado de Warren Haught. Acredita-se que o erro veio da United Press e dos periódicos que o citaram, porque os especialistas no tema referem-se ao tenente como Walter Haut.

um fazendeiro local [William Mac Brazel] e do gabinete do xerife de Chaves County (Berlitz, Moore, 1980: 33).

Dias antes, 02 de julho, uma grande tempestade caía sobre a cidade de Roswell e arredores. A alguns quilômetros, a noroeste do município, conforme a *Time-Life*, um criador de ovelhas, William Mac Brazel, “ouviu uma tremenda explosão na atmosfera, muito mais forte que os trovões da tempestade que estava assolando a região”. De manhã, Brazel, provavelmente preocupado com o rebanho, dirigiu-se à área da explosão, encontrando “fragmentos de uma substância semelhante a metal, em chapas muito finas e flexíveis, porém extremamente resistentes”, espalhadas ao longo de quase meio quilômetro (Coleção Mistérios do Desconhecido:39).

Conforme entrevista realizada por William Moore, um pesquisador do assunto, o major Jesse Marcel estava almoçando quando foi informado que o xerife de Roswell desejava falar-lhe: Brazel, um dia antes (6 de julho) decidiu comunicar o fato àquele xerife, pois suspeitava ter encontrado os destroços de um dos tão falados discos voadores. Após o almoço, Marcel foi à cidade e depois de ouvir a história de Brazel, a relatou ao seu comandante que logo o designou para ir averiguar o acontecimento. Dirigindo um Buick’42, Marcel acompanhado por Brazel e um outro militar, que os seguia de um jipe, chegaram ao local no entardecer. Visto os destroços, afirmou não reconhecê-los. “Limitamo-nos a recolher os fragmentos. Era algo que nunca vi antes, ou desde então, aliás. Ignoro o que fosse, mas não se tratava de coisa alguma construída pelo homem, nem com certeza um balão meteorológico”. Mais adiante na entrevista, Marcel disse que depois de ter enchido o jipe com os destroços, “comecei a pôr o restante na mala e no banco trazeiro do Buick. Naquela tarde [7 de julho] voltamos a Roswell, onde chegamos ao anoitecer”. Foi então que depois de chegarem à base, descobriram que o evento já havia se transformado em notícia: Haut a tinha divulgado à *AP* por telefone; e na manhã seguinte num comunicado escrito, anteriormente citado (Berlitz, Moore: 79-83 e 85).

O dia 8 de julho de 1947 pode ser considerado a representação fiel e datada sobre o que Jacques Le Goff comentou: o tenente Walter Haut jamais viu ou sequer chegou próximo aos destroços, preferindo creditá-los como achados de um disco voador. Nem mesmo o major Jesse Marcel jamais afirmou ter encontrado nos

escombros qualquer coisa que descrevesse um daqueles objetos alados, cujas testemunhas descreviam através das Luzes no Céu que a elas apareciam. Marcel apenas disse que desconhecia a sua origem e, contrariando os comandos oficiais, afirmou que os destroços jamais poderiam ser de um balão meteorológico.

Mas a confusão estava feita. Tanto a Base Aérea como a cidade de Roswell recebiam telefonemas de toda a parte do mundo capitalista, inclusive da distante Hong-Kong, a respeito da suposta captura de um disco voador pela *RAAF*. Algo precisava ser feito o mais rápido possível, pois a histeria sobre o assunto aumentava consideravelmente; algo precisava ser inventado e dito às massas. Foi diante daquela realidade que surgiram novos personagens aos boatos de Roswell; um deles, o general-de-brigada Roger Ramey, comandante da 8ª Força Aérea, na Base de Roswell, naquele ano.

Conforme Charles Berlitz, um pesquisador do tema-Roswell, o comandante Ramey ficou profundamente incomodado com a “Declaração de Roswell” promovida pelo tenente Haut, cuja culpa caiu imediatamente sobre o comandante do 509º Grupo de Bombardeiros de Roswell, coronel William Blanchard. Detalhe, Blanchard só ficou sabendo de tudo pela imprensa; pois Haut sequer pediu a sua permissão para comunicar o ocorrido. “Quase de imediato”, após Ramey manifestar por telefone “seu extremo desgosto” a Blanchard, “(...) foi baixado embargo total sobre o noticiário saído de Roswell, enquanto altas autoridades, inclusive do (...) Pentágono, decidiam que providências tomar em seguida”.

Ordens foram dadas para que os destroços recolhidos por Marcel fossem, o mais rápido possível, recolhidos a um bombardeiro B-29. Blanchard sentia literalmente a responsabilidade nas costas: as ordens vinham diretamente do chefe adjunto da Força Aérea do Exército dos EUA, o general Hoyt Vandenberg e de Ramey. Blanchard, então, determinou a Marcel que “(...) acompanhasse pessoalmente o material (...)” ao quartel-general da 8ª Força Aérea, em Fort Worth, Texas, local onde Ramey já estava a postos, transmitindo por uma estação de rádio daquela Base um novo comunicado urgente: “o (...) ‘disco voador’ espatifado não passava dos despojos de um balão meteorológico e que a história toda era um erro de identificação”. Ao final da transmissão, o B-29 que trazia os destroços já havia aterrissado em Carswell, Fort Worth. Jesse Marcel, então, disse que “(...) recebemos

ordem de levar parte do material para o gabinete do general. Ele queria dar uma olhada. Obedecemos e ele espalhou tudo pelo chão, sobre um papel pardo”. Chamou os repórteres para que “(...) fotografassem o material”. E os mesmos – seguia Marcel – acabaram tirando “fotos minhas no chão, segurando um dos fragmentos que encontramos. Não foi uma foto trucada” (Berlitz, Moore: 40-42 e 86).

Por causa das queixas dos fotógrafos de não poderem se aproximar o suficiente do material que Marcel segurava, Ramey cedeu, mais tarde, uma segunda coletiva à imprensa. Novas fotos foram tiradas (Coleção Mistérios do Desconhecido: 40), só que sem a presença de Marcel – Ramey o substituíu – assim como, segundo o próprio Marcel, os destroços verdadeiros, aos quais rumaram para o Campo Wright (Berlitz, Moore: 86).



Figura 4 - Ramey e o Balão

Fonte: Coleção Mistérios do Desconhecido: 40

Jesse Marcel, ainda na mesma entrevista que cedeu a Moore (em 1979) disse: “Foi o General Ramey que inventou a história do balão só para afastar a imprensa” (Berlitz, Moore: 86-87). Mas por que um oficial do alto-escalão da Força Aérea do Exército dos Estados Unidos produziria comunicados distorcidos, promovendo fotografias discutíveis? Além dos relatos sobre os discos voadores que sustentavam um enorme mistério e por que não um fascínio popular – Roswell tinha as atenções do mundo naquele 8 de julho –, havia a *incipiente* Guerra Fria. Um confronto que, às vezes, desorientava até as mais altas autoridades. Talvez por isso, Marcel morreu afirmando que o que encontrou não era nem um balão meteorológico nem qualquer objeto conhecido por ele.

Na verdade os segredos militares eram a urgência maior na Guerra Fria. Aquele que detivesse o controle sobre um poderio bélico ou tecnológico obteria o controle do mundo. Quaisquer que fossem as intenções de Stalin ou Truman na época, as do governo americano ficaram nítidas quando o mesmo antecipou-se investindo em projetos de sondagem aérea e Nuclear; tudo para averiguar, descobrir o que seu inimigo do Leste estava desenvolvendo. De qualquer forma, Marcel poderia estar correto, pois talvez não fosse mesmo um balão meteorológico que havia encontrado na fazenda de Mac Brazel.

2.3.1 O Encobrimento do governo: o Projeto *Mogul*

Em 09 de julho, após o Incidente de Roswell³⁰ e as entrevistas cedidas a imprensa pelo general Roger Ramey, a maioria dos periódicos passou a confirmar a nota oficial da aeronáutica dos EUA. Ou seja, tudo foi um grande engano, e o *balão meteorológico* parecia a explicação mais plausível. Por exemplo, o *Las Vegas Review-Journal*³¹ relatava: “O quartel-general da 8ª Força Aérea de Fort Worth, Texas, anunciou que os destroços (...) encontrados num rancho de Novo México foram nada mais que

³⁰ Foi chamado de Incidente de Roswell, devido às várias e diferentes declarações oficiais acerca e a partir de 08 de julho, o que fez com que aumentasse sua repercussão até os dias atuais. Entre as declarações, em 1947 eram um simples balão meteorológico, depois um balão sonda e por último, um balão experimental de espionagem, ao qual será analisado logo a seguir.

³¹ As citações em asteriscos a seguir indicam que foram traduzidas literalmente a partir de textos em inglês extraídos da internet.

restos de um balão meteorológico”. Já o *Daily Record* de Roswell corroborava com duas seções. Numa, diretamente de Fort Worth, dizia: “uma examinação feita pelo exército revelou na noite passada que o misterioso objeto encontrado (...) nada mais foi que um balão meteorológico de alta altitude – nenhum disco voador aterrissado”; e na outra, o título falava por si próprio: *Fazendeiro molestado que localizou ‘Disco’ lamenta ter falado no assunto*^{*}. A princípio, a única exceção foi o *Washington Post* que além de não confirmar as declarações de Ramey, mencionou ainda a existência de um “embargo de informações” por parte das autoridades (Berlitz, Moore: 40)³².

O que ninguém sabia – nem Marcel, nem o *Washington Post* ou a maioria dos cientistas estadunidenses, a Casa Branca acreditava que os segredos militares eram vitais à sua hegemonia frente ao Kremlin – era que o alto-comando da Força Aérea do Exército em parceria com a Universidade de Nova York (UNY) desenvolviam já há algum tempo o Projeto *Mogul*.

O Projeto *Mogul* fazia parte de um programa de espionagem ultra-secreto do governo Truman. Charles B. Moore, um dos cientistas que trabalhou naquele programa, há alguns anos, em 1995, concedeu uma entrevista, através da Força Aérea, para um periódico científico americano, o *New Mexicans for Science and Reason* (NMSR)³³, detalhando as suas funções e experiências, conectando-as as que provavelmente, de acordo com ele, teria acontecido em julho de 1947.

^{*} As últimas citações, acerca dos periódicos, as quais foram traduzidas e incorporadas no trabalho, podem ser encontradas no endereço eletrônico: <<http://www.roswellfiles.com/articles/pressreports.html>>. O *Las Vegas Review-Journal*: “Headquarters of the 8th army at Fort Worth, Texas, announced that the wrecafe (...) found on a New Mexico ranch was nothing more than the remanants of a weather balloon” (p. 08). Já o *Daily Record* na primeira seção dizia: “An Examination by the army revealed last night that misteryous objects found (...) was a harmless high-altitude weather balloon - not a grounded flying disk” (p. 5-6); e na segunda seção: Harassed Rancher who located ‘Saucer’ Sorry he told about it (p. 06).

³² No Brasil, no dia 09 de julho, periódicos, como o Estado de São Paulo, também comentaram sobre a suposta queda de um disco voador no Novo México. Mas foi no dia 12 de julho que um pequeno incidente no Rio de Janeiro produziu o primeiro caso original brasileiro sobre os já tão badalados discos voadores. Naquele dia, no Clube Niterói, ouviu-se um enorme estrondo. Populares correram para o ginásio para ver o fenômeno. Alguém chamou as autoridades e uma comissão do 3^o Regimento de Infantaria do Exército Brasileiro rumou velozmente para o Clube. Os militares, para frustração de todos, encontraram somente uma “peça de metal amarelada de forma achatada”, nada mais que “uma granada anti-aérea sem carga explosiva, e que, devido a queda de grande altura, tomara a forma” de um disco voador (Diário de Notícias, Rio de Janeiro, 13/07/47: 01).

³³ Foi possível encontrar o artigo dessa revista através do endereço eletrônico, cujo autor, Dave Thomas, não o paginou eletronicamente. As referidas citações do mesmo, que serão traduzidas no corpo do trabalho e colocadas no idioma original em rodapé, foram paginadas por este mestrando, respeitando a organização do artigo eletrônico. Em relação ao periódico, o artigo foi publicado entre julho e agosto de 1995.

Antes do Incidente de Roswell, segundo Dave Thomas, Moore estava fazendo a sua pós-graduação, enquanto trabalhava para a UNY, em 1947, desenvolvendo balões para propósitos meteorológicos e de sondagem aérea à distância. No entanto, o cientista afirmou que sequer sabia o nome do projeto para o qual estava trabalhando, dado ao caráter ultra-secreto do mesmo: “O propósito de manter confidencial era para tentar desenvolver um meio para monitorar possíveis detonações nucleares soviéticas com o uso de microfones acústicos de baixa impedância, instalados (...)”^{*}. num balão que viajasse a dezenas de quilômetros sobre a superfície terrestre. “Sem outros recursos de sondar atividades nucleares de um país fechado como era a URSS, foi concedido ao projeto alta prioridade”^{**} (Thomas, s/a: 1). A partir de junho, depois dos vôos preliminares falharem, por causa dos fortes ventos decorrentes de Bethlehem, Pensilvânia, os cientistas passaram a testar seus balões de altura constante no Novo México, na cidade de Alamogordo, local dos primeiros testes atômicos no EUA, próximo a Roswell (Thomas, s/a: 1).

Em sua entrevista, Charles Moore associou um dos experimentos, o balão 4 ou *Vôo 4*, àquele em que o general Ramey posava para as fotografias. Conforme o cientista, o que estava aos pés de Ramey era parte do *Vôo 4* que havia se perdido após ser lançado em 4 de junho: partes bastante semelhantes aos *balões de neopreme* usados no *Vôo 4*, como remendos cinza-esfumacados e materiais emborrachados. Além dos balões levarem radares refletores, especialmente os *experimentos* eram dotados de *sinais* que nem mesmo os cientistas sabiam o que significavam, e se os próprios os questionassem, com certeza não obteriam respostas. Afinal, aquele era um dos objetivos do Projeto *Mogul*: ser tão secreto que até os especialistas que estivessem preparando os balões não soubessem de tudo sobre os mesmos. Nas palavras de Moore, havia “(...) quatro de nós que estavam envolvidos nos testes, e todos lembravam que nossos radares de busca tinham algo de estilizado, como desenhos de flores”^{***} impressas, caracteres que lembravam tudo, como por exemplo hieroglifos antigos, menos qualquer coisa conhecida. “Na minha vida [seguia Moore], preparei, provavelmente, mais de uma centena daqueles

^{*} “Its classified purpose was to try to develop a way to monitor possible Soviet nuclear detonations with the use of low-frequency acoustic microphones placed (...)”.

^{**} “No other means of monitoring the nuclear activities of a closed country like the USSR was yet available, and the project was given a high priority”.

^{***} “(...) were about four of us who were involved in this, and all remember that our targets had sort of a stylized, flowerlike design”.

caracteres para os vôos. E a todo o momento (...) eu sempre me indagava qual o propósito (...)”^{*} de tudo aquilo? A ansiedade de Moore acerca dos glifos durou até o momento que um major, talvez mais familiarizado que ele sobre o assunto, lhe dissesse: “O que você esperaria ao saber que aqueles glifos foram feitos numa fábrica de brinquedos?”^{**} (Thomas: 02)³⁴. Entretanto, os *estranhos* caracteres chegaram a assustar as autoridades da 8ª Força Aérea dos EUA, pois as notícias vindas do Mediterrâneo com uma possível expansão soviética na Grécia e Turquia – Truman havia se manifestado a respeito em suas memórias – alimentavam o receio de que a URSS já estivesse invadindo o espaço aéreo estadunidense. O oficial superior da 509ª Grupo de Bombardeiros, William Blanchard, corroborava àquela apreensão, porque chegou a julgar que os glifos “impressos” ou “pintados” no material encontrado na fazenda Brazel só poderiam ser russos (Berlitz, Moore: 55).

Moore sempre acreditou e apostou no experimento *Vôo 4* como o real causador do Incidente de Roswell, apesar daquele ter sido lançado praticamente um mês antes dos relatos de Mac Brazel. O cientista tinha, em 1994, mais duas razões para crer em sua hipótese. A primeira veio dos dados do Instituto de Meteorologia do Novo México; combinando-os com as informações sobre as altitudes dos *Vôos 5 e 6* – também balões de sondagem Nuclear – fornecidas pela UNY, calculou a direção dos ventos em 4 de junho. Conforme as suas análises, o *Vôo 4* enquanto ascendia

^{*} “*I have prepared, in my life, probably more than a hundred of these targets for flight. And every time (...), I have always wondered what the purpose (...)*”.

^{**} “*What do you expect when you yet your targets made by a toy factory?*”

³⁴ Toda a polêmica relativa aos glifos, começou no início dos anos 80, quando Berlitz e Moore lançaram o livro, *Incidente em Roswell*. Nele os autores citaram as entrevistas do filho de Marcel, Jesse Marcel Jr. e do próprio Marcel, que comentaram sobre os *estranhos* caracteres. Um pesquisador do assunto, Timothy Printy, afirmou que o Incidente de Roswell sobrevive devido aos seus vários mitos e um deles é relacionado aos glifos. Conforme ele, “a escritura (...) nas vigas não estava em relevo quando as primeiras declarações foram feitas”: Jesse Marcel Jr. lembrou em 1979, portanto já com 44 anos de idade, “que as marcas estavam ‘impressas ao longo das extremidades’” das vigas (Marcel Jr. destacou isso, porque seu pai antes de voltar à Base de Roswell, na tarde de 7 de julho, passou em casa para mostrar os destroços ao filho). Uma característica bem diferente da declaração de seu pai: o major Marcel havia afirmado “que as marcas ‘pareciam que tinham sido pintadas’ (...). O fato de que elas estavam em relevo é algo que foi adicionado depois em recontagens da história” (Printy, 2002: 2). O que o autor quis dizer com “adicionado depois em recontagens da história” foi exatamente a produção da memória sobre a história; em como a memória humana é capaz de distorcer um relato por mais inventado ou verdadeiro que pudesse ser. Quando as pessoas lembram, costumam associar suas lembranças aos valores e hábitos da sociedade em que vivem, adicionando novas características ou idéias aos relatos transmitidos a elas. A professora e pesquisadora Ecléa Bosi já afirmava a respeito: “Na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e idéias de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho” (Bosi, 1987: 17). O trabalho é também uma ação humana. E investigar, compreender as ações humanas no passado são tarefas do historiador.

abrindo passagem para a estratosfera caiu aproximadamente a 90 quilômetros de Roswell, espalhando seus destroços sobre a fazenda de Mac Brazel (Thomas:02). A segunda razão veio através da própria aeronáutica. Em setembro de 1994, ela demonstrava à imprensa um relatório feito da época, mencionando que os destroços encontrados na fazenda de Brazel foram diretamente para o Campo Wright. Durante aquela entrevista para o público e os repórteres, um ex-participante do Projeto *Mogul*, coronel Albert C. Trakowski, em nome da Força Aérea reportou um novo detalhe para desvendar o Incidente. Trakowski lembrou que um companheiro seu, o coronel Marcellus Duffy havia recebido um telefonema, enquanto estava a serviço no Campo Wright, no momento em que os destroços estavam a caminho daquela Base. Duffy relatou a Trakowski que no meio daquela noite foi acordado por um colega do Novo México, ao qual, logo após, mostrou-lhe os destroços: então o “Coronel Duffy disse ao colega, ‘Isso se parece com uma daquelas coisas que vocês vêm lançando de Alamogordo’”^{*} (Thomas: 04).

O Projeto *Mogul* só foi possível, por causa de um acidente natural, ocorrido no final do século XIX. Foi descoberto que entre a troposfera e a estratosfera havia uma espécie de *duto acústico*, cujo registro aconteceu durante a “(...) Segunda Guerra Mundial (...) conforme as análises de propagação global de ondas de som, produzidas pela explosão do vulcão Krakatoa em 1883”^{**}. No ano de 1948, momento em que a Alemanha estava dividida territorialmente entre os Aliados, e Berlim protagonizava-se na cena mundial em relação ao cerco sofrido pela ação de Moscou (ver páginas 39-42), os ingleses explodiam instalações nazistas ao norte da costa germânica, na ilha de Helgoland. A equipe científica do *Mogul*, aproveitando aquelas ações bélicas, colocou à prova seus experimentos mas acabou não detectando ruído algum daquela ilha (Thomas: 03).

O sucesso veio pouco mais de um ano depois. Jesse Marcel, em dezembro de 1947, havia sido afastado de Roswell, indo trabalhar no Programa de Armamento Especial (*Mogul* e balões de sondagem Nuclear não eram mencionados na época) do governo dos EUA. Já como tenente-coronel, Marcel foi designado como um dos encarregados do *Mogul* para “coletar amostras atmosféricas do mundo inteiro e

^{*} “Coronel Duffy told the fellow, ‘It looks like some of the stuff you’ve been launching at Alamogordo’”.

^{**} “(...) World War II analysis of globally propagated sound waves produced by the volcanic explosions of Krakatoa in 1883”.

analisá-las (...)” no objetivo de detectar se a URSS havia testado alguma bomba Nuclear. Em relação àquilo ele disse: “Quando finalmente descobrimos que tinha havido uma explosão atômica, coube-me a tarefa de escrever o relatório sobre a questão (...). De fato”, em agosto de 1949, como mencionado anteriormente, “quando o Presidente Truman comunicou à nação que os russos haviam explodido um artefato nuclear, era o meu relatório que estava lendo” (Berlitz, Moore: 88).

2.4 O IMAGINÁRIO E AS LUZES NO CÉU

Medir e compreender o impacto social e cultural referente às Luzes no Céu e o Incidente de Roswell, que a partir de 1947 corroboraram para a crença mundial aos discos voadores – os mesmos tornavam-se um fenômeno da Guerra Fria – não é uma tarefa fácil. No entanto fica mais simples de entender isso ao se observar Roswell, que desfrutou e ainda hoje desfruta daquele 8 de julho.

Hotéis, lojas, fazendas e um museu, especialmente criado para o gênero, reportam aos turistas, que visitam a cidade, todos os detalhes do Incidente; e a economia da região prospera com os visitantes terrenos: os mesmos só precisam pesquisar nos sites de busca da internet para descobrir o que Roswell oferece e oferecerá a respeito do assunto³⁵. Atualmente encontra-se em projeto, a construção de um parque temático, o *Alien Apex Resort*, uma versão *alienígena*³⁶ da Disneylândia, cuja data de inauguração está prevista para 2010 – um ano mitológico para o gênero, se se levar em conta o premiado livro de Arthur C. Clarke, *2010, uma odisséia no espaço II*. Uma data, segundo Clarke, as duas superpotências – URSS e EUA, encontrariam a paz através da influência física e mental de um *monolito* construído por seres de um outro sistema solar. No projeto do parque – a cidade já dispõe de 245 mil dólares para a sua construção – há também uma montanha russa

³⁵ Assim como fez esse mestrando, que procurou no site de busca, Google, informações sobre Roswell, encontrando-as, como por exemplo no site: <<http://www.roswellufomuseum.com/>>.

³⁶ O termo alienígena não é atual: periódicos do século XIX já o mencionavam quando queriam se referir a pessoas estrangeiras. O conceito da palavra só foi modificado a partir da cultura do disco voador, popularizando-se nos anos 1980 devido aos filmes e séries criados para o gênero da ficção científica.

com o objetivo de levar os passageiros a um seqüestro alienígena simulado. Roswell ainda aguarda mais um projeto para sair do papel: a edificação de um hotel temático de luxo com capacidade de receber cerca de 1200 hóspedes por dia. A construção prevê mais de um prédio, ao qual um deles foi batizado com o nome de *Nave-Mãe* – nome extraído dos apaixonados e visionários pelo assunto. Como por exemplo, George Lucas que escreveu nos anos 1970 e 1980, a saga *Guerra nas Estrelas*. Detalhe: só no projeto da nave-mãe de Roswell há 292 quartos ou *cabines* para instalar os turistas, tudo para agradar e alimentar o mais alto grau de exigência do imaginário de alguém que admira o tema.

De acordo com José D’Assunção Barros, o pesquisador que se preocupa em investigar e compreender a História através do imaginário deve se ater que o mesmo pertence a “(...) um sistema ou universo complexo e interativo que abrange a produção e circulação de imagens visuais, mentais e verbais (...)” produzidas pelas sociedades. Barros afirma também que “(...) o imaginário é (...) reestruturante em relação à sociedade que o produz”. A “História do imaginário volta-se para (...) um determinado padrão de representações, um repertório de símbolos e imagens com a sua correspondente interação na vida social e política (...)”(Barros: 91-95); como por exemplo, o imaginário das Luzes no Céu no contexto social, político e cultural da Guerra Fria.

Desde a antiguidade, os registros históricos mencionavam as Luzes no Céu, assim como todo um contexto sócio-cultural sobre elas. As sociedades o fizeram porque detinham seus próprios sistemas de hábitos e valores, seus símbolos; e com eles se comunicavam. Ao incorporarem “sistemas simbólicos” e atuarem “na construção de representações (...)” (Barros: 84 e 93) edificaram seu próprio imaginário. Contudo, segundo Barros, só “(...) é possível se falar em simbólico apenas quando um objeto, uma imagem ou uma representação são remetidos a uma dada realidade, idéia ou sistema de valores que se quer tornar presente (a espada como símbolo da justiça)” (Barros: 93). O disco voador como símbolo da tecnologia moderna³⁷.

³⁷ Já Carl Gustav Jung acreditava que o símbolo do disco voador não era nada moderno. “Desde o começo, relatos sobre [discos voadores] me interessaram como um possível boato simbólico, e, desde 1947, tenho colecionado todas as publicações que me foi possível adquirir, pois elas me pareciam coincidir, de forma impressionante, com o símbolo da mandala (...)” (Jung:71). Este símbolo, que segundo Jung, tem a forma de um *disco ou esfera*, é uma das muitas imagens que a humanidade carrega dentro de si, “(...) sempre foi onipresente e existiu em todos os tempos (...)”; e que é despertado somente na fase do processo de conscientização das pessoas. A mandala é um

A imagem mental e verbal do disco voador aliado aos avanços tecnológicos da época, envolveu-se definitivamente nos dias posteriores a 8 de julho de 1947, e o imaginário social do Ocidente se perguntava: o que tinha acontecido realmente em Roswell? A explosão de uma máquina do espaço sideral e a morte de seus tripulantes?³⁸ A queda de um balão meteorológico? Ou o que atualmente é discutido: seria a obra da Guerra Fria, o *Vôo 4* da UNY?

Ainda bem que não é a proposta dessa comunicação responder tais questões. Mas é sim o objetivo da mesma perceber, através delas, o real interesse e o impacto sociais que elas provocaram e vêm provocando no imaginário social do mundo contemporâneo. A cultura do Incidente de Roswell produziu a política e a economia daquela cidade, reorganizando a sociedade que viveu e ainda vive naquela região. Entretanto, como os boatos estavam convergindo à histeria, o governo Truman também teve que se ajustar, criando, ao final de 1947, o primeiro órgão oficial de busca por explicações do que seriam as Luzes no Céu, o projeto *Sign*³⁹.

As Luzes no Céu de 1947 transformaram a visão de mundo do homem ocidental. Costumes, crenças, valores e idéias tiveram que se adaptar ao novo contexto produzido pela Guerra Fria e o fenômeno dos discos voadores. Depois de Kenneth Arnold e Roswell ninguém mais olharia para o céu como antes, e o *susto* de *Nova Jersey* mais do nunca estava presente.

Como este trabalho pertence à História Cultural, o mesmo, de acordo com Peter Burke, precisa “(...) praticar a crítica das fontes, perguntar por que um dado texto ou imagem veio a existir, e se, por exemplo, seu propósito era convencer o

símbolo que significa a totalidade e a completude da humanidade (Jung: 12). É claro que Jung, apesar de ter acompanhado o início da Guerra Fria – o cientista faleceu em 1961 – estava mais preocupado em compreender os sonhos e a psique humana do que o contexto histórico daquele período, cujas duas superpotências disputavam, sob seus próprios sistemas de valores, novas armas e novas tecnologias aéreas.

³⁸ A memória popular também se fez presente ao Incidente: de que havia quatro criaturas junto aos destroços no rancho de Brazel e que as mesmas, junto a suposta nave extraterrestre, foram recolhidas pelo exército e levadas para análises em Fort Worth. Apesar de Jesse Marcel jamais ter mencionado algo igual, nesse caso é positivo reafirmar as palavras de Ecléa Bosi – as quais já foram citadas anteriormente neste capítulo –: ao passo que os boatos sobre o Incidente de Roswell acentuaram-se, as pessoas, ao lembrarem daquele acontecimento, o refizeram, reconstruindo e repensando com *imagens* e *idéias* próprias de seu tempo (Bosi: 17).

³⁹ O projeto *Sign* existiu por pouco tempo, de 1947 a 1949. Depois o mesmo foi substituído pelo projeto *Grundge*, ao qual, em 1952, foi adaptado ao projeto *Blue Book*. Este último será analisado no terceiro capítulo.

público a realizar alguma ação” (Burke, 2005: 33). Da mesma forma que as pontes aéreas de Berlim confirmavam a idéia de que Truman e os EUA guardavam a honra, a dignidade humana, enquanto Stalin e a URSS praticavam a desconfiança e a indiferença à vida, a imagem de Ramey e o Balão, de certa forma, produziu os efeitos que o governo americano esperava.

Apesar da queda de um objeto aéreo no rancho de Brazel ter obtido várias versões, transformando-se num Incidente, a variante do gen. Ramey – suas declarações oficiais e uma fotografia junto ao balão – acabou atingindo o êxito de abafar, por hora, os boatos acerca da região de Roswell. Mas por que e qual o propósito de tudo aquilo? A crença ou não de que os discos voadores eram reais espalhava-se acentuadamente, e para fora do país. Na verdade, ao mesmo tempo em que parte da sociedade encarava a possibilidade de não estar mais só no universo, justamente, aquele que a representava, o governo, passou a se incomodar com os boatos: os acontecimentos em Roswell ocorreram próximos a uma instalação ultra-secreta do governo, instalada em Alamogordo. Quanto mais os escombros na fazenda de Brazel eram comentados, fosse pela imprensa ou pelo público em geral, mais atenção atraía à localidade; e o governo precisava manter as suas operações longe dos olhos alienígenas do Leste europeu. Assim construía-se o imaginário político da Guerra Fria.

Ainda que o governo americano conseguisse sufocar o imaginário social sobre o fenômeno, a imprensa americana e estrangeira encontrava espaço para tecer as suas opiniões. Dois importantes cronistas internacionais, Joseph e Stewart Alsop, afirmavam que as últimas notícias sobre os *pires voadores*⁴⁰ serviam como um aviso contra uma invasão russa (ou em última hipótese, caso os militares de Roswell enganaram-se, uma invasão do espaço). Os Estados Unidos – continuavam os cronistas – deveriam investir ao “menos um bilhão e um quarto de bilhão de dólares” na sua defesa. “Aviões supersônicos (...) e projéteis [guiados] terão ainda de ser construídos por nós próprios (...) a não ser que queiram ver transformado em dura realidade o pesadelo de um ataque de surpresa como nos foi sugerido pelo disco voador” de Roswell. “A advertência dos discos voadores” serviu “(...) pelo menos, para dar-nos uma lição. Foi a de que, nesta realidade de armas novas e

⁴⁰ A tradução literal do termo *flying saucer*, para o português, é pires voador. No entanto, desde o início dos relatos, cunhou-se, no Brasil, o termo disco voador.

terríveis, os Estados Unidos não organizaram um eficaz sistema de avisos contra” uma inesperada ofensiva inimiga. No agitado e inseguro “mundo de hoje, há coisas piores que impostos pesados” (Diário de Notícias, 19/08/47: 4).

Entretanto, na Casa Branca, o presidente americano tinha outras preocupações: os governos esquerdistas que atingiam o poder na Europa, como na Hungria, Polônia, Romênia e Bulgária, cuja pluralidade partidária desaparecia naqueles países (ver pág. 36); as pressões da Comissão Extraordinária de Homens da Ciência, para se encontrar uma saída diplomática com o Kremlin, devido ao perigo eminente de uma guerra total; os preparos sobre a pauta política a ser discutido na Conferência Interamericana, organizada pela ONU, no edifício Quitandinha, Petrópolis⁴¹. Enfim, tudo isso levou Truman a mudar a rota de suas famosas entrevistas radiofônicas, concedendo assim, um encontro especial à imprensa. Ciente de que lhe perguntariam quais os planos do governo em relação a expansão comunista, Truman foi surpreendido por toda a espécie de perguntas acerca dos discos voadores. Mesmo assim, não escondeu o “riso fácil” e diante da massa de jornalistas declarou lembrar-se de uma “complicada história de homens morcegos” chegados da lua havia cem anos e noticiados pela imprensa sensacionalista do *New York Sun*. Finalizando a ironia e a entrevista, enfaticamente disse “que nada mais sabe sobre os discos voadores do que aquilo que todo mundo lê nos jornais” (Correio do Povo, 12/07/1947: 5).

⁴¹ A *Conferência de Quitandinha* ocorreu entre os dias 16 de agosto a 02 de setembro de 1947, na qual 19 países americanos estavam presentes. Conforme os periódicos da época, a delegação dos Estados Unidos, diferentemente das outras, foi calorosamente recebida, principalmente com a chegada de Harry Truman, dia 1º: uma “incalculável multidão” aguardou ansiosamente para ver de perto a imagem do defensor das *democracias livres*. Todos esperavam as palavras do presidente: dias antes, dia 21, Marshall havia decepcionado a Conferência. Ou seja, ninguém ouviu dele uma palavra sequer acerca da extensão do Plano Marshall (ver págs: 35 e 37-38) para os países latino-americanos. Conforme Marshall, os EUA chegaram em Petrópolis, Rio de Janeiro, com uma única razão: “(...) a elaboração de um tratado (...) que estabeleça a responsabilidade solidária de defender por meio da ação coletiva qualquer membro do nosso grupo regional que possa ser notícia de agressão” (Diário de Notícias, 21/08/47). Naquela circunstância não foi necessário citar o agressor, assim como também fez Truman em não citar a URSS em sua declaração, que acabou selando a Conferência. Truman declarou se preocupar com a frágil condição econômica das nações do Hemisfério Sul. Mas, segundo ele, os “problemas dos países deste Hemisfério são de natureza diferente e não podem ser resolvidos pelos mesmos meios e (...) princípios estudados para a Europa”. Ao prometer uma ajuda econômica num outro “período” – o que deve ter ficado vago para quem o ouvia na época – o presidente colocou as suas condições. Ou seja, somente “(...) se pudermos continuar trabalhando com confiança mútua na construção desse grande edifício de segurança política, na qual esta Conferência fez progressos tão notáveis” (Diário de Notícias, 02/09/1947: 06). E que progressos! Não demorou muito para que todos, inclusive a imprensa exigissem a capitulação dos mandatos dos deputados comunistas, já que a Justiça Eleitoral havia cassado o registro do Partido Comunista do Brasil (Diário de Notícias, 31/08/1947: 08).

Irônico também foi o comentário de um jornal inglês, cuja fonte, o *Correio do Povo*, não forneceu o nome: se o fenômeno for verdadeiro “trata-se, evidentemente, de algum atleta russo que, subestimando as grandes possibilidades de sua imensa força física divertia-se em lançar discos pelos ares ao treinar para as próximas olimpíadas”. Mas nem tudo era ironia. Já que o imaginário social daquele período estava se acostumando com a idéia de que os *pratos* voadores só poderiam ser armas russas, “alguns observadores” passaram a afirmar que o fenômeno vinha do “Oriente para o Ocidente (...) da Rússia”. O boato enfureceu o vice-consultor da URSS, Eugene Tunantgev, que rapidamente dirigiu-se aos jornais de Los Angeles “para declarar que tal hipótese é ‘ridícula e destituída de fundamento’”. Tunantgev acrescentou ainda “que a União Soviética respeitava a soberania de todos os países e que, portanto, ‘é inadmissível supor que use outro país para campo de experiências’” (*Correio do Povo*, 12/07/1947: 5).

O imaginário sobre as Luzes no Céu envolveu-se no cotidiano do final dos anos 1940. As imagens verbais, mentais e visuais produzidas a partir de Kenneth Arnold e Roswell contextualizaram-se à Guerra Fria e à rotina de outras sociedades, além da estadunidense, tornando-se um fenômeno daquele conflito. Por exemplo, no Brasil, ao qual pessoas comuns do povo afirmavam ver fenômenos luminosos no céu. Uma delas, um comerciante de Santo Amaro, Recife, disse: “Vi perfeitamente tal coisa voando. Ora, não sendo papagaio, avião ou balão e tão pouco (...) bomba, só podia ser um dos tais discos” (*Correio do Povo*, 13/07/1947: 24). E do bairro Petrópolis, em Porto Alegre, um morador declarou ter visto no ar um “meio prato de alumínio bem polido”, lançando aos olhos “dos observadores belos reflexos de luz” (*Correio do Povo*, 15/07/1947: 16). Os textos produzidos pelos periódicos e os boatos sobre os objetos luminosos voadores corroboraram à sociedade ocidental para que a mesma construísse imagens, e, mais do que qualquer outra época antes, invasões soviéticas ou de *visitantes do espaço* passaram a se constituir, a fazer parte do imaginário social e também político do Ocidente.

Acerca daquele imaginário político, tanto os governos do Brasil quanto o dos Estados Unidos mantinham-se o mais distante possível da União Soviética. No Brasil, com a intensificação da Guerra Fria, principalmente depois das palavras de Truman, em Quitandinha, os partidários do Partido Comunista começaram “(...) a ser

acusados de atuar como agentes de uma potência estrangeira (...) que procurava preparar a opinião pública para uma nova guerra mundial (...)” (Konder, 2003: 68), enquanto os EUA e suas Forças Armadas, mais preocupados com um confronto direto contra o Exército Vermelho, armavam-se com novas tecnologias bélicas. O arsenal americano era delirante: novos modelos de submarino de ataque, novas armas de aniquilação rápida como o pó radioativo e bacteriológico, novos bombardeiros B-36, novos porta-aviões de 65 mil toneladas, novos jatos de guerra, e por fim, um novo balão de sondagem estratosférico, desenvolvido pela Marinha de Guerra, ao qual pôde ser o responsável pelo trágico acidente sofrido por um jovem capitão da Força Aérea dos EUA, Thomas Mantell.

2.4.1 O caso Mantell e o imaginário

Era 7 de janeiro de 1948 e os relógios de Madisonville, Kentucky, marcavam aproximadamente 14h15. A população daquela cidade parecia levar com tranqüilidade a sua vida, apesar da realidade *periclitante* da Guerra Fria e dos últimos boatos sobre os *pratos* voadores, que apareciam e desapareciam repentinamente no espaço aéreo americano, mas que a princípio não causavam danos ou mal algum a ninguém. Ao menos era aquilo que ocorria até o momento em que alguém olhou para o céu e apontou para um objeto incandescente, que entre as nuvens sublinhava a atmosfera com sua rapidez. O fenômeno, cujas descrições no momento, possuía a forma de um *sorvete de casquinha com calda vermelha* – e ao contrário dos relatos anteriores no país – apavorou as centenas de testemunhas da cidade. “Era grande, tinha de 75 a 90 metros de diâmetro”, relatou uma delas (Coleção Mistérios do Desconhecido: 41).

Conforme Donald Keyhoe – major reformado e que atuava como um pesquisador do fenômeno naquela época – soou o alarme da Polícia Estadual de Madisonville, avisando que o objeto estava se aproximando de Fort Knox, na direção da Base Aérea do Campo Godman. E passados 30 minutos do aviso, às 2h45, os oficiais da Torre de Comando Godman finalmente constataram o fato, quando um objeto de um “brilho vermelho intermitente” insinuou-se entre as “aberturas das

nuvens ao sul da base”. O fenômeno não deixou dúvidas ao comandante da Base, Guy Hix, ao qual ordenou a decolagem de três caças Mustang F-51 para averiguação. Após alguns instantes, enquanto o comandante e o resto dos militares aguardavam na Torre de comando a identificação do objeto, um alto falante sintonizado com um dos caças anunciou: “capitão Mantell para Torre Godman... Mantell para Torre Godman...”

– Avistei a coisa! (...) Parece metálica (...) e é de tamanho enorme!

Sacudindo a cabeça, por não acreditar no que estava acontecendo, Guy Hix levou o binóculo aos olhos, mas nada viu, além de um clarão resplandescente no céu. Na Torre, todos se entreolharam. Mantell mais uma vez entrou em contato:

– A coisa começou a subir (...) está a 12 horas de altura, fazendo metade de minha velocidade. Tentarei aproximar-me.

No tempo em que os pilotos que acompanhavam a perseguição tiveram de interrompê-la – não havia oxigênio para as alturas em nenhum dos aviões –, o capitão, mesmo sem o equipamento, decidiu seguir em frente ultrapassando os colegas numa velocidade impressionante. E às 15h15, mais uma vez contactou a Base Godman, cujos “homens da Torre suavam em silêncio”:

– Ainda está acima de mim, fazendo a minha velocidade ou mais. Estou subindo para 20 mil pés [6mil metros]. Se não me aproximar abandonarei a caçada.

Foi a última vez que os oficiais da Torre de comando do Campo Godman escutaram a voz de Thomas Mantell. Um dos caças saiu a sua procura, mas era tarde demais. O capitão estava morto e seu Mustang F-51 espalhado num raio de muitos quilômetros (Keyhoe, 14/06/1952: 44).

Conforme Keyhoe, no “dia seguinte, alguns jornais publicaram o relato da ‘fatal caça’” ao objeto iluminado que apareceu em Madisonville e depois acima do Campo Godman, e os rumores circularam. “Segundo uns, o corpo de Mantell teria sido transportado por um raio misterioso. Outros faziam correr o boato de que não havia sido encontrado o cadáver do aviador” – seu corpo foi achado algumas horas

depois de sua última comunicação, a 144 quilômetros da Base – “e que algum viajante interplanetário o tinha feito desaparecer” (Keyhoe, 195?: 29)⁴².

Dessa forma, as Luzes no Céu e a imagem do disco voador moldavam-se definitivamente no imaginário social. Imagem e “(...) símbolo e (...) a combinação dos dois entre si, que chamamos de mito” (Durand, 23/04/2004: 08) fizeram-se presentes no contexto sócio-cultural das sociedades que procuravam compreender as Luzes do disco voador. Mas cada uma delas tinha a sua própria maneira de explicar e compreender o fenômeno.

2.5 AS LUZES NO CÉU NO BRASIL: ESTUDOS DE CASO

A sociedade brasileira é composta por várias culturas, cujos sistemas de valores correspondem às realidades sociais, políticas, econômicas e culturais de suas regiões. A imagem e a forma do disco voador de Kenneth Arnold, que havia saído de Washington; viajou pelos EUA, atravessou o Atlântico e o Pacífico, chegando à Europa e a Hong Kong, também passou pelas capitais do Brasil – como já se mencionou antes – e pelo litoral catarinense. Entre os anos de 1947 a 1951, a comunidade de Garopaba, Santa Catarina, também ouvia falar nos discos voadores. Segundo Marcos Bernardino Rodrigues, que na época residia naquele distrito, trabalhando como pescador artesanal, ao lembrar dos boatos, disse: “Sim. Recordo. O boato era de pessoas que viram luzes” e toda “(...) vez que [alguém] via uma luz, (...) [a] confundia com disco voador. Até estrelas, quando se movimentavam (...) se confundiam com disco voador” (Rodrigues, 2008: 124)⁴³.

Em relação ao que se afirmou antes sobre as culturas brasileiras e suas regiões, o litoral de Santa Catarina tinha a sua própria forma de ver as Luzes no Céu. O senhor Rodrigues, mais conhecido pelo povo como *seu Marquinhos*, diferentemente das explicações estadunidenses sobre as Luzes puderem ser armas

⁴² O livro de Donald Keyhoe, *Flying Saucers From Outer Space* foi publicado nos EUA, em 1953, cuja editora, Livraria Clássica Brasileira - em traduzi-lo, para o título, *A verdade sobre os Discos Voadores*, não mencionou a data da publicação.

⁴³ As entrevistas desta dissertação encontram-se nos anexos, na versão integral da mesma, que é encontrada na Biblioteca Central da PUCRS.

russas, apresentou um outro enfoque a essa pesquisa. Segundo ele, “(...) pelo menos aqui na nossa região se confundia um disco voador. Isto é, uma luz que parecia com algo dos alemães (...), que os alemães estavam procurando se vingar (...) através do disco voador (...)”: era esse o pensamento do povo, afirmava o *seu Marquinhos*. Isso começou a ocorrer em 1942 – seguia o entrevistado –durante a Segunda Guerra Mundial, quando alguém da Praia da Guarda do Embaú (norte de Garopaba) havia visto uma luz no mar. Acreditando ser um submarino, a testemunha tratou de ir logo para Garopaba avisar o delegado, e a partir de então, conforme o sr. Rodrigues, “qualquer luz” no céu ou no mar passou a ser confundida com uma “invasão (...) Alemã”. Conforme o imaginário ocidental do pós-guerra que descrevia as Luzes como armas russas ou veículos de outros planetas, ao menos em parte do litoral catarinense, elas eram “sim” produtos dos “alemães que estão procurando entrar no Brasil. Isso aconteceu muito aqui, na nossa região (...); pra ver a mentalidade do pessoal naquela época”, exclamava o pescador aposentado (Rodrigues: 125-26).

A uns 15 quilômetros ao sul de Garopaba, Praia do Rosa, registrou-se outro relato de Luzes no Céu. Quem o guardou na memória foi o pescador e agricultor Anastácio Silveira. No final dos anos 1940, o acesso para a Praia do Rosa e arredores era bastante complicado, cujo único transporte na região, o *carro de boi*, conduzia a comunicação, o trabalho e a rotina daquela comunidade. Não havia luz elétrica, rádio ou televisão, mas tampouco fome ou miséria, e todos trabalhavam harmoniosamente com a natureza, retirando da terra e do mar verde e cristalino os alimentos do dia-a-dia. Segundo a entrevista concedida pelo senhor Anastácio, assuntos sobre a Guerra Fria e até mesmo discos voadores não eram corrente em sua comunidade, a Praia do Rosa e arredores eram como ilhas num continente dividido por águas. Mas já as Luzes no Céu eram bastante comentadas, como também temidas.

Conforme a entrevista cedida por Anastácio Silveira, se “fosse 00h00, até 1h00, 2h00 da madrugada (...), enquanto o galo não cantasse, todo mundo respeitava (...)”. Porque era durante aquelas horas que “aparecia alguma coisa (...), alguma luz que parava numa certa altura (...). Então, aí a gente via passar aquele farol (...)”, cuja “forma de uma *garrafa*” a qual “saía uma luz, (...) assustava muito”.

Em 1951, ano em que o senhor Anastácio era apenas um rapaz semi-analfabeto de 20 anos – como grande maioria do povo brasileiro assim o era naquele período – a dedicação à agricultura e à pesca praticamente arrancavam-lhe todas as horas do dia. Certa noite, enquanto caminhava pelo flanco Norte da Praia do Rosa, algo que aconteceu no céu, tirou-o de sua rotina. Segundo o pescador, tudo estava calmo, “(...) era uma noite muito boa (...)”, como outra qualquer. Ao menos até a 1h30 da madrugada, quando uma daquelas luzes – cujos rumores locais acreditavam ser “coisa do outro mundo” – apareceu sobre ele, a praia e o mar, assustando-o muito: “Aquilo (...) parecia que iria suspender a gente, e a gente se grudava na pedra, (...), não sei, (...) sentia uma coisa que parecia (...) puxá a gente” (Silveira, 2008: 129-30).

A imagem e o mito da *garrafa* iluminada ficaram mais ou menos até os anos 1960, quando a comunidade do *seu* Anastácio – assim ele é chamado por aqueles que o conhecem – e o próprio ouviram falar do disco voador através do rádio e televisão. No entanto, no tempo e depois que os fenômenos luminosos apareceram, notou-se uma pequena mudança de hábito na região. Ou seja, devido ao desaparecimento de pescadores nas praias ao sul do Rosa enquanto as Luzes surgiam, ninguém mais deixou de andar acompanhado à noite. “Porque – segundo o pescador – isso [a luz no céu] aparecia (...)” (Silveira:130-31). Em relação à mudança de comportamento recordada pelo sr. Anastácio Silveira, apesar de singela, a mesma caracterizou o imaginário local que, depois das Luzes da garrafa iluminada, passou a representá-las como uma ameaça à própria segurança e existência; da mesma forma como o fez a maioria da comunidade de Garopaba que, segundo Marcos Rodrigues, começou a crer que as Luzes seriam máquinas alemãs que estariam invadindo o território em busca de vingança pela perda da guerra. Entretanto, naquele período, nenhuma sociedade levou tão a sério o fenômeno, com exceção de Thomas Mantell que havia encontrado a morte perseguindo uma Luz, quanto a de Quito, Equador, cujo impacto social foi tragicamente registrado.

2.6 UMA TRAGÉDIA SOCIAL E UMA PAUSA NO FENÔMENO

Em 12 de fevereiro de 1949, alguém na cidade de Quito resolveu repetir a mesma proeza de Orson Welles que, em 1938, deixou em pânico a cidade de Nova Jersey (ver págs: 51-52). Detalhe: sem a mesma sorte. Diferentemente do contexto sócio-político e cultural do prelúdio da Segunda Guerra vivido por Welles, em 1949, o Ocidente estava mergulhado no imaginário político da Guerra Fria, que culturalmente já havia absorvido os boatos e o imaginário acerca das Luzes dos discos voadores. Naquele dia, a Rádio de Quito não estava preparada para o que iria acontecer, ao transmitir a obra de H.G Wells, *A Guerra dos Mundos*. Aquela transmissão, com o apoio de atores – assim como fez Orson Welles e o teatro Mercury –, “interpretando políticos locais, jornalistas e testemunhas” (Fortunato, 2003: 1), enquanto relatavam que a cidade de Quito sofria o ataque de naves marcianas, levou a população ao desespero. Os moradores acreditaram que aquilo realmente acontecia: fugiram “para as ruas e centenas de pessoas tentaram (...) escapar para o interior do país” (Diário de Notícias, 15/02/1949), em busca de um abrigo que os protegesse dos invasores marcianos. Contudo, depois de restabelecida a ordem, a sociedade viu-se profundamente enganada com a radionovela, invadindo o edifício onde funcionava a Rádio. Segundo o historiador Alexandre Valim, a “violência dos protestos contra a transmissão mobilizou as Forças Armadas que diante do tumulto, utilizaram gás lacrimogênio e (...) tanques blindados”. Os confrontos com a polícia e o incêndio do edifício onde estava instalada a estação (...) resultaram em dezenas de feridos, na prisão de 18 suspeitos e na morte de 20 pessoas” (Manas in Valim, 2005: 190)⁴⁴.

⁴⁴ O Brasil também teve as suas invasões de Marte, cujas adaptações de *A Guerra dos Mundos* causaram grande confusão nacional. Em 22 de novembro de 1954, Caratinga, Minas Gerais, *notícias* veiculadas por uma emissora local afirmaram que um disco voador havia aterrissado na cidade, com marcianos armados e sedentos por destruição; e também 17 anos depois, em 30 de outubro de 1971, cujos diretores de uma rádio local planejaram os ataques marcianos em dois municípios brasileiros, Cururupa (Maranhão) e Botafogo (Rio de Janeiro). Nos dois casos até mesmo caças da Força Aérea Brasileira (FAB) foram acionados para averiguar os supostos ataques de Marte. No entanto, assim como ocorreu em Nova Jersey e Quito, o imaginário social daquelas cidades voltou a sua rotina normal, assim que os boatos foram desmentidos (Valim: 199-201).

Seria como o professor Moacyr Flores certa vez disse: “As pessoas costumam olhar para aquilo que estão procurando enxergar”. O impacto social relativo às últimas ações de Quito, do Campo Godman, de Roswell, enfim, foi uma prova do poder daquilo que aquelas sociedades buscaram enxergar. O fenômeno das Luzes no Céu produziu imagens, que cada ser humano individual ou coletivamente, a partir de valores culturalmente construídos, acabou transformando em realidade e conseqüentemente em mito. E é por isso que o “mito não é uma mentira, nem uma falsidade, é a interpretação de uma realidade” (Flores, 2007: 7).

À medida que as documentações analisadas por este mestrando passaram a convidá-lo a sair da Praia do Rosa, de Garopaba, das Américas, notícias sobre a construção da Guerra Fria na Coréia, fizeram-se mais presentes, por hora, que os boatos e o imaginário sobre os discos voadores. A Guerra da Coréia, um dos principais produtos da Segunda Guerra, teve bastante espaço no imaginário sócio-político do Ocidente, como um todo, no início dos anos 1950. Contudo ninguém mais esperava que o fenômeno das Luzes no Céu repercutisse tanto entre o imaginário social, como aconteceu em 1952, tornando-se um dos assuntos mais discutidos naquele ano. E em relação a isso, essa dissertação pergunta-se: por que 1952? O que estaria acontecendo politicamente no mundo naquele momento para que os boatos e o imaginário sobre o fenômeno repercutissem a ponto dos governos ocidentais, como o dos EUA e do Brasil, resolvessem intervir em suas rotinas? Mas se os governos o fizeram, de que maneira agiram? De qualquer forma, as notícias referentes ao Paralelo 38 passaram para um segundo plano. Mas até que isso ocorresse, uma pausa se fez sobre o fenômeno, cujos novos rumores de objetos luminosos voadores, sobre a geografia de uma Coréia incendiada e mergulhada no caos, tornavam-se focos de profundas preocupações e expectativas entre os anos de 1952 e 1953; anos em que respectivamente Truman deixava o governo e Stalin, o mundo.

3 1952, O ANO DOS DISCOS VOADORES

No início de 1949, Harry Truman era reeleito, o Plano Marshall se encaminhava para o terceiro ano de sucesso e era finalmente assinado um acordo entre os Estados Unidos e mais onze potências capitalistas, criando-se então a Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN): segundo o presidente estadunidense era mais um meio para assegurar a sobrevivência e a liberdade dos *países livres*. Mas naquele momento, em que o Ocidente parecia seguir em segurança e unido – o Brasil era um exemplo, pois desde Quitandinha, em 1947, que os comunistas não tiveram mais um minuto sequer de paz no país – a União Soviética mudava o rumo da situação: em 23 de setembro, os periódicos do Ocidente divulgavam que os soviéticos explodiram a sua primeira bomba atômica (ver pág. 46).

De acordo com os periódicos, a notícia, de autoria do major Jesse Marcel, assustou enormemente o imaginário social do Ocidente e principalmente dos EUA que até então, confiantes quanto a sua hegemonia e controle do mundo pelo capitalismo, descobriram que não eram assim tão poderosos. O dólar começou a despencar, desencadeou-se uma greve geral americana, e quem ainda se lembrava de Truman discursando ao Congresso em 7 de abril, ao se referir ao emprego da bomba atômica, de que “não vacilarei em tomar essa decisão novamente”, colocava a mão no rosto e refletia. A opinião de uma recepcionista sintetizava o pensamento do momento: “Devemos receber a notícia com calma, porque do contrário os russos acreditarão que temos medo” (Diário de Notícias, 24/09/1949: 1). Os últimos dias de 1949 ficaram tão tensos que nem as notícias veiculadas pela revista *True* identificando as Luzes no Céu como naves interplanetárias, tampouco reportagens sobre observações de discos voadores em cidades como Santiago, Manaus, Cidade do México, impediram que a atenção das pessoas se voltasse para a distante Coreia.

3.1 DA GUERRA ÀS LUZES NO ESPAÇO AÉREO DA CORÉIA

Havia dezenas de anos que a Coréia assim como a Ásia viviam sob o domínio do Japão. Mas durante a Segunda Guerra o imperialismo nipônico passou a enfraquecer-se diante dos povos coloniais: desde 1917, que o exemplo da Revolução Bolchevique vinha fortalecendo sentimentos nacionalistas, aos quais espalharam-se pelas ruas do Extremo-Oriente. Os socialistas, então aproveitaram a situação favorável e organizaram seus partidos comunistas (Chagastelles, 1996: 20).

Conforme Alfred Steinberg, em 1943, numa Conferência realizada na cidade do Cairo, Churchill, Roosevelt e o chefe chinês Chiang Kai-Shek discutiam sobre o futuro da península coreana após a guerra; finalizando os debates com um acordo de que a Coréia deveria passar por “um período de tutela, pelas grandes potências, o qual a prepararia para o governo autônomo”. Dois anos depois, já no final da Guerra, Truman, que havia sucedido Roosevelt, era avisado “por seus conselheiros militares (...) que não havia disponibilidade de tropas norte-americanas em número suficiente para aceitar a rendição do grande exército japonês na Coréia”. O presidente, então, temendo alguma reviravolta japonesa, concordou na Conferência de Potsdam que os soviéticos se encarregassem de aceitar “a rendição acima de uma linha arbitrária”, o Paralelo 38; enquanto os exércitos americanos, ao sul daquela linha. “Em seguida, ambas as partes (...) seriam reunidas sob a tutela das grandes potências” (Steinberg: 171).

Então, sob a orientação da ONU desenvolveu-se uma organização para supervisionar as próximas eleições livres na península coreana, cuja URSS opôs-se à idéia: Stalin acreditava que os eleitores norte-coreanos seriam facilmente vencidos pelos sul-coreanos que eram em maior número. A Coréia Meridional, observando o apoio que os EUA concediam a ela, resolveu enfrentar os soviéticos, realizando e vencendo as eleições com grande diferença de votos, elegendo Sigman Rhee, em maio de 1948. A reação da Coréia Setentrional veio alguns meses depois, em setembro, quando o líder Kim Il Sung proclamava a República Popular Democrática da Coréia. O impasse cresceu ainda mais quando Truman concedeu a Rhee uma ajuda econômica de um bilhão de dólares (Steinberg: 173), quase ao mesmo tempo

em que Mão Tse Tung confinava Chiang Kai-Shek em Formosa, instituindo em 1º de outubro de 1949, a República Popular da China.

O ano de 1950 refletia o imaginário político e as transformações geográficas de 1949. Na noite de 24 de junho, Truman estava longe da Casa Branca, descansando em Independence, na casa de sua família, quando foi chamado ao telefone. Do outro lado da linha, seu novo Secretário de Estado, Dean Acheson, “bastante nervoso”, relatava as últimas informações do Oriente (Steinberg: 173). Os “norte-coreanos, (...) entusiasmados com o triunfo de Mão na China (...)” (Vizentini, 1992: 35), beligerantemente começaram a descer ao sul do Paralelo 38. Muitos creram que aquele era o momento inicial da Terceira Guerra Mundial. Assustado diante da invasão comunista na Coreia do Sul, o presidente voou para Washington, convocando uma reunião urgente com o Conselho de Segurança da ONU. Conforme Steinberg, depois de alguns dias de reuniões, o Conselho finalmente “pedia às nações-membros que ‘prestassem à República da Coreia toda a assistência que fosse necessária para repelir o ataque armado’”⁴⁵. Truman, então, ordenou ao seu secretário do Exército, Frank Pace, que informasse ao general Douglas MacArthur sobre a aprovação de um regimento de combate na península (Steinberg: 174-75). E os Estados Unidos, juntamente com outras nações-membros da ONU⁴⁶ entraram no conflito contra a Coreia Setentrional. A Guerra da Coreia estava construída. Cabia somente a MacArthur, segundo ele mesmo, assegurar a *liberdade* da Coreia Meridional e “ver o que pode fazer para animar estas últimas vítimas da agressão comunista” (Diário de Notícias, 29/06/1950: 01).

⁴⁵ A delegação da União Soviética não se apresentou em nenhuma das reuniões. Há algum tempo que os russos vinham boicotando as assembléias da ONU. A razão era uma só: a reinclusão da China entre os Quatro Grandes (EUA, URSS, Inglaterra e França), com poderes de veto.

⁴⁶ Várias nações aliadas aos EUA e a Coreia do Sul mandaram contingentes militares à península coreana. Por exemplo, Bélgica, Austrália, Grã Bretanha, França, Nova Zelândia, Holanda, Turquia, Filipinas, Tailândia, Etiópia, Canadá e Grécia. Mas a América do Sul também estava representada pela Colômbia. Conforme o cientista político Vagner C. Alves, o Brasil foi bastante seduzido pelo governo dos Estados Unidos para que entrasse no conflito contra os norte-coreanos. A razão foi simples: tomar o lugar das tropas estadunidenses já exaustas da guerra. Para que isso ocorresse, Truman fez promessas ao presidente Getúlio Vargas; entre elas, 300 milhões de dólares que serviriam como recursos para a infra-estrutura e segurança (contra o comunismo) do Brasil. Os EUA sabiam o quanto aquele dinheiro era importante ao governo Vargas: acreditava-se que “a miséria e o subdesenvolvimento eram armas poderosas nas mãos dos comunistas que, por intermédio da subversão, podiam até derrubar governos na área, com o auxílio dos descontentes”. Contudo, depois de meses de negociação (abril a junho de 1951), ao qual a “(...) questão coreana foi debatida em um ambiente aberto e democrático”, Vargas resolveu responder negativamente ao envio de tropas brasileiras à Coreia (Alves, 2007: 147 e 152-53).

À medida que os norte-coreanos desciam o Paralelo 38, os soldados americanos e sul-coreanos pareciam perder a guerra, pois ficaram entrincheirados nas praias do sudeste da península, em Pusan. Mas em setembro a situação mudou. MacArthur discutiu uma manobra radical com seus generais, apontando para o mapa, na direção de Inchon, ao lado de Seul. A idéia era surpreender os norte-coreanos com um ataque anfíbio naquela região (Gaddis: 41). Ou seja, ao norte de Pusan. E assim foi. Conforme Steinberg, na segunda semana de setembro, milhares de fuzileiros americanos desembarcaram em Inchon. A liderança dos generais americanos foi implacável. Depois de reconquistarem Seul, desceram em marcha para Pusan, encurralando os soldados comunistas, já bastante exaustos da guerra. Os mesmos ainda tentaram fugir para o norte, às suas linhas de abastecimentos, mas descobriram-nas já sob o domínio americano. A estratégia de MacArthur funcionava. A Coreia do Norte encontrava a sua primeira derrota, 130 mil norte-coreanos rendiam-se. Em Washington, o presidente, com base na vitória de Pusan, decidiu mandar as forças aliadas seguirem em frente subindo o Paralelo 38, ignorando o aviso do ministro do Exterior da China, cujo país “não ficaria inerte, vendo a Coreia do Norte ser invadida”. Os exércitos de MacArthur interceptaram o rio Yalu – que fazia fronteira com a China –, e estavam prontos para conquistá-lo, quando algo deu errado (Steinberg: 176-80). Na noite de 26 de novembro, enquanto o X Corpo de MacArthur chegava ao local, foi surpreendido por 200 mil soldados chineses que avançavam como uma “praga de gafanhotos”, expulsando os aliados ocidentais daquela região (Diário de Notícias, 29/11/1950: 01).

Em 04 de janeiro de 1951, após uma derrota atrás da outra e um longo tapete de cadáveres às suas costas, MacArthur não enxergou outra solução além de deixar-se empurrar para o sul do Paralelo 38. Seul era recapturada pelos comunistas. Segundo Steinberg, o comandante das Forças Armadas da ONU, o general MacArthur, por acreditar que os combates na Coreia estenderiam-se numa “guerra de acordeão”, em 27 de março concedeu uma entrevista à imprensa, com o objetivo de fazer-se ouvir pela nação americana e pressionar o presidente a lhe dar mais liberdade em suas ações para arrasar os chineses (ele pensava no uso Nuclear). O que o general não sabia ou fingia não saber era que seus compatriotas negociavam com a União Soviética um cessar fogo na Coreia, e para não parecer que os Estados Unidos estavam “na realidade cortejando uma Terceira Guerra

Mundial” (Steinberg: 181), Truman declarava não mais suportar as insubordinações de MacArthur, demitindo-o em 11 de abril.

Enfim, o armistício. Apesar do mesmo não representar o final da Guerra e da violência na península coreana, aquele foi o momento – ele se estendeu até o final do conflito, em julho de 1953 – em que os Estados Unidos e a União Soviética procuraram juntos uma saída para a paz. Contudo, às vezes, os Dois Grandes desentendiam-se profundamente, pois o imaginário político de ambos quase sempre era avesso. Na medida em que as negociações para o final do conflito coreano arrastavam-se e em que russos e americanos não conseguiam entender-se, pilotos norte-americanos, sobrevoando a Coréia em seus bombardeiros B-29, trouxeram ao mundo novas informações sobre os objetos luminosos voadores.

3.2 1952, O ANO DOS DISCOS VOADORES

Os primeiros dias de 1952 foram social e politicamente perturbadores. Com base nas manchetes dos jornais, nem as declarações de Stalin e Truman em usar a bomba atômica em benefício de suas nações; nem a volta dos enfrentamentos entre comunistas e capitalistas na Coréia nos últimos minutos de 1951; os embargos econômicos da Bolívia, Colômbia, Peru e Espanha à URSS; os ataques verbais de Jacob Malik, delegado soviético, afirmando coercivamente numa das reuniões da ONU que a “terceira guerra já começou”, nem nada mais pareceu preocupar tanto a humanidade no início daquele ano, quanto às últimas notícias de *relâmpagos de luzes azuladas* emitidos nos céus da península coreana por “objetos que pareciam ser discos voadores”.

Conforme as informações chegadas da guerra, as declarações iniciais foram dadas aos oficiais do Serviço da Inteligência na Coréia por dois aviadores dos EUA: na noite de 29 de janeiro, os mesmos estavam voando num B-29 onde viram Luzes, tangenciando o bombardeiro, sobre Wonsan, costa oriental coreana. Daquela vez, diferentemente do que aconteceu com Thomas Mantell, em 1948, era a própria Força Aérea que informava ao público que seus pilotos estavam enxergando

“objetos que pareciam ser ‘discos voadores’”. Por causa do ocorrido julgou-se conveniente a abertura de um inquérito. Foi também a primeira vez que o governo dos EUA agiu assim, desde 27 de abril de 1949, quando daquela vez, através do projeto *Sign*, declarou que os discos voadores eram alucinações, projéteis guiados, balões ou fenômenos astronômicos. Mas por que o governo agiria assim? Teria ele pensado em encontrar uma forma de usufruir do fenômeno, enquanto o mesmo era notícia? Entretanto, em Washington, o porta-voz das Forças Aéreas, depois de saber que uma outra esquadrilha que havia participado do ataque em Sunchon também teria “visto esses discos voando (...) em direção paralela ao seu avião”, confirmou à imprensa: “(...) esses objetos permaneceram voando perto do B-29, sobre Wonsan, durante aproximadamente cinco minutos, e com o B-29 que se encontrava sobre Sunchon, durante cerca de um minuto” (Diário de Notícias, 20/02/1952: 01).

As últimas declarações da Força Aérea que, de certa forma, lembravam os *foofighters* da Segunda Guerra, corroboraram ao interesse do público pelo fenômeno. Cineastas que atuavam nos EUA aproveitaram a situação favorável, produzindo longas-metragens sobre o tema. A ficção científica cinematográfica, que até então era considerada pelos críticos como um trabalho pobremente produzido, nunca mais foi a mesma a partir do início dos anos 1950.

3.2.1 O Cinema e os discos voadores⁴⁷

Os meios de comunicação como o cinema e a imprensa – esta será destacada logo adiante no trabalho – contribuiram muito à formação de uma imagem extraterrestre às Luzes no Céu. Os seus produtos, textos e imagens (visuais), auxiliaram, com certeza na construção do mito do disco voador, um mito que parece não ter fim. Uma prova disso é a infinidade de produções televisivas e cinematográficas acerca do mesmo. Como por exemplo, a impecável série para a

⁴⁷ A idéia de trabalhar a óptica cinematográfica nesta dissertação foi inspirada a partir das aulas do professor Moacyr Flores, numa disciplina criada por ele, *História do Brasil e Cinema*, ministrada no Programa de Pós-Graduação em História (PPGH) desta instituição. A disciplina tinha como um dos seus objetivos compreender, através das imagens visuais e verbais, o momento histórico ao qual eram produzidas e depois exibidas ao público brasileiro.

televisão, *Arquivo X* (1993-2002) e as refilmagens para o cinema de clássicos como *O Dia em que a Terra Parou* (2008). Este último, uma produção de 1951, a qual será analisada a seguir.

Em 19 de maio de 1952, estrejava no Brasil, cinema Imperial de Porto Alegre, o filme, *O Dia em que a Terra Parou – Do espaço... um aviso e um ultimato*⁴⁸. Considerado um sucesso nos cinemas do mundo ocidental e um dos melhores filmes de ficção científica de todos os tempos – o filme ganhou o prêmio de melhor trilha sonora pelo Globo de Ouro de 1952 – *O Dia em que a Terra Parou* representou o imaginário político e social da Guerra Fria, como também das Luzes no Céu. Logo no início do longa-metragem, um *objeto voador não identificado* (OVNI)⁴⁹ resplandescente, em forma de disco, aparecia no céu de Washington, pousando num dos parques da capital. Era um disco voador. Dele saía Klaatu, o personagem principal do longa, e um robô que atendia pelo nome de Gort, cujos poderes eram tão expansivos que poderiam destruir a Terra.

Conforme o roteiro de Edmund North e a direção de Robert Wise, os seres do espaço – o termo extraterrestre não era usado naquele período –, após descerem da nave, causaram grande espanto em todos. Entre a multidão que aguardava a

⁴⁸ O filme estreou em 18 de setembro de 1951, em Nova York, e em 1952 nos demais países do Ocidente. Mas *O Dia em que a Terra Parou* não foi o único e nem o primeiro longa-metragem a ser produzido em 1951. *O Monstro do Ártico* e *O Homem do Planeta X* acompanharam o imaginário da época: seres do espaço chegando ao planeta em suas espaçonaves, causando suspense e terror nos humanos que os contatavam. Diferentes de Klaatu, que tinha a missão de conscientizar as sociedades e os governos para o não uso da energia Nuclear, os dois visitantes, que a princípio conheceram acidentalmente a Terra, possuíam objetivos distintos. *O Homem do Planeta X* (1h12min e 10s) desejava simplesmente desenterrar a sua nave dos pântanos da Escócia, onde havia caído. Com gestos e aparência inofensivos mostrou-se inescrupuloso com aqueles que o incomodavam, hipnotizando-os para que trabalhassem como escravos no desaterro da nave. Já *O Monstro do Ártico* (1h23min e 33s) desejava exterminar os militares e cientistas que trabalhavam para o governo dos Estados Unidos em uma base do Ártico. As razões para que o *invasor* do espaço quisesse fazer aquilo não eram difíceis de ser compreendidas: depois que aquela base descobriu que um disco voador havia aterrado a alguns quilômetros de sua instalação, resolveu-se, então dinamitá-lo. Contudo, nos dois filmes anteriores, como também em *O Dia em que a Terra Parou* a presença do medo pelo desconhecido, de uma máquina poderosa e aniquiladora, foi uma constante. A propaganda da Guerra Fria, de novos engenhos sendo criados e das possíveis e *ameaçadoras* invenções soviéticas, tão distantes do horizonte cultural do Oeste, forneciam as condições para as incertezas, e o imaginário Ocidental trabalhava sob elas.

⁴⁹ O termo *Unidentified Flying Object* (UFO) ou OVNI, em português, foi criado, em 1951 pelo capitão Edward J. Ruppelt. Ruppelt foi o oficial das Forças Aéreas dos EUA, encarregado pelo governo Truman de investigar e analisar as Luzes no Céu através do *Project Blue Book* (projeto Livro Azul): uma forte evidência de que aquele governo preocupava-se muito com os boatos sobre o fenômeno. O capitão criou o termo, conforme ele mesmo, para substituir a expressão disco voador. Expressão bastante difundida na época, a qual qualquer Luz no Céu a recebia como denominação (Ruppelt, 1959: 19).

aparição dos extraterrestres, estava um batalhão do exército fortemente armado que havia sido alertado pelas torres de radar da cidade. Klaatu, diferentemente de Gort, possuía feições humanas; com aproximadamente 1,80 metros de altura, olhos grandes, cabelos negros e curtos e uma magreza que salientava ainda mais seu brilhante macacão prateado, dizia, enquanto os militares apontavam armas e canhões em sua direção: “viemos visitá-los em paz e com boa vontade”.

Klaatu queria alertar a humanidade acerca do perigo que o planeta corria com o uso e a manipulação da energia Nuclear produzida pelos EUA e URSS. Mas paz era algo novo, no início dos anos 1950, algo que ninguém sabia ao certo o significado: as Duas Grandes Guerras anteriores e a que se seguia, silenciosa e agonizante – a Guerra Fria – deixavam todos desconfiados. Diante daquele imaginário, ignorando os códigos culturais de que não se devia apontar nada para ninguém, inclusive para os militares, Klaatu resolveu fazê-lo com um objeto cilíndrico, sendo automaticamente, baleado por um soldado. Levado para o hospital, logo depois de tratado seu ferimento, o homem do espaço pedia para se encontrar com os representantes de todas as nações da Terra, porque tinha um pronunciamento de extrema importância para dizer-lhes. O secretário do presidente; o sr. Harley, que o escutava, disse que seria impossível tal encontro, pois o atual momento era delicado demais. Mesmo assim saiu para realizar o pedido.

O secretário não demorou muito para voltar, e as notícias não eram das melhores: o premier russo queria um encontro em solo soviético; enquanto o presidente americano, na Casa Branca. Para piorar a situação, Klaatu descobriu que estava sob confinamento, e decidiu fugir do hospital para alertar os humanos acerca do perigo que corriam: caso não ocorresse a comunicação pretendida pelo “homem do espaço”, Gort carregava consigo os meios para acabar com o planeta. A partir daquele momento, Klaatu passava a ser caçado, e as emissoras de rádio e televisão alertavam a população do perigo que a mesma corria com um extraterrestre livre entre ela. Um dos principais agentes de notícias, Drew Pearson, não poupava esforços em incitar os cidadãos para que apoiassem a prisão dos visitantes.

Na verdade, o diretor do filme, Robert Wise, baseou-se em alguns personagens da vida real para contar a história. Um deles foi Drew Pearson, um famoso agente de notícias da época. Seus temas preferidos, ao menos no ano de

1952, eram os *discos voadores* e a *ameaça russa*⁵⁰. A estratégia de Wise em usar personagens que realmente sobreviviam daquilo que representavam, provavelmente no sentido de dar um tom maior de veracidade a sua ficção, recordou o impetuoso e talentoso teatrólogo e ator, Orson Welles, assim como aqueles infelizes da Rádio de Quito (Ver pág. 78).

Drew Pearson e a imprensa não eram os únicos que caçavam o *homem do espaço*, o exército, através do governo, também o fazia. Klaatu, então, desfez-se de seus trajes hospitalares e vestindo-se como um moderno homem dos anos 1950, assumiu um novo nome, *Carpenter*, e procurou abrigo, alugando um quarto numa típica casa de pensão americana. Daquele estabelecimento, com a ajuda de um menino, Bobby, que havia feito amizade, conheceu Washington: visitou o Memorial Lincoln, impressionando-se com as palavras de exaltação à liberdade e os direitos humanos em suas paredes – uma clara propaganda capitalista na Guerra Fria –, e depois de passar por sua nave que estava aterrada no parque central da cidade, chegou à casa de um importante cientista, Jacob Barnhardt, invadindo o seu escritório; após escrever num quadro negro a solução de uma fórmula matemática, que Barnhardt perseguia havia semanas, deixou o endereço da pensão para que o mesmo o procurasse. Logo após ser procurado, Klaatu identificou-se ao cientista, falando-lhe o porquê de sua visita à Terra. Ou seja, ele e Gort representavam os demais seres interplanetários que estavam preocupados com os avanços da “violência” no planeta, causados pelas experiências atômicas terrestres e que as mesmas poderiam atingir os seus planetas, através de futuras visitas interplanetárias da Terra.

Barnhardt, então, propôs a Klaatu que se reunisse com os maiores cientistas do planeta e que a eles desse o seu ultimato; e a reunião foi marcada na frente da nave. Mas algo deu errado. Bobby, o garoto, havia seguido o *sr. Carpenter* até o disco voador naquela noite. Apavorado, Bobby voltou à pensão, narrando o acontecido a sua mãe, a viúva sra. Benson, cujo namorado, enciumado, subiu ao quarto de Klaatu, encontrando um *estranho* diamante no chão. No outro dia, procurando um ourives da cidade, não teve mais dúvidas; o mesmo contatou o exército que automaticamente dispôs-se à perseguição do homem do espaço.

⁵⁰ Em 1952, quase que semanalmente a revista *O Cruzeiro* traduzia e publicava os artigos de Pearson no periódico.

Naquele instante, a sra. Benson já havia sido esclarecida por Klaatu: ele não era nem bandido, nem agente comunista; e avisando-o que seu namorado havia lhe entregue às autoridades, fugiram num táxi na direção do disco voador. Mas foram detectados pelo exército e Klaatu era baleado. Antes que morresse soprou nos ouvidos da sra. Benson as palavras que a mesma deveria urgentemente dizer a Gort: *Klaatu Barada Niktu*. E assim foi. Depois que Klaatu foi resgatado pelo robô da prisão-hospital, levado à nave e ressuscitado – conforme o imaginário da época, os extraterrestres podiam de tudo – caminhou para fora da espaçonave, dizendo o seguinte aos cientistas que já o aguardavam:

Partirei logo, e devem me perdoar por falar tão francamente. O universo diminui a cada dia e a ameaça de agressão por qualquer grupo [no caso a expansão Nuclear da URSS ou dos EUA] não pode mais ser tolerada. Deve haver segurança para todos ou ninguém estará seguro. Isso não significa abrir mão de sua liberdade, exceto a de agir irresponsavelmente (O Dia em que a Terra Parou, 1951: 87m 52s – 88m 19s).

Numa clara menção à Declaração dos Direitos do homem e do Cidadão dos EUA, Klaatu seguia com seu ultimato, enquanto uma platéia de aproximadamente uma centena de cientistas o escutava num profundo silêncio:

Seus ancestrais sabiam disso quando criaram leis para se governarem, e contrataram policiais para aplicá-las. Nós, de outros planetas, há muito adotamos esse princípio. (...) Criamos uma raça de robôs para serem nossos policiais. (...) Em questões de agressão [por outros planetas] eles têm poder absoluto sobre nós. (...) No primeiro sinal de violência, eles reagem automaticamente contra o agressor. (...) O resultado é que nós vivemos em paz, sem armas ou exércitos, seguros (...) de que estamos livres de (...) guerras, livres para nos dedicarmos a coisas mais produtivas. (...) Eu vim para lhes transmitir estes fatos. (...) A escolha é simples. Juntem-se a nós e vivam em paz, ou continuem nesse percurso e sejam obliterados. Estaremos esperando pela sua resposta. A decisão está com vocês (O Dia em que a Terra Parou: 88m20s – 90m16s).



Figura 5 - Cenas do filme: o pouso em Washington e o adeus

Fonte: *O Dia em que a Terra Parou*, 1951.

O Dia em que a Terra Parou definitivamente respondeu à época em que foi filmado. Não havia segurança alguma. Os governos dos Estados Unidos quanto da União Soviética aceleravam a produção e a tecnologia nucleares. A bomba de hidrogênio já era uma realidade quase conquistada para os americanos e seria, logo mais, para os soviéticos. Para piorar um pouco mais a situação, dentro do imaginário político da sociedade havia ainda a questão da Coréia. Ou seja, alguém, mesmo durante o armistício coreano, poderia *apertar o botão* da bomba atômica sobre aquela península. Conforme Vágner Alves, ao menos “(...) nos primeiros meses de 1951, a eclosão de uma Terceira Guerra Mundial (...) não era opção pouco provável” e aquele era provavelmente o momento mais crítico da Guerra Fria (Alves: 129). *O Dia em que a Terra Parou* foi, com certeza, o produto daquelas circunstâncias. A humanidade precisava refletir, ainda mais com um fenômeno que parecia não haver explicação. Contudo, a obra de Robert Wise, apesar de ser um reflexo direto da Guerra Fria, culturalmente também fêz-se presente nas sociedades posteriores. Influenciou o cinema através da ficção científica⁵¹, a História – este trabalho não deixa de ser uma de suas sementes –, e a música: a banda de rock progressivo canadense, *Klaatu*, criada nos anos 1970, inspirou e ainda inspira muitos músicos em volta do planeta. O que diriam aquelas pessoas ao saírem do cinema Imperial e dos demais cinemas ocidentais – muitas, repetindo por diversas vezes a frase *Klaatu Barada Niktu* (Koball, 2007: s/p) – e saberem que o filme não só significou para elas ou àquele momento, mas que o mesmo serviu de base para se compreender mais sobre uma época e seu contexto.

⁵¹ A refilmagem de *O Dia em que a Terra Parou* já tem data de estréia nos cinemas mundiais: 09 de janeiro de 2009.

3.2.2 A Imprensa de *O Cruzeiro*

Assim como o cinema, a imprensa auxiliou à crença aos discos voadores. Desde os relatos de Kenneth Arnold, Roswell, o caso Mantell, enfim, aquele veículo de comunicação vinha dedicando seus artigos, crônicas e reportagens às Luzes no Céu. No Brasil, em 1947, as redações dos periódicos manifestavam-se timidamente, sem maiores detalhes, acerca dos acontecimentos em Roswell. Como por exemplo, no incidente do Clube Niterói (ver citação nº 32), como também nos *avistamentos* reportados pelo Jornal *Correio do Povo* (ver pág. 72). Contudo, nenhum periódico divulgou mais o fenômeno quanto a revista *O Cruzeiro*, principalmente no ano de 1952.

Basicamente, quase todas as edições daquele ano, lançados pela *O Cruzeiro*, continham, no mínimo, um artigo sobre os discos voadores. Quanto mais notícias chegavam através do semanário, mais vendas o mesmo fazia. Aliás, nenhuma imprensa consegue sobreviver sem o seu leitor. Talvez fosse por isso que *O Cruzeiro* corroborava ao crescente apelo do imaginário social pelo fenômeno.

Conforme o diretor editorial de *O Cruzeiro*, Accioly Netto, a revista atingiu o seu maior sucesso no início dos anos 1950; sendo líder absoluta na venda de tiragens naquele momento. Com “cerca de 850 mil exemplares circulando” pelo Brasil, “imaginando que cada exemplar seria lido por cinco pessoas (...)”, o periódico “passaria pelas mãos de nada menos que quatro milhões de leitores a cada semana”. Sem dúvida nenhuma, num país com 50 milhões de habitantes, cuja maioria mal sabia ler ou escrever, o periódico vivia um “milagre editorial” (Netto, 1998: 123).

Pertencente a Assis Chateaubriand, proprietário dos *Diários Associados*, a revista era conhecida por incentivar a liberdade criativa de seus repórteres. A mesma abordava seus assuntos de forma, quase sempre, mais visual que textual e o fotógrafo tinha função de destaque na condução da narrativa (Munteal, Grandi, 2005: 53).

Aquilo tudo deveu-se à iniciativa de profissionais competentes como Accioly Netto, o próprio Chateaubriand e Jean Manzon. Manzon, que já havia pertencido ao

Departamento de Imprensa e Propaganda, valorizava muito as funções do redator e do fotógrafo, glamurando-os como os aventureiros das notícias. Conforme a professora Maria Beatriz Coelho, aquele reconhecimento – o respeito à autonomia dos jornalistas – era uma estratégia à popularização do periódico, para que o mesmo atingisse os mais altos índices de venda. E os mesmos se sentiam a vontade para trabalhar no sucesso do semanário e por que não de suas próprias carreiras: “participavam ativamente das reuniões de pauta. Tinham todas as condições de trabalho disponíveis na época, podendo fretar aviões e viajar quando achassem necessário” (Coelho, 2006: 85).

O Cruzeiro, além de incentivar a participação de seu leitor, para o qual tinha uma seção especialmente destinada às suas cartas⁵², também renovou o hábito de trabalhar. Com a dupla de jornalistas – um para redigir, outro para fotografar – procurava noticiar temas que despertassem “grandes polêmicas, apostando naqueles que mobilizavam a opinião pública (...)” (Munteal, Grandi: 94). Por exemplo, a notícia sobre o disco voador da Barra da Tijuca: redigida por João Martins, cuja habilidade narrativa era inquestionável e fotografada por Edward Keffel e sua inseparável Rolleiflex.

Às 16h30 de 07 de maio de 1952, a dupla de jornalistas, Martins e Keffel, a serviço de *O Cruzeiro*, preparavam uma reportagem sobre os casais de apaixonados, numa das ilhotas da Barra da Tijuca – *Ilha dos Amores* – Rio de Janeiro. Segundo eles, no momento em que desenvolviam a matéria, olharam para o mar e notaram um objeto iluminado movendo-se em sua direção, como “um avião”, voando em alta velocidade. Captados pela cena, naquele dia claro, azul e sem nuvens pesadas, a reportagem sobre os *amantes* foi logo esquecida⁵³.

Conforme Martins e Keffel, o objeto de coloração cinza aproximou-se da linha do horizonte e encurvou-se. Martins, então, gritou para o seu companheiro e fotógrafo, Ed Keffel: “Fotografia. Aparelho. Aquilo só pode ser um disco voador (...) não é avião”. Keffel agarrou a sua Rolleiflex – uma potente máquina fotográfica da

⁵² O nome da sessão chamava-se *Escreve o Leitor*, a qual será analisada no final deste capítulo.

⁵³ Há uma outra versão de o porquê os jornalistas estarem na Barra da Tijuca naquele momento, em que o suposto disco voador apareceu a eles: João Martins suspeitava de que um andarilho que costumava caminhar por aquela praia fosse Adolph Hitler (Netto: 94).

época⁵⁴ - e no tempo em que o objeto balançou-se no espaço como uma folha que cai de uma árvore, o fotografava em cinco poses. Depois do disco voador disparar “como uma bala (...) na direção do oceano”, os jornalistas recolheram todo o material e de posse do “maior furo fotográfico do século”, rumaram à Rádio Tupi para comunicar a experiência ao país (Diário de Notícias, 10/05/1952).

Pouco antes do *Diário da Noite* – assim como a Rádio Tupi, também propriedade de Chateaubriand – noticiarem o “furo” de João Martins e Ed Keffel, uma dona de casa dizia que através da janela de seu apartamento apareceu “um disco vermelho, com uma auréola maior, mais clara, que se deslocava (...) horizontalmente numa velocidade (...) igual a de um avião”. Também do Rio de Janeiro, Copacabana, às 19h15, quinze minutos após o relato de *dona Maria*, um *oficial barbeiro*, ao sair de seu salão para jantar, observou acima da cidade “uma luz cinza-azulada e um pequeno rastro vermelho (...) voando em linha reta” no céu. E de Botafogo, praticamente às 19h00, *dona Julieta Passos*, ao levar a sua bisneta à varanda do apartamento para olhar “a lua que estava linda”, chocou-se, depois de ver no céu um “cilindro(...) azul fluorescente e uma espécie de bola vermelha ‘na frente’” (Martins, Keffel, 24/05/1952: 20).

De acordo com a monografia de conclusão do curso de História deste mestrando (defendida em julho de 2001) “é curioso observar todas estas declarações”, pois à “primeira vista, falam do mesmo fenômeno noticiado por Martins e Keffel”. E longe de “colocá-las em dúvida” – afinal, o imaginário é o marco teórico desta dissertação – “por que elas são narradas após a irradiação pela Tupi? É óbvio que há o interesse da imprensa em vender o seu produto. Porém, uma certeza é mais do que significativa. Logo após o *Diário da Noite* chegar nas bancas” esgotaram-se os exemplares, “o que prova o interesse das pessoas pelo fenômeno” (Giaconetti, 2001:40). A imagem do disco voador já há muito estava construída na sociedade brasileira, mas naquele momento ela se solidificava, passando pela memória, transformando-se num fato real para o imaginário da época.

A narrativa e as fotografias produzidas por Martins e Keffel ganharam o mundo, sendo publicadas por diversos periódicos internacionais: o *Wiener*

⁵⁴ A Rolleiflex era potente mas de certa forma limitada: as fotografias, para terem uma boa qualidade, exigiam do fotógrafo algum tempo de trabalho, pois seus controles deveriam ser constantemente regulados (Coelho: 85).

Wochenausgabe de Viena; o *Zafer* de Ankara, Turquia; o *Sunday Dispatch*, de Londres; a *Oggi* de Milão; a *Der Stern* de Hamburgo; a *Radar* e a *Paris-Match*, de Paris. Enfim, todos registraram em suas páginas de rosto ou seções as chapas de Keffel e Martins (Martins, 2/08/1952: 28). A imprensa corroborou definitivamente ao apelo popular pelos discos voadores, tornando-os um fato e alimentando o imaginário acerca das Luzes no Céu. Mesmo sendo aquele, o caso do disco voador da Barra da Tijuca, declarado por jornalistas e inclusive por aqueles que o estudam, os ufólogos, como “uma grande farsa armada” (Munteal, Grandi: 100).



Figura 6 - Arma secreta ou aeronave interplanetária?

Fonte: O Cruzeiro, 24 maio 1952. p. 12.

Em relação à pergunta acima, produzida pela redação da revista, o presente estudo questiona-se, fazendo as seguintes reflexões: através de uma imagem, *O Cruzeiro* traduzia literalmente uma das, senão a maior preocupação popular daquele momento. Mas por que a imprensa agia assim? Seria somente para atingir mais índices de vendas, o que também parece evidente, ou teria uma outra razão? Se a

imprensa auxilia na formação de opiniões, o que estaria por detrás dela ou de tudo aquilo? Não resta mais dúvidas que o imaginário sobre as Luzes no Céu atraía não só a atenção, mas o tempo daqueles que se preocupavam com o fenômeno. Com as atenções voltadas para os discos voadores, não seria mais simples para os governos esconderem os seus reais problemas? Essa última questão pode parecer, de acordo com a óptica atual, bastante óbvia, no entanto, se se refletir um pouco sobre aquele momento, ver-se-á que o período era politicamente bastante delicado.

A Europa, apesar de ter recebido o apoio financeiro do Plano Marshall, reconstruía-se enquanto mandava contingentes à Coreia; um paradoxo já que ela desviava parte de seu capital à Guerra. Os Estados Unidos e o governo Truman pareciam bastante exaustos de tudo, e não era para menos: desde a Primeira Guerra, ao mesmo tempo em que vinham lucrando, institucionalmente, com os conflitos internacionais, as Forças Armadas do país estavam enfraquecidas. A questão coreana era urgente para o mundo capitalista, e com os exércitos das Nações Unidas, necessitando de reposições, o Brasil seria uma saída para o problema. A questão era que o governo de Getúlio Vargas já tinha os seus próprios problemas internos, e o presidente parecia intuir que estruturalmente o país não suportaria mais uma guerra.

Foi diante de tudo aquilo que os meios de comunicação, como o cinema e a imprensa, inspirados pela crença acentuada nos discos voadores, resolveram atuar, e que de certa forma tiveram o apoio dos governos, porque tanto filmes quanto reportagens pró-soviéticas ou comunistas eram terminantemente proibidos no momento. Contudo, a atitude dos governos capitalistas de permanecerem nos bastidores do imaginário sobre os discos voadores mudou, em 1952.

O governo dos EUA havia criado o *Project Blue Book* para averiguar, talvez alimentar o imaginário e os boatos sobre os fenômenos luminosos. As fotografias de Keffel, vistas no Velho Mundo, provavelmente já faziam parte do novo programa norte-americano de investigação de OVNI's. Dos EUA, Jack W. Hughes, adido militar daquele país, rumou para o Rio de Janeiro, em direção aos escritórios da revista *O Cruzeiro*, na Rua do Livramento. De posse dos negativos da Rolleiflex, Hughes, segurando os clichês fotografados por Keffel, declarou: "Agora, graças a nitidez conseguida pelos repórteres de '*O Cruzeiro*', será possível uma investigação

mais precisa”. No mesmo dia, sexta-feira, o presidente da Panair, Paulo Sampaio, ao lado do adido estadunidense, não economizou palavras, depois de ver aqueles negativos: “Nunca vi fotografias iguais. Sou um homem muito crédulo (...) admito todas as hipóteses aventadas”. Perguntado pelos jornalistas – dos *Diários Associados* obviamente, pois o restante da imprensa passou a zombar do disco voador da Barra da Tijuca – sobre o que seriam os clichês, respondeu: “Admito que se trate de uma arma de potência mundial, que tanto poderia ser da Rússia (...) como dos Estados Unidos (...). Também admito, por incrível que possa ser aos espíritos retrógrados que se trate de algo enviado pelo planeta Marte” (Diário de Notícias, 10/05/1952: 12).

Sampaio admitia de tudo um pouco. Até mesmo uma conspiração do governo dos EUA em estar por detrás dos controles do suposto disco de Keffel e Martins. E talvez ele estivesse certo, pois sobravam razões políticas para aquilo. O governo Truman e os demais governos capitalistas, como o de Vargas, obrigatoriamente para garantirem o sucesso daquilo que chamavam de capitalismo ou *Mundo Livre*, provavelmente esconderam-se por detrás dos boatos sobre os objetos voadores não identificados, incentivando e alimentando o imaginário acerca dos mesmos. Por que não agir daquela forma já que tinham a imprensa ao seu controle? Por que não ajudar a construir um mito e com o mesmo desviar as atenções ao que realmente interessava para o futuro de um país, pois naquele momento, havia o perigo de uma recessão econômica?⁵⁵ Por que não enganar e encobrir as verdades já que a democracia lhes dava saídas para aquilo? Aliás, não seria aquele ou este um papel das eleições: anistiar ações maniqueístas produzidas por políticos corruptos?

3.3 A TRADUÇÃO DOS DISCOS VOADORES EM VERDADE

De qualquer forma, as autoridades brasileiras pareciam convergir com as americanas. Do Palácio do Catete, o general Caiado de Castro, chefe da Casa Militar da Presidência da República, confirmava aos jornalistas que o tema era de

⁵⁵ O governo britânico há pouco (outubro de 2008) liberou informações oficiais sobre os OVNI's. Por que ele agiu dessa forma, logo diante de uma crise econômica que parece estar apenas no início?

suma importância. Já Pedro Costa Leite, coronel daquela instituição, categoricamente afirmava: “Eu acredito no disco”. Depois que o general Ciro do Espírito Santo Cardoso, ministro da Guerra, relatava não duvidar mais da “indiscutível (...) existência dos discos” e que naquele momento o assunto estaria sob as atribuições do general Góis Monteiro (Diário de Notícias, 11/05/1952: 24), a existência do fenômeno, ao menos para a sociedade traduzia-se em verdade.

A imprensa brasileira corroborava definitivamente ao imaginário acerca dos OVNI's, enquanto os militares da Força Aérea Brasileira (FAB) jogavam maquetes de discos voadores de madeira para o céu da Barra da Tijuca no sentido de se provar a fraude de *O Cruzeiro*. Os periódicos pertencentes a Chateaubriand opinavam sobre a queda de um avião da Companhia Pan American Airways: o “‘Presidente’ (...) chocou-se com um disco voador” (Diário de Notícias, 17/05/1952: 12). O laudo dos especialistas havia identificado que os motores paralizaram-se, e isso era suficiente para que os jornalistas produzissem os boatos, alimentando a crença de que os discos teriam provocado o acidente. A demanda por notícias referentes ao fenômeno fez com que *O Cruzeiro* traduzisse a obra do major reformado Donald E. Keyhoe, *Os Discos Voadores Existem*. De 07 de junho até 30 de agosto, os editores da revista publicaram o livro de Keyhoe, dividindo-o em 40 capítulos, sendo alguns deles ilustrados por artistas provavelmente contratados pelo próprio semanário. E as imagens visuais confirmavam o mito.



Figura 7 - “ Os Discos Voadores Existem”

Fonte: O Cruzeiro, 5 jul. 1952. p. 31.

No início dos anos 1950, os governos preocupavam-se em censurar qualquer assunto referente ao comunismo, tudo de acordo com os valores maniqueístas do senador americano Joseph McCarthy. Mas já os temas relacionados a OVNI'S tinham total liberdade de serem veiculados pela imprensa. Em 1947, o Incidente em Roswell causou um grande constrangimento no governo Truman – muito provavelmente devido ao Projeto *Mogul* – e que provocou, conforme os especialistas no tema, um profundo embargo nas informações. Por que, em 1952, ocorria o contrário? O que levou Truman a incentivar o *esclarecimento* sobre o fenômeno, através de uma pesquisa oficial especialmente criada para aquilo, o *Project Blue Book*, ao qual será destacado logo a seguir?

E as visões de objetos luminosos voadores multiplicaram-se. Não era para menos, pois até mesmo os cientistas famosos corroboravam com que as sociedades criassem mais e mais imagens acerca do que seriam as Luzes no Céu. Um daqueles foi o professor Paul Becquerel, pois o mesmo estava convencido da vida em Marte. Segundo a sua opinião, já que Marte aproximava-se da Terra naquele momento, bem que os discos voadores podiam ser daquele planeta e que os marcianos

podiam estar pilotando-os. Conforme o seu imaginário científico, Becquerel acreditava que em Marte havia não somente uma atmosfera, com um “clima (...) não (...) mais frio do que a Sibéria ou Antártida, mas [também] cidades. (...) De minha parte posso dizer” que em 30 dias será determinado “se há homens no planeta Marte” (Diário de Notícias, 14/05/1952: 01).

Enquanto os 30 dias de Becquerel eram aguardados, do Rio de Janeiro, às 20h08 de 29 de maio, o *Diário de Notícias* noticiava que a Torre de Comando de Vôos do aeroporto Santos Dumont, enviava uma mensagem via-rádio a um avião da companhia aérea Varig: “Atenção, VBN! Queira informar se avista na altura de Niterói um globo de grande luminosidade”.

O comandante daquele vôo, Fenucio Carbone, respondeu que o “descomunal globo está bem à frente e pouco acima” de seu VBN enquanto voava sobre a Pedra da Gávea. A partir dali, Carbone minuciosamente comunicava à Torre as evoluções da estranha esfera que “irradiava ofuscante luz vermelha, da cor do por do sol”. O comandante, então, aproximou-se do objeto, cuja luminosidade descrevia “(...) espirais ascendentes e descendentes, ora subindo perpendicularmente, ora parando no espaço como se não estivesse sujeito” as leis gravitacionais, e baixou seu aparelho cerca de mil e quatrocentos metros. Fenucio afirmava aos controladores do Santos Dumont que a luz assemelhava-se em estrutura, a um Douglas DC-3 dos EUA. Por volta das 20h16 o *globo de luz*, inesperadamente, traçou uma circunferência iluminada em torno do PP-VBN, postando-se daquela vez, cerca de mil metros à esquerda de Carbone que novamente tentava aproximar-se do objeto. No entanto, o *globo* iniciou uma nova espiral “(...) largando (...) uma enorme cauda de fogo”, desaparecendo no céu. Por causa daquilo, o comandante ainda teve que corrigir a rota de seu VBN, perdida pelo co-piloto que “involuntariamente foi iniciando uma curva para o lado da deslumbrante luminosidade”. Entretanto, depois que Fenucio Carbone preparava a sua nave para o pouso, o “insistente objeto luminoso” novamente surgia, fazendo a sua última aparição (Diário de Notícias, 30/05/1952: 12).

Depois da entrevista cedida por Carbone ao *Diário de Notícias*, o capitão Oswaldo de Moura, oficial do *Centro de Adestramento Almirante Marquês de Leão*, afirmou aos jornalistas que as Luzes no Céu eram exercícios militares da Marinha de

Guerra que, ao realizar táticas anti-submarinas, lançou paraquedas luminosos para a identificação dos navios. Mas a explicação do capitão Moura pareceu não satisfazer ninguém. Os próprios pilotos das linhas comerciais duvidaram daquela declaração, alegando que a “zona onde se deu a aparição não é usada para exercícios por ser de intenso tráfego aéreo comercial”. E se o mesmo “(...) se tratasse (...) de [um] para-quedas luminoso, ele só poderia perder altura e nunca subir em espiral, descrevendo giros completos e até parar no ar” (Diário de Notícias, 30/05/1952: 05). Era claro que a imprensa cobria somente aquilo que lhe interessava cobrir, pois nada na documentação mencionou qualquer verificação dos ventos naquela noite. De qualquer forma a imagem mental do disco voador estava presente no imaginário social da época: as Luzes no Céu só poderiam ser astronaves alienígenas – ou soviéticas ou de outros planetas. E a imprensa e os governos auxiliavam naquelas construções.

3.4 O *PROJECT BLUE BOOK* E AS TORRES DE RADAR

A partir de junho de 1952, acentuaram-se os relatos sobre os objetos voadores não identificados. Nos EUA, a Universidade de Harvard interessava-se pelo fenômeno e através de Donald Menzel, astrofísico daquela instituição, passou a investigá-lo. Mas Menzel, nem de longe era um aliado dos crentes em *pires voadores*. Sempre cético, o cientista refutava os relatos que chegavam à sua mesa, chegando a julgar como *charlatões* todos aqueles que os produziam. Em troca, ele “apresentava explicações científicas para os avistamentos, ou descartava-os como fraudes”; demonstrando cientificamente, “(...) como luzes no solo podem criar imagens semelhantes a OVNI’s, sob determinadas condições atmosféricas” (Coleção Mistérios do Desconhecido: 50-51). Em relação ao caso Thomas Mantell (ver págs. 73-75), Menzel afirmou que aquele piloto “(...) teria sido queimado por um *parhelio* (imagem do sol refletida num cirrus [nuvem branca e muito alta] formado de cristais de gelo)” (Keyhoe, 195?: 16). Contudo, além do dr. Menzel, uma outra autoridade manifestou-se preocupada com as Luzes no Céu, o próprio governo estadunidense.

O Pentágono, através do *Air Technical Intelligence Center* (ATIC) – Centro de Informação Tecnológica da Aeronáutica – pedia explicações. Segundo Edward Ruppelt, o ATIC que tinha o encargo de se manter informado “(...) sobre todas as atividades estrangeiras em aeronaves e teleguiados (...) recebeu instruções para organizar uma nova comissão a fim de investigar e analisar os relatórios sobre UFO’s” –, OVNI’s, em português (ver citação nº 49). Denominada de *Project Blue Book*, a nova comissão sucedia os projetos anteriores criados pelo ATIC, os projetos *Sign* (1947-1949) e *Grudge* (1949-52), aos quais foram criados especialmente para averiguar e explicar o que seriam os OVNI’s (Ruppelt: 21).

Ruppelt havia participado do projeto *Grudge*, mas foi no Projeto *Blue Book*, ao qual chefiava, que encontrou maior liberdade de ação, além de verbas: a nova comissão ganhava “(...) autorização para entrar em contato direto com qualquer unidade da Força Aérea dos Estados Unidos, sem prévias ordens superiores”. Isso não havia acontecido antes com o *Sign* e o *Grudge* (Ruppelt: 188). O mesmo também estabelecia um novo modo de cooperação com a imprensa, emitindo regularmente boletins oficiais sobre avistamentos feitos por civis e militares aos quais investigava. Foi a partir daquele momento que o sigilo nas pesquisas sobre UFO’s passava a não existir mais.

A revista *Life*, então, autorizou a alguns de seus redatores a produção de um artigo definitivo sobre o fenômeno. Com o auxílio de Ruppelt e o pessoal do *Blue Book*, após alguns meses de investigação, em junho, o periódico chegava a seguinte conclusão: “Esses objetos não podem ser explicados por nossa ciência como fenômenos naturais”, mas “apenas como aparatos artificiais criados e operados por uma inteligência superior” (Coleção Mistérios do Desconhecido: 52). Pronto! A imprensa dava, finalmente, o suporte às pessoas para declararem como um OVNI, qualquer *coisa* que viam no céu. Conforme o chefe do *Blue Book*, aquele tornava-se início de uma “Grande Onda” de observações jamais registradas. “Em 1948, chegaram ao ATIC, 168 relatórios (...). Em junho de 1952, recebemos 149” (Ruppelt: 200).

O governo dos EUA, provavelmente aproveitando aquela “Onda” – seria necessário desviar a atenção da sociedade, pois o armistício coreano parecia jamais

chegar ao seu final –, autorizou o general Hoyt. S. Vandenberg, chefe do Estado Maior da Força Aérea, a fazer uma revelação à imprensa:

à vista do desassossego que o aparecimento de discos voadores vêm provocando em todo mundo, a Força Aérea dos Estados Unidos decidiu iniciar investigações secretas acerca de tais discos.(...) a Força Aérea investigará o assunto utilizando câmaras fotográficas, bem como aparelhos de radar, para determinar, de uma vez por todas, a natureza dos discos voadores (O Estado de São Paulo,17/06/1952: 01).

A declaração de Vandenberg, para a época, foi bastante radical, quase beirando o extremismo. Mas em momento de crise, produzida pela Guerra Fria, como agir diferente? Atualmente, em 20 de outubro de 2008, o governo inglês praticamente fez o mesmo: à beira de um colapso econômico – o Reino Unido declarou-se próximo de uma recessão – o qual provavelmente seria um fracasso político àquele primeiro-ministro e seu Partido Trabalhista, o governo, através de seu *site* oficial liberou informações de que investigava aparições de UFO's entre os anos de 1986 e 1992. Por que o governo britânico agiria dessa maneira agora? Seria por que o tema disco voador é mais relevante do que uma crise semelhante a de 1929, acarretando centenas de milhares de desempregados? Ou seria por que o governo, mesmo passando por uma crise econômica, que a princípio parece estar apenas em seu início, resolveu esclarecer a população inglesa e mundial de que estava preocupado com um fenômeno da Guerra Fria, iniciado em 1947 e que até então parecia adormecido? E por que reascender logo agora uma discussão tão antiga, senão despistar as atenções sobre uma catástrofe financeira e social? Certa vez, Voltaire chegou a dizer que a história não se repete, mas o ser humano, sim. A última atitude dos políticos britânicos provou o que o pensador francês afirmou, se relacioná-la ao que Vandenberg revelou, em 1952.

De qualquer forma, depois de junho, assim como nos primeiros momentos de julho daquele ano, o imaginário sobre as Luzes no Céu assinalou-se como jamais havia sido registrado na história. Contudo, ainda que a França notificasse bolas de fogo cruzarem o espaço aéreo de Lille, Lyon e Paris, nos Estados Unidos, os fenômenos luminosos apareciam mais do que em qualquer parte do mundo. E a Guerra da Coreia dividia as atenções com os discos voadores.

O cotidiano dos funcionários do Projeto *Blue Book* se sobrecarregou de relatos que atingiam a Costa do Pacífico ao Atlântico dos EUA, enquanto algo novo surgia das telas de radar do Aeroporto Nacional de Washington (ANW), avisando estranhos corpos luminosos em seu campo de visão. Detalhe: a poucos quilômetros da Casa Branca.

Eram as torres de radar que previniam tudo. Delas, os operadores dirigiam a decolagem, a aproximação e a aterrissagem de aviões. Com nevoeiros, tempestades, os aparelhos dirigiam-se pelo rádio e dois feixes de ondas, que circulavam a tela de radar, forneciam aos aeronautas os detalhes necessários para uma viagem segura. Conforme Donald Keyhoe, por volta das 23h40 de 19 de julho, Harry G. Barnes, controlador de tráfego aéreo, examinava a placa de vidro circular e fosforescente da tela principal da torre, pela qual seguia, através de uma linha vermelha que girava em sentido horário, a rota solitária de um avião. Às 00h30, Barnes que estava ao lado de outros operadores, como Jim Ritchey e James Copeland, deixava o posto, cedendo lugar a seu substituto, Edward Nugent. Era uma noite sem maiores desafios: clara e com pouca circulação de aviões, ou seja, um “céu (...) quase vazio”. Ao menos até as 00h40 quando “(...) exatamente, sete traços de nitidez perfeita” apareceram na tela à frente de Nugent. “Os ‘aviões parecem ter surgido do nada. (...) Nugent”, então, gritou a Copeland: “(...) Rápido! Diga a Barnes que venha!”

Copeland imediatamente correu à procura de Barnes, enquanto Nugent olhava para as outras telas de radar, e elas acusavam o mesmo fenômeno: mostravam um par de sinais sobrevoando a Casa Branca; e um terceiro sinal, próximo ao Capitólio. A angustiante sensação de uma invasão soviética – o momento era de temor em relação às armas secretas russas – ou fosse lá o que fosse, tomou conta dos operadores. Barnes fez comunicação com o aeroporto vizinho, o Andrews Field, situado a alguns quilômetros, nas margens opostas do rio Potomac. Um operador daquele aeródromo lhe respondeu: “(...) Nós os seguimos, estão no mesmo lugar que os vossos” (Keyhoe, 195?: 39-40). Na mesma hora em que um piloto de um aparelho de passageiros sobrevoava Washington e enxergava “(...) luzes que se moviam no espaço, vertical e horizontalmente (O Estado de São Paulo, 22/07/1952: 02), Ritley da torre, via a decolagem de um avião. Sem perder

tempo, contactou aquele comandante, dando-lhe a posição do objeto, orientando-lhe à direção do mesmo. No entanto, “bruscamente, diante da estupefação dos controladores”, os sinais sumiram das telas da torre do ANW (Keyhoe, 195?: 41).

Mas os sinais voltaram aos vídeos. E às 3h00, Barnes, então, resolveu notificar à Força Aérea. “Meia hora depois ouvia-se sobre o aeroporto o ronco de dois caças (...) F-94 equipados com radares” que passaram a vasculhar o céu, mas nada encontraram além de estrelas. Contudo, assim que os F-94 retornaram à Base Aérea de Washington, as Luzes reapareceram nos vídeos da torre do ANW, permanecendo lá até o raiar de sol do dia 20. Conforme Donald Keyhoe e Edward Ruppelt, as autoridades tentaram esconder do público o fenômeno da noite passada. Mas era tarde demais, porque quanto mais o escondiam mais excitação o mesmo encontrava, e o governo parecia saber disso. Ou seja, “(...) a notícia se espalhou e pela manhã estava em todos os jornais” (Coleção Mistérios do Desconhecido: 53).

A crença nos discos voadores após o incidente do ANW cresceu vertiginosamente. Telegramas, chamadas telefônicas e milhares de cartas chegavam ao Pentágono. Os congressistas, pressionados pelos eleitores, não faziam diferente, exigindo medidas do governo. Se era a idéia da Casa Branca desviar as atenções, quando a mesma, através da declaração de Hoyt Vandenberg, manifestou-se interessada nos OVNI's, o objetivo foi alcançado. E o que era esperado da imprensa, a mesma fez: em suas manchetes cobrava uma posição de Washington, enquanto os comentadores de rádio insistiam em que se promovesse uma conferência oficial acerca dos objetos luminosos voadores não identificados.

Em relação às atitudes da imprensa, Carl G. Jung desabafou alguns anos depois. Após escrever um artigo sobre os UFO's para um periódico da Suíça, *Die Weltwoche*, o cientista afirmou: “(...) me expressei de forma cética, apesar de mencionar, com o devido respeito, a opinião de um número bastante grande de especialistas da Aeronáutica, que acreditam na realidade dos OVNI's (...)”. Após a divulgação internacional do artigo, Jung era citado do Ocidente ao Oriente como alguém que acreditava em discos voadores. E por causa daquilo, defendeu-se: “Entreguei à United Press uma retificação, com a versão autêntica da minha opinião, mas, desta vez, a notícia ficou engavetada”. Decepcionado com aquela situação, advertiu: “Já que o comportamento da imprensa é uma espécie de Gallup (...) temos de concluir que

notícias que afirmam a existência de OVNI's são bem vindas (...), enquanto o ceticismo" deve ser desencorajado. "Isto deixa a impressão" – Jung seguia em sua reflexão – "de que no mundo há uma tendência em se acreditar nos OVNI's, como também o desejo de que eles sejam reais, as duas coisas apoiadas por uma imprensa que, de resto, não demonstra nenhuma simpatia pelo fenômeno" (Jung: 116-17). Na capital Washington, os acontecimentos seguintes, de certa forma, provaram aquelas conclusões.

Nas notícias dos jornais, ao lado das manchetes referentes às batalhas na Coreia, o fenômeno das Luzes no Céu era o assunto do dia-a-dia: naquele mês de julho de 1952 as sociedades pareciam não tirar os olhos do céu. No dia 23, o governo Truman, talvez pressionado pela opinião pública, anunciou através do Departamento de Defesa que realizava "atualmente um inquérito 'de amplitude sem precedentes' para esclarecer se 'objetos aéreos misteriosos' tem realmente voado sobre Washington" (O Estado de São Paulo, 24/07/1952: 28). No entanto, decorridas 72 horas daquela notificação, pontos luminosos passaram novamente a ser detectados pelos radares do ANW. Harry Barnes, mais uma vez, mandou caças às Luzes e novamente elas sumiram nos radares, reaparecendo pouco depois que os F-94 recolheram-se. Barnes, então, pediu aos caças que voltassem, foi quando "um dos jatos, informou estar vendo uma coisa com quatro luzes" (Coleção Mistérios do Desconhecido:55). Aquilo era o bastante para os repórteres fazerem o alarde. A notícia do novo incidente espalhou-se em todos os jornais dos EUA (Keyhoe, 195?: 44), assim como no Brasil.

Segundo os periódicos, da Casa Branca, Harry Truman enviou "um assessor para descobrir a causa de tanta agitação". Algo deveria ser feito e alguém teria que acalmar as pessoas. Caso contrário, assim acreditava a *Central Intelligence Agency* (CIA) – até que ponto havia comunicação entre a Agência e o governo? – os russos embarcariam naquela *Onda* de UFO's e certamente atacariam os Estados Unidos numa invasão de Luzes no Céu, produzidas por sólidos e devastadores caças MIG-15 (Coleção Mistérios do Desconhecido: 55). Enquanto Ruppelt e o pessoal do *Blue Book* contabilizavam os 149 relatórios de OVNI's de julho (Ruppelt: 242)⁵⁶, era

⁵⁶ Antes de junho de 1952, durante "os quatro anos em que a Força Aérea investigava o problema, havia sido colecionados 615 relatórios. Durante a 'Grande Onda' – que se iniciou naquele mês, atingindo o ápice em julho – "nosso registro acusava a chegada de 717", sendo que em alguns dias 50 casos eram registrados, apontava o chefe do *Blue Book* em seu *relatório* sobre os OVNI's (Ruppelt: 200). Aquilo, definitivamente, provava o impacto social e o interesse da sociedade frente ao fenômeno.

finalmente, escolhido um homem, um dia e um horário para uma declaração decisiva do governo em relação aos fenômenos.

Conforme Donald Keyhoe, em 29 de julho de 1952, numa das salas do Pentágono armava-se a Conferência que estava por começar. Às 16 horas, o general John A. Samford, “um homem fortemente talhado” cuja “expressão astuta e perfeitamente calma se impunham” diante dos jornalistas que enchiam a sala, iniciava a histórica sessão. Ao lado do general Roger Ramey (do caso Roswell) e de Edward Ruppelt, o general Samford, chefe do *Serviço de Informações da Força Aérea*, dizia que desde 1947 a aeronáutica investigava os fenômenos através do *Project Sign*. A mesma, segundo ele, “(...) deve identificar e analisar certos fenômenos que se processam em nossos ares e que podem trazer uma ameaça para o nosso país”. Entretanto, seguia o general, “hoje [há] uma organização encarregada de estudar entre 1000 e 2000 relatórios, tendo como objetivo o assunto que nos interessa”. Samford referia-se ao *Blue Book* e mesmo tendo conhecimento dos últimos relatórios daquele projeto, declarou: “e até o ponto em que chegamos em nossos estudos, podemos afirmar que nenhum fato nos levou a pensar que esses fenômenos possam constituir perigo”. Depois de concluir seus comentários sobre as Luzes no Céu dos *tempos bíblicos*, chamou para si as perguntas dos repórteres, e um daqueles solicitou a vez:

– *General, (...) entrou o Sr. em contato com o oficial de seu serviço de informações que se encontrava no aeroporto nacional no momento em que testemunhas viram ‘estes bandidos’ sobre a tela?*

– *Sim, senhor, naturalmente,* respondia Samford.

O repórter pediu mais explicações, mais detalhes sobre o ocorrido no ANW, e Samford citou o que os especialistas – provavelmente os agentes do *Blue Book* – haviam lhe informado. Ou seja, de que houve apenas “boa recepção” naqueles radares. A explicação do general pareceu confundir os jornalistas. E um outro perguntou, então, qual seria “a natureza do fenômeno?”. Samford, evasivamente, respondeu com a mesma citação de antes:

– *Não posso senão repetir que houve boa recepção.*

– *Mas o senhor pensa que se tratava de refração causada pelas inversões de temperatura ou de fenômenos impalpáveis?* – Insistiu o repórter.

– *O termo impalpável me incomoda um pouco* – respondia educada e indiferentemente, Samford, enquanto a sessão vinha abaixo. O general percebeu, então, que devia concluí-la: “(...) Estamos, certamente, na pista para penetrar mais a fundo neste fenômeno(...), mas nada nos leva a concluir que se trate de engenho ou foguetes hostis ao nosso país” (Keyhoe, 195?: 48-51).

O governo fez a sua parte; e a imprensa, a dela, correspondendo à declaração de John Samford. Na manhã seguinte da conferência, entre os principais jornais do EUA, o *Time* e o *Washington Post* indicavam, respectivamente, suas manchetes: “A US Air Force qualifica os discos voadores de fenômenos naturais” e “ Os discos voadores sobre a capital são devidos ao calor” (Keyhoe, 195?: 52-53). Naquele momento, faltava somente o imaginário social responder a tudo aquilo.

Apesar das reportagens sobre objetos voadores não identificados decaírem acentuadamente – um reflexo das últimas declarações –, a sociedade estadunidense passou a enviar milhares de cartas ao *Departamento da Aeronáutica Civil* dos EUA, atribuindo aos OVNI's as mais variadas explicações. Como por exemplo, uma senhora de cidade de Morgantown, Virginia, afirmando que o disco voador era um prodígio espiritual e que o mesmo anunciava a chegada do Messias. Bastava, conforme ela, fazer uma leitura do capítulo 21, versículo 11 do evangelho de São Lucas e tudo estaria esclarecido: “E grandes terremotos se sentirão em diversos lugares, como fome e pestes (...). E eu mostrarei maravilhas no céu e sinais na Terra: sangue e fogo, vapor e fumaça” (Pearson, 20/09/1952: 96). Assim como os estadunidenses, os brasileiros também escreviam cartas manifestando seu interesse no fenômeno. E um periódico nacional demonstrava satisfação em recebê-las, assim como em publicá-las.

3.5 OS DISCOS VOADORES EM ESCREVE O LEITOR

A revista *O Cruzeiro* não inovou somente na arte de reportar os assuntos, com a dupla de jornalistas, comentada anteriormente no trabalho. A mesma tinha também como preocupação e objetivo tornar-se um periódico de expressiva circulação entre os brasileiros. Para isso, criou uma seção, *Escreve o leitor*, a qual recebia as cartas do público, publicando-as semanalmente.

Conforme pesquisa feita, no início dos anos 1950, o público-correspondente de *O Cruzeiro* escrevia, indagando-se sobre os mais variados assuntos nacionais e internacionais: sobre vida após a morte, matrimônio, questões existenciais, futuro profissional, pós-guerra, enfim, com todo tipo de questões às quais sua realidade sócio-política e cultural permitia. A seção *Escreve o Leitor* tinha a função de interagir o correspondente com a sociedade a qual o mesmo fazia parte. Escrever para aquela seção significava estar em contato com o mundo, fazendo-se presente e parte dele⁵⁷.

O público-correspondente sugeria e criticava as reportagens produzidas pela imprensa brasileira e principalmente pela *O Cruzeiro*, e o tema sobre os discos voadores fazia-se constante nas cartas que destacavam o interesse dos leitores acerca do fenômeno.

Publicada em 1º de novembro de 1952, em *Escreve o Leitor*, a carta de Mariano Lamounier, de Candeias, Minas Gerais, dizia que:

... O disco voador foi visto, há dias, pelos Srs. Geraldo Afonso Lamounier, José Alves de Faria e José Bicas, residentes na cidade do Campo Belo, quando em viagem, num caminhão, para Belo Horizonte... Espero que esta

⁵⁷ De acordo com a professora Ângela de Castro Gomes, este gênero de registro, a correspondência pessoal, é denominado de *escrita de si*. Mas não somente as correspondências pessoais, como cartas, que o caracterizam: “diários íntimos e memórias, entre outros (...)” são também objetos de seu estudo. No entanto, a *escrita de si* é estudada por algum tempo por pesquisadores da área da literatura e da educação (Gomes, 2004:08), e com raras exceções por historiadores. Como por exemplo, a historiadora Barbara W. Tuchman, cujos trabalhos partiram de objetos de pesquisa, como cartas, telegramas de espionagem, diários e memórias de soldados de guerra, transformando-se em premiados e consagrados livros de História, como *Telegrama Zimmermann* e *Canhões de Agosto*. Atualmente, a historiografia ocupa-se em analisar este gênero, ao qual a professora Margareth Bakos vem dedicando a ele, semestralmente, uma disciplina no PPGH desta instituição.

*notícia sirva para reforçar o arquivo de V.S.ss., pois é verdadeira (O Cruzeiro, 1º/11/1952: 6)*⁵⁸.

Ainda no mesmo número, o leitor Mário Camargo, de Novo Hamburgo, Rio Grande do Sul, destacava as conclusões de uma revista concorrente dos *Diários Associados* em relação à reportagem do suposto disco voador da Barra da Tijuca:

A revista ilustrada... que se edita em... publicou uma reportagem intitulada... em que estampa dois clichês: um representando a primeira página da edição extra do 'Diário da Noite' [7 de maio]... e outro, a página da revista francesa 'Radar', também apresentada no O Cruzeiro de 2 de agosto (...). Nessa reportagem, (...) a revista procura demonstrar que os discos voadores não passam de focos de luz refletidos (...) (O Cruzeiro, 1º/11/1952: 4).

Nem todos os leitores estavam assim tão dispostos a colaborar com as reportagens e a revista, tampouco confirmar a crença sobre os misteriosos objetos. Editada em 28 de junho de 1952 – curiosamente no início da *Grande Onda* sugerida por Edward Ruppelt e o *Blue Book* –, a correspondência de Walter Dias dos Anjos, de Araranguá, Santa Catarina, indagava o ineditismo e as fotos da reportagem da qual Martins e Keffel foram os produtores. Ele manifestava as suas questões da seguinte forma:

(...) É de se crer na fidelidade do relato? Serão as fotos em apreço resultado de trabalhos honestos?... Por favor não me leve à conta de iconoclasta, de combatente gracioso e gratuito... é que recordo ainda a sensação causada por uma reportagem dessa revista... que pouco tempo depois outra revista apresentava à nação um desmascaramento completo da história...

A coluna *Escreve o Leitor* era também uma espécie de diálogo entre leitor e imprensa e vice-versa. Em relação às críticas do senhor Walter, a edição de *O Cruzeiro*, beligerantemente, respondia: “Se não é por iconoclasta, por amizade gratuita e graciosa, nem por ingenuidade que nos faz semelhante pergunta, não

⁵⁸ As reticências sem parêntesis, tal como aparecem nessa e nas próximas citações, encontram-se no texto original da revista *O Cruzeiro*.

vemos como responder-lhe senão aconselhando que vá pedir aos nossos detratores a fiança do que afirmamos” (O Cruzeiro, 28/06/1952: 04).

Já Alfredo de Castro Silveira, residente em Feijó, Acre, comentava sobre uma proposta de um outro leitor, sugerindo ao governo Vargas que premiasse os fotógrafos do “maior mistério dos nossos tempos” – João Martins preferia chamar assim a reportagem do disco voador da Barra da Tijuca. Em relação à proposta, o correspondente de Feijó afirmava:

(...) Li a sugestão de um leitor de O Cruzeiro, lembrando um prêmio do governo para os intrépidos, ou antes, sagacíssimos fotógrafos que conseguiram em um minuto aquilo que até hoje o mundo inteiro não havia conseguido. Seria justíssimo, como estímulo... (O Cruzeiro, 4/10/1952: 4).

Um outro aspecto interessante a ser observado na *escrita de si* de *Escreve o Leitor* é que, em relação a citação anterior, os correspondentes preocupavam-se em comentar as cartas editadas naquela seção; e os mesmos criavam uma comunicação silenciosa e harmoniosa entre os leitores do periódico, embora aquilo nem sempre ocorresse. Um leitor de Ilhéus, Bahia, escreveu uma carta-resposta à revista sobre uma menção redigida por um paulistano, também correspondente, cuja carta editada semanas antes referia-se a um cidadão ilhense, Tiradentes, e suas fotografias falsificadas de um disco voador. O senhor J.S. Vasconcelos de Sá indignava-se, dizendo que

... (...) Como filho de Ilhéus, veio esclarecer que tal elemento não é daqui, e não me convém dizer de onde é, pois não tenho nenhum interesse em insultar qualquer cidade brasileira. Com referência a Tiradentes, com T maiúsculo, lembro aquele patricio do sul que o paralelo não é justificável... o Tiradentes daqui (azar nosso) é farsante e mentiroso, e nos deixou envergonhados. Saibam quantos esta lerem ou dela tiverem conhecimento que toda a população de Ilhéus colocou muito abaixo do ridículo o protético hipotético farsante fotógrafo (...) (O Cruzeiro, 1º/11/1952: 4).

Havia um vasto número de correspondências ao *Escreve o Leitor*, cuja pesquisa selecionou algumas para confirmar o interesse do público acerca do

fenômeno⁵⁹. Se os discos voadores foram ou não armas russas ou extraterrestres, isso não importa. O relevante para este trabalho foi compreender que o ser humano ao construir a imagem do disco voador, transformou-a num fenômeno da Guerra Fria, coexistindo e adaptando-se àquela realidade.

3.6 O FINAL DE UMA FASE

1952 foi o ano dos discos voadores. O ano em que as sociedades, os meios de comunicação e os governos pareciam ter a mesma preocupação, embora tivessem suas próprias razões. As sociedades ocidentais, obviamente expostas ao processo de construção da Guerra Fria tinham todas as razões para se interessar pelos discos voadores, pois as mesmas poderiam estar chegando da Rússia, cujo *sistema soviético* parecia inabalável – aliás, naquele ano uma espécie de culto capitalista ao anticomunismo chegava a seu ápice, tornando-se uma infeliz e perigosa realidade ocidentais⁶⁰ – ; os meios de comunicação, devido ao interesse do público pelo fenômeno, em vender os seus produtos, desde que os mesmos não viessem a fazer uma contra-propaganda das *democracias livres*; e os governos em usufruírem o máximo do imaginário acerca do fenômeno das Luzes no Céu. A constatação de como o fizeram provou-se com a criação de projetos à averiguação e análise do que poderiam ser os fenômenos. Tais conclusões foram amplamente divulgadas, através da imprensa, para o mundo – em relação ao Kremlin, aquilo provavelmente não era preciso, pois Stalin parecia saber de tudo o que se passava nas Américas –, e o governo Truman assim promoveu a sua política para os estadunidenses e os ocidentais. Ou seja, conforme o imaginário político, vendia-se a imagem de um governo para e pelo o povo: aberto, democrático e preocupado com as questões populares, um modelo de país.

⁵⁹ Muitas perguntas poderiam ser feitas acerca daqueles leitores que resolviam doar parte de seu tempo escrevendo para *O Cruzeiro*. Talvez por que quisessem experimentar uma determinada sensação ou simplesmente por que o “ato de escrever (...) para os outros atenua as angústias da solidão (...)” (Gomes: 20). Quem sabe! De qualquer forma aquela sociedade respondia ao fenômeno, assimilando-o, imaginando-o a sua maneira.

⁶⁰ Por causa da perseguição implacável de Joseph McCarthy e o preconceito quase generalizado dos estadunidenses aos comunistas nos EUA, Julius e Ethel Rosenberg foram condenados por espionagem, em 1951, e finalmente executados na cadeira elétrica, em 1953.

Mas aquele modelo de Estado ainda estava em guerra contra a Coréia do Norte, num lugar a milhares de quilômetros de seu território nacional. Em 1953, à medida que os relatórios do *Blue Book* decaíam acentuadamente, a Guerra da Coréia, depois da morte de Stalin (nos primeiros dias de março), chegava definitivamente ao seu final em 27 de julho. Aliás, com 3.5 milhões de mortos já era razão suficiente para capitalistas e comunistas finalizarem a beligerância armada, mesmo valendo as mesmas regras existentes antes do confronto. Ou seja, da mesma forma que a ratificação do Paralelo 38 trazia a esperança aos coreanos do Sul e do Norte, a mesma os conduzia novamente à Guerra Fria.

Quanto ao fenômeno das Luzes no Céu e a imagem construída dos discos voadores, ambos, fenômenos e imagem, foram defendidos e criticados com desprezo e admiração até o final da Guerra Fria, em 1991, quando a política dos Estados Unidos saiu vencedora. No entanto, os fenômenos continuaram a ser relatados – há pouco a Inglaterra pareceu encontrar sentido em destacá-los – e o imaginário também: a presente dissertação é prova disso.

CONCLUSÃO

Ao longo deste trabalho viu-se as várias denominações dadas ao fenômeno das Luzes no Céu, do período anterior à Guerra Fria, como, por exemplo, os *foofighters* da Segunda Guerra ao final da Guerra da Coréia, com os já popularizados *discos voadores*. Entre 1945 a 1953, as sociedades junto ao próprio imaginário, atento às informações de um novo confronto, construíram outras imagens sobre o que para elas, seria o fenômeno: *bombas assombradas, foguetes fantasmas, pires voadores, meio prato de alumínio bem polido, charuto, prato, sorvete de casquinha com calda vermelha, coisa do outro mundo, garrafa iluminada, relâmpagos de luzes azuladas, globo de luz*, enfim, objetos voadores não-identificados, como o *Project Blue Book* preferia referir-se ao fenômeno.

Um fenômeno que para muitos veio do espaço sideral, ou da União Soviética, aquele um mundo completamente diferente das Américas, cujos habitantes o temiam; literalmente um fenômeno da Guerra Fria, a qual a imagem do disco voador misturou-se a um cotidiano ocidental temente ao inimigo comunista, politicamente construído. Por isso perguntaram: seriam os fenômenos luminosos, armas russas ou interplanetárias?

Entretanto, a construção do disco voador – como já foi destacado –, uma imagem de 1947 e, portanto da Guerra Fria, foi produto do medo, um sentimento acentuado no final da Segunda Guerra e desesperadamente alimentado no pós-guerra, com os combates diplomáticos entre a URSS e os EUA. A última guerra mundial demarcou o início do período Nuclear; a Guerra Fria, o período da agonia, com o desenvolvimento Nuclear, cujo imaginário social tirou suas próprias conclusões.

O primeiro capítulo demonstrou o início do processo da agonia, em que, desde Yalta e Potsdam, os Estados Unidos, Inglaterra e União Soviética disputavam, por meio da coerção, o futuro dos vencidos, com a Itália, o Japão e a Alemanha. No entanto, os estadunidenses eram os que pareciam ditar as regras, aliás, eles detinham o monopólio atômico; embora os soviéticos, a mais numerosa e organizada força armada, o Exército Vermelho.

As ações dos Três Grandes (Inglaterra, EUA, e URSS) congelaram as esperanças de uma paz constante. Depois dos discursos de Churchill, em Fulton (fevereiro de 1946), denunciando, segundo ele, as reais intensões geopolíticas do Kremlin; de Truman (em março de 1947), atribuindo aos Estados Unidos um papel de liderança à união das *democracias livres*; e de Stalin, com a criação do *Kominform*, cuja missão era reunir os partidos comunistas da Europa oriental, da Itália e França à coordenadoria do Partido Comunista da União Soviética, instaurou-se no planeta um novo confronto sem guerra e sem paz, ao qual as sociedades foram obrigadas a aceitar, e a conviver, a Guerra Fria. Uma convivência que custou caro aos ocidentais, pois aqueles, através das notícias que chegavam da Rússia, as quais Stalin glorificava o sistema soviético, passaram a temer o comunismo. E o mesmo passou a ser alvo, principalmente nos EUA e Brasil; a Conferência de Quitandinha, Rio de Janeiro (agosto a setembro de 1947) – observada no segundo capítulo – foi um reflexo daquilo.

Contudo, aquelas tensões foram acentuadas com o cerco soviético em Berlim, e o governo Truman utilizou como pôde as imagens visuais, mentais e verbais daquele contexto à sua própria imagem, como uma potência justa e preocupada com a liberdade. Mas à medida que a união das nações capitalistas se solidificou, o imaginário daquelas sociedades foi extremamente exigido, porque os russos pareceram mais do que nunca empenhados em assegurar o sucesso de seu sistema de governo. Ou seja, a notícia textualmente lida pelo próprio presidente Truman de que a União Soviética havia detonado com sucesso, em agosto de 1949, a sua primeira explosão atômica, deixou os *povos livres* literalmente confusos quanto à hegemonia capitalista; e em pânico, quanto a Nuclear. O primeiro módulo deste trabalho demonstrou, através da *construção da Guerra Fria*, a crescente e constante presença do medo, um medo que em 1947 foi alimentado pelo fenômeno antigo das Luzes no Céu, como também por uma imagem recente, a do disco voador: um fenômeno da Guerra Fria em que as sociedades, especialmente a estadunidense e a brasileira, às vezes apostavam ser uma nova tecnologia soviética; ou às vezes, interplanetária.

O 2º capítulo tinha por objetivo principal perceber e compreender o interesse e o impacto sociais frente ao fenômeno das Luzes no Céu, no período de 1946 a

1951 do pós-guerra. A forma como o trabalho demonstrou o seu objetivo foi, contextualizando com os acontecimentos políticos daquele período, buscar a origem, a construção da imagem do disco voador a partir das visões de Kenneth Arnold e sua descrição das formas iluminadas que lhe apareceram numa de suas viagens comerciais aéreas.

O módulo também demonstrou que as Luzes no Céu do disco voador – cuja forma denominada era uma reflexo da evolução tecnológica da metade do século XX – pertencia na verdade ao fenômeno das Luzes no Céu. Um fenômeno, cujas formas sempre dependeram das visões de mundo daqueles que as relataram.

Através do imaginário do disco voador, o mesmo passou a ganhar forma, quando um objeto não identificado espatifou-se no deserto do Novo México, em Roswell, transformando-se num Incidente amplamente comentado durante todo o período da Guerra Fria e após ela. Aquele trouxe para este estudo, importantes personagens que de certa forma, fizeram parte da Guerra Fria, como Jesse Marcel – foi de autoria dele o texto que Truman leu ao povo acerca da primeira explosão atômica soviética – e Charles Moore, um cientista do início da Guerra Fria ao qual, a serviço da Universidade de Nova York e do governo Truman, desenvolvia através do Projeto *Mogul* balões ultra-secretos de sondagem Nuclear, cujas quedas de alguns experimentos, especialmente o *Vôo 4*, caíram sobre a região de Roswell. Contudo, a queda de um objeto voador em Roswell, fosse lá o que fosse, estimulou o imaginário ocidental da Guerra Fria sobre o mesmo, tornando-o um mito.

Depois de Kenneth Arnold e em relação a Roswell a pesquisa demonstrou o interesse social pelo fenômeno, a qual conceituando o imaginário, observou que aquela cidade desfrutou e ainda hoje desfruta, economicamente, da imagem do suposto disco voador que havia caído e se espatifado naquela região. Com base no conceito de Ecléa Bosi sobre a memória, demonstrou-se também como a mesma agiu sobre o Incidente de Roswell, ao qual foi adicionado, com o passar do tempo, quatro corpos extraterrestres mutilados juntos aos destroços recolhidos por Jesse Marcel. Detalhe: aquele oficial, em 1979 quando foi entrevistado, negou aquilo.

As Luzes no Céu, no período focado neste módulo, também tiveram algumas traduções brasileiras, cujo impacto e interesse sociais foram demonstrados com duas entrevistas realizadas em Santa Catarina. Numa, o pescador aposentado,

Marcos B. Rodrigues, cépticamente comentou que, no pós-guerra, os moradores de Garopaba acreditavam que o fenômeno era produto dos alemães que queriam vingar-se dos brasileiros, com a perda da guerra, e *qualquer* luz no céu passou a significar uma invasão nazista. Já o entrevistado e ainda pescador, Anastácio Silveira, disse que o termo disco voador, não era conhecido em sua comunidade na época, embora o fenômeno das Luzes no Céu, sim. Todos, conforme ele, as temiam, pois junto a algumas aparições percebeu-se o sumiço de pescadores, o que conseqüentemente ninguém mais procurou andar sozinho à noite.

Entretanto, conforme demonstrado no capítulo, o impacto social acerca do fenômeno foi mais acentuadamente percebido a partir de uma transmissão da rádio de Quito, em 1949, a qual emitiu sob o mesmo estilo de Orson Welles (em outubro de 1938), ou seja, sob forma de notícia, a obra de H.G. Wells, *A Guerra dos Mundos*, cujo texto de ficção baseava-se numa invasão de Marte. A imagem do disco voador já fazia parte daquele contexto, como um fenômeno da Guerra Fria, e os moradores de Quito resolveram responder aos boatos e ao imaginário acerca do fenômeno, entrando em pânico ao ouvir pela rádio que discos voadores marcianos invadiram a cidade. Contudo, depois da confusão, descobriu-se que a notícia era uma peça teatral, e diferentemente do que aconteceu em Nova Jersey, quando ocorreu a transmissão de Welles, Quito revoltou-se. Seus cidadãos correram à rádio e incendiaram o edifício onde ficava a estação. O resultado do tumulto e daquele imaginário, em que o exército equatoriano teve que realmente interferir, foi lamentável: entre as dezenas de feridos, vinte pessoas morreram. E assim demonstrou-se o quanto as sociedades americanas importavam-se com o fenômeno que, em relação ao disco voador, pertencia à Guerra Fria.

O 3º capítulo demonstrou não só o interesse das sociedades sobre as Luzes no Céu, mas as formas como os governos, especialmente o dos Estados Unidos, e os meios de comunicação, principalmente a imprensa de *O Cruzeiro*, utilizaram-nas aos seus propósitos. Ao contextualizar a Guerra da Coréia, demonstrou-se através de novos estudos acadêmicos, que o Brasil sofreu algumas tentativas do governo Truman para que mandasse soldados brasileiros àquela guerra, o que finalmente não aconteceu. Contudo, em 1952, no momento em que a Guerra da Coréia, entre uma trégua e outra, parecia não chegar ao fim, o próprio governo, pela primeira vez,

através da Força Aérea, informou oficialmente que seus pilotos passaram a relatar Luzes no Céu, próximas aos seus bombardeiros. Se foi o objetivo ou não do governo em desviar as atenções do que acontecia na península coreana, depois daquela declaração oficial, constatou-se que as notícias sobre discos voadores passaram a dividir as manchetes dos jornais com notícias sobre a Coréia.

Os meios de comunicação, como a indústria cinematográfica, desde 1951 vinham explorando o fenômeno, produzindo longas-metragens, protagonizadas por extraterrestres. Com base em um daqueles filmes, *O Dia em que a Terra Parou*, esta dissertação demonstrou o quanto o tema Nuclear preocupava as sociedades no início dos anos 1950. O filme também expôs parte daquele imaginário, pois, conforme o seu roteiro, o disco voador, que desceu num dos parques de Washington era, para alguns personagens, um objeto voador pertencente à União Soviética.

A imprensa também usufruiu do tema deste estudo, o imaginário sobre as Luzes no Céu. No mesmo ano de 1952 em que aqueles filmes de ficção científica eram exibidos no mundo ocidental, no Brasil, a revista *O Cruzeiro* surpreendia as *democracias livres* com uma reportagem completa com redação de João Martins e fotografias de Ed. Keffel sobre um disco voador iluminado que havia aparecido no céu da Barra da Tijuca, enquanto aquela dupla jornalística preparava, segundo ela, uma reportagem sobre os casais de namorados. Conforme Accioly Netto, diretor editorial do semanário, o início dos anos 1950 foi o período de *glória* de *O Cruzeiro*, em que o mesmo popularizou-se no Brasil; e, após a reportagem de Martins e Keffel, no mundo.

O capítulo demonstrou também o interesse do público brasileiro sobre as Luzes no Céu, através de cartas que o mesmo escrevia a *O Cruzeiro*. Nas correspondências, os leitores brasileiros confirmavam a sua preocupação com o fenômeno, às vezes declarando-se crédulos, às vezes profundamente cépticos, mas indiferentes, jamais. E o próprio semanário não poderia ser indiferente às mensagens de seus apreciadores: afinal, a coluna reservada àquelas cartas, *Escreve o Leitor*, além de ser uma medida acerca da popularidade da revista, a mesma não corria perigo algum, desde que comunicasse assuntos como discos voadores e não temas delicados para o ano de 1952, como os pró-comunistas. Aliás, aquele era um ano em que o capitalismo combatia o comunismo na Coréia.

Provavelmente tenha sido por causa daquilo, que 1952 foi o ano dos discos voadores, um ano em que os relatos, as citações da imprensa e dos governos acerca do fenômeno acentuaram-se absurdamente se comparados com qualquer outro ano. A constatação disso veio do próprio governo Truman que autorizou a criação do *Project Blue Book*, assim como a total cooperação daquele projeto com a imprensa em relação aos relatos sobre Luzes no Céu registrados pelo mesmo.

Acerca do principal objetivo deste capítulo, ou seja, perceber como os governos, principalmente dos EUA, utilizaram o imaginário sobre as Luzes no Céu em suas políticas, demonstrou-se que o governo Truman satisfazia-se em exibir-se, como defensor das *nações livres*, à disposição da sociedade estadunidense que estava verdadeiramente preocupada com o fenômeno; daquela forma, através do Pentágono e de altos oficiais da Força Aérea, demonstrava a sua imagem política para os *povos livres*: o quanto interessava-se por suas questões. E os discos voadores eram, para aquelas sociedades, uma das, senão a mais angustiante: como ficou constatado a partir das declarações oficiais da Força Aérea dos EUA, sobre os sinais nas torres de radar.

Se o fenômeno dos discos voadores é verdadeiro ou não – como se disse algumas vezes neste trabalho – não importa. O importante é que a sua imagem, a sua luz no céu, modificou realidades, incentivou ações, transportou atenções, originou novas questões, significados e conceitos. A imagem do disco voador que nasceu nos Estados Unidos da América, e de lá foi transportada para o mundo, pertenceu ao fenômeno das Luzes no Céu. Um fenômeno, uma raridade, que sempre existiu e irá existir, pois a humanidade, provavelmente, nunca saberá de tudo.

A imagem do disco voador que converteu-se num fenômeno da Guerra Fria ainda hoje é atual. Às vezes, comentada calorosamente pelas sociedades; às vezes utilizada sutilmente pelos políticos, e as últimas declarações do governo britânico atestaram isso. Talvez na antiguidade tenha sido assim, talvez sempre será assim.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Vágner Camilo. *Da Itália à Coréia: decisões sobre ir ou não à guerra*. Belo Horizonte: UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2007.
- BARROS, José D'Assunção. *O campo da História: especialidades e abordagens*. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2004.
- BERLITZ, Charles; MOORE, William L. *Incidente em Roswell*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.
- BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade*. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1987.
- BURKE, Peter. *O que é história cultural?* Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- CASCUDO, Luiz da Câmara. *Geografia dos mitos brasileiros*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1976.
- CHAGASTELLES, Tânia. *A paz americana. Da Guerra Fria à coexistência pacífica. Ciências e Letras*, Porto Alegre, 1996.
- CLARKE, Arthur C. *2010: uma odisséia no espaço II*. 5. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, (s/a).
- COELHO, Maria Beatriz R. DEV. *O campo da fotografia profissional no Brasil. Varia História*, Belo Horizonte: UFMG, Departamento de História, Programa de Pós-Graduação em História, v. 22, n. 35, jan./jun. 2006.
- COLEÇÃO CORREIO DO POVO, Porto Alegre, julho de 1947.
- COLEÇÃO DIÁRIO DE NOTÍCIAS, Porto Alegre, maio de 1952.
- _____. Porto Alegre, agosto de 1947.
- _____. Porto Alegre, setembro de 1947.
- COLEÇÃO MISTÉRIOS DO DESCONHECIDO. *O fenômeno OVNI*. Rio de Janeiro: Abril, 1992.
- COLEÇÃO O ESTADO DE SÃO PAULO, São Paulo, jun./jul. 1952.
- DETZER, Karl. *Os que rompem o bloqueio de Berlim. Seleções*, Rio de Janeiro, n. 90, julho de 1949.
- DURAND, Gilbert. *O retorno do mito: introdução à mitologia. Mitos e sociedades. Famecos*, Porto Alegre, n. 23, abril de 2004.
- ESCREVE O LEITOR. *O Cruzeiro*, Rio de Janeiro, p. 4, junho de 1952.

_____. *O Cruzeiro*. Rio de Janeiro, p. 4, outubro de 1952.

_____. *O Cruzeiro*. Rio de Janeiro, p. 4-6, novembro de 1952.

EXFEN, Jack Poll; WISBERG, Aubrey. *O Homem do Planeta X*. Direção: Edgar G. Ulmer. Estados Unidos da América, 1951. P/B. Duração: 72min. 10s.

FERRAZ, Francisco César Alves. *A guerra que não acabou: a reintegração social dos veteranos da Força Expedicionária Brasileira (1945-2000)*. Tese de Doutorado. São Paulo: USP, 2003.

FLORES, Moacyr. *Gaúcho: história e mito*. Porto Alegre: EST, 2007.

FORTUNATO, Ederli. Orson Welles e a Guerra dos Mundos: 65 anos de uma farsa. Disponível em: <www.omelete.com.br/game/100001616.aspx. 30/10/2003>. Acesso: 16 set. 2008.

GADDIS, John Lewis. *História da Guerra Fria*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

GIACONETTI, Milton José. *As Luzes no Céu: das bolas de fogo aos discos voadores (1947-1952)*. Monografia de Conclusão. Porto Alegre: PUCRS, 2001.

GOMES, Ângela de Castro. *A Escrita de si, Escrita da História*. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

HOBSBAWN, Eric J. *A Era dos Extremos: o breve século XX, 1914 – 1991*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

JAMES, Edwin H. Quando Orson Welles Invadiu a Terra. *Seleções*, Rio de Janeiro, n. 113, junho de 1951.

JUNG, Carl Gustav. *Um mito moderno sobre coisas vistas no céu*. Petrópolis: Vozes, 1988.

KEYHOE, Donald E. *A verdade sobre os discos voadores*. Rio de Janeiro: Livraria Clássica Brasileira, 195[?].

_____. O mistério do século XX. Os discos voadores existem. *O Cruzeiro*, Rio de Janeiro, julho de 1952.

KEYHOE, Donald. O mistério do século XX. Os discos voadores existem. *O Cruzeiro*, Rio de Janeiro, jun. 1952.

KISSINGER, Henry. *A diplomacia das grandes potências*. 2. ed. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1999.

KOBALL, Alexandre. O dia em que a Terra parou. 17 de outubro de 2004. Disponível em: <www.cineplayers.com/critica.php?id=106>. Acesso: 10 set. 2008.

KONDER, Leandro. *História das idéias socialistas no Brasil*. São Paulo: Expressão Popular, 2003.

LE GOFF, Jacques. *Para um novo conceito de Idade Média. Tempo, Trabalho e Cultura no Ocidente*. Lisboa: Estampa, 1979.

_____. *História e Memória*. 4. ed. Campinas: UNICAMP, 1996.

LEDERER, Charles. *O Homem do Ártico*. Direção: Christian Nyby. Estados Unidos da América, 1951. P/B. Duração: 83min. 33s.

LISSNER, Ivar. *Os Cézares*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1985.

MAGNOLI, Demétrio. *Da Guerra Fria a détente: política internacional contemporânea*. Campinas: Papyrus, 1988.

_____. *O mundo contemporâneo: relações internacionais, 1945-2000*. São Paulo: Moderna, 1996.

MARTINS, João, Keffel Ed.. O maior mistério dos nossos tempos. Da Terra ou de outro planeta. *O Cruzeiro*, Rio de Janeiro, n. 32, maio de 1952.

MEDVEDEV, Zhores A.; MEDVEDEV, Roy A. *Um Stalin desconhecido*. Rio de Janeiro: Record, 2006.

MOON, Peter. Uma luz no firmamento. *Isto É*, São Paulo n. 1436, abril de 1997.

MUNTEAL, Oswaldo; GRANDI, Larissa. *A imprensa na história do Brasil – Fotografia no século XX*. Rio de Janeiro: PUC; Rio de Janeiro: Desiderata, 2005.

NETTO, Accioly. *O Império de papel: os bastidores de O Cruzeiro*. Porto Alegre: Sulina, 1998.

NORTH, Edmund; BATES, Harry. *O dia que a Terra parou*. Direção: Robert Wise. Estados Unidos da América, 1951. P/B. Duração: 90min. 16s.

PEARSON, Drew. Carrossel do mundo. Os discos voadores. *O Cruzeiro*, Rio de Janeiro, n. 49, setembro de 1952.

PRINTY, Timothy. *Mitos populares de Roswell*. Disponível em: <www.ceticismoaberto.com/ufologia/mitosroswell.html>. julho de 2002. Acesso: 20 ago. 2008.

RUPPELT, Edward J. *Discos voadores: Relatório sobre os objetos aéreos não Identificados*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1959.

STEINBERG, Alfred. *O presidente e a guerra*. Rio de Janeiro: Lidador, 1965.

TARR, David W. *Nos Bastidores da Guerra Fria*. Rio de Janeiro: Victor Publicações, 1968.

THOMAS, Dave. *The Roswell Incident and Project Mogul*. Disponível em: <www.csicop.org/si/9507/roswell.html>. Acesso em: 19 abr. 2008.

TRUMAN, Harry S. *1946 – 1952, Years of Trial and Hope: Memoirs by Harry S. Truman*. New York: The New American Library, 1965. v. II.

TUCHMAN, Barbara W. *A Marcha da Insensatez: de Tróia ao Vietnã*. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1985.

VAISSE, Maurice. *As relações internacionais desde 1945*. Lisboa: Edições 70, 1995.

VALIM, Alexandre B. “Os marcianos estão chegando”: as divertidas e imprudentes reinvenções de um ataque alienígena no cinema e no rádio. *Diálogos*, Maringá: VEM. Departamento de História, Programa de Pós-Graduação em História, v. 9, n. 3, 2005.

VIZENTINI, Paulo Fagundes. *A Guerra Fria: O desafio socialista à ordem americana*. Porto Alegre: Leitura XXI, 2004.

VIZENTINI, Paulo G. Fagundes. *Da Guerra Fria à crise (1945-1992): as relações internacionais contemporâneas*. 2. ed. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1992.

VOLKOGONOV, Dmitri. *Stalin: Triunfo e Tragédia, 1939-1953*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004. v. 2.

WOLFSON, Victor. *História de um homem comum: Truman e sua época*. Rio de Janeiro: Record, 1966.

ZORGBIBE, Charles. *História de las relaciones internacionales, 2: Del sistema de yalta a nuestros días*. Madrid: Alianza 1997. v. 2.